



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

GECIELLI ESTEFANIA FRITZEN

**O EMPODERAMENTO FEMININO ATRAVÉS DO TRABALHO EM  
*VASTO MUNDO* (2001) E *OUTROS CANTOS* (2016), DE MARIA  
VALÉRIA REZENDE**

Florianópolis

2019



**GECIELLI ESTEFANIA FRITZEN**

**O EMPODERAMENTO FEMININO ATRAVÉS DO TRABALHO EM *VASTO MUNDO*  
(2001) E *OUTROS CANTOS* (2016), DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutora em Literatura.

**Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Rosana Cássia Kamita**

**Florianópolis**

**2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

FRITZEN, Gecielli Estefania

O empoderamento feminino através do trabalho em Vasto mundo (2001) e Outros cantos (2016), de Maria Valéria Rezende / Gecielli Estefania FRITZEN ; orientadora, Rosana Cássia KAMITA, 2019.

151 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Literatura, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Empoderamento feminino. 3. Maria Valéria Rezende. 4. Vasto mundo. 5. Outros cantos. I. KAMITA, Rosana Cássia . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

Gecielli Estefania Fritzen

**Título:** O empoderamento feminino através do trabalho em Vasto mundo (2001)  
e Outros cantos (2016), de Maria Valéria Rezende

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora  
composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Rosana Cássia Kamita, Dr(a).  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Algemira Mendes, Dr(a).  
Universidade Estadual do Piauí

Prof.(a) Cláudia Junqueira de Lima Costa, Dr(a).  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Márcio Markendorf, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado  
adequado para obtenção do título de doutora em Literatura

---

Prof. Dr. Márcio Markendorf  
Coordenador(a) do Programa

---

Prof. Dr.(a) Rosana Cássia Kamita  
Orientador(a)

Florianópolis, 30 de setembro de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata a Deus por tudo.



Observo em mim mesma as mudanças da estação: eu claramente mudo com  
elas (LISPECTOR, 2004 p. 27)





## RESUMO

Nesta pesquisa de doutorado, realizou-se a leitura crítica do empoderamento feminino através do trabalho nos romances *Vasto mundo* (2001) e *Outros cantos* (2016) da escritora brasileira Maria Valéria Rezende. Foram pesquisados os diversos significados que a palavra trabalho possui, os sentimentos que o ato de trabalhar traz para os sujeitos, a falsa dicotomia entre trabalho formal versus trabalho informal, além do levantamento de alguns romances brasileiros de autoria feminina que têm surgido nas últimas décadas que trazem para o centro de suas ficções personagens mulheres trabalhadoras. Pensou-se também sobre o conceito da palavra poder e o empoderamento apresentadas por Michael Foucault, Chimamanda Ngozi, Joice Berth, Magdalena León, Margareth Schuler, Srilatha Batliwala e Stephanie Riger reiterando a importância da centralidade do trabalho no processo de empoderamento. Alguns conceitos e características da interseccionalidade também foram estudados. Para a análise do processo de empoderamento das mulheres tomou-se como base os componentes cognitivos, psicológicos, políticos e econômicos de acordo como que nos aponta Nelly Stromquist. Foram selecionadas para a análise as personagens mulheres trabalhadoras: Mocinha (passou pelo processo de empoderamento cognitivo, econômico e psicológico) e Eulália (desenvolveu o empoderamento nos campos cognitivo, psicológico e político) presentes no romance *Vasto mundo* (2001) e Maria (nos polos cognitivo, psicológico e político) em *Outros cantos* (2016), da escritora Maria Valéria Rezende.

Palavras-chave: Empoderamento feminino. Trabalho. Maria Valéria Rezende. *Vasto mundo*. *Outros cantos*.



## ABSTRACT

In this doctoral research, we performed the critical reading of female empowerment through the work in the novels *Vasto mundo* (2001) and *Outros cantos* (2016) by Brazilian writer Maria Valéria Rezende. We researched the various meanings that the word work has, the feelings that the act of working brings to the subjects, the false dichotomy between formal versus informal work, and the survey of some Brazilian female author novels that have emerged in the last decades. They bring to the center of their fictions working women characters. Thought was also given to the concept of the word power and empowerment presented by Michael Foucault, Chimamanda Ngozi, Joice Berth, Magdalena Leon, Margareth Schuler, Srilatha Batliwala and Stephanie Riger reiterating the importance of the centrality of work in the empowerment process. Some concepts and characteristics of intersectionality were also studied. For the analysis of the empowerment process of women, the cognitive, psychological, political and economic components were based on Nelly Stromquist. The following characters were selected for analysis: Mocinha (underwent the process of cognitive, economic and psychological empowerment) and Eulalia (developed empowerment in the cognitive, psychological and political fields) present in the novel *Vasto mundo* (2001) and Maria (in the poles cognitive, psychological and political) in *Outros cantos* (2016), by writer Maria Valéria Rezende.

Keywords: Female empowerment. Job. Maria Valéria Rezende. *Vasto mundo*. *Outros cantos*.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>19</b>
1.1 CONCEITO DA PALAVRA TRABALHO.....	19
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>27</b>
2.1 ALGUNS ROMANCES DA LITERATURA BRASILEIRA QUE TRAZEM COMO TEMA PRINCIPAL O TRABALHO DAS MULHERES.....	27
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>43</b>
3.1 CONCEITOS DA PALAVRA EMPODERAMENTO.....	43
3.2 A PALAVRA PODER E SUA RELAÇÃO IMBRICADA COM O EMPODERAMENTO.....	50
3.3 O EMPODERAMENTO E SUAS APLICABILIDADES PRÁTICAS E TRANSFORMADORAS.....	58
3.4 AS QUATRO FACETAS DA DEFINIÇÃO DE EMPODERAMENTO QUE SERÃO UTILIZADAS NO DECORRER DA LEITURA CRÍTICA DOS ROMANCES VASTO MUNDO (2001) E OUTROS CANTOS (2016), DE MARIA VALÉRIA REZENDE.....	66
3.5 INTERSECCIONALIDADE.....	67
<b>CAPÍTULO 4.....</b>	<b>79</b>
4.1 FORTUNA CRÍTICA SOBRE OS ROMANCES DA ESCRITORA MARIA VALÉRIA REZENDE.....	79
4.2 TEMPO E ESPAÇO EM <i>VASTO MUNDO</i> (2001).....	88
<b>4.2.1 Resumo de <i>Olhares</i>.....</b>	<b>90</b>
<b>4.2.2 Resumo de <i>O tempo em que dona Eulália foi feliz</i>.....</b>	<b>91</b>
4.3 TEMPO E ESPAÇO EM <i>OUTROS CANTOS</i> (2016).....	92
<b>4.3.1 Resumo de <i>Outros cantos</i>.....</b>	<b>93</b>
4.4 RECORTES DA PESQUISA.....	95
<b>CAPÍTULO 5.....</b>	<b>97</b>
5.1 MOCINHA: O AUTOCUIDADO É TRANSFORMADOR E EMPODERADOR.....	97
5.2 EULÁLIA: AUTOCONHECIMENTO E CURA NO PROCESSO DE EMPODERAMENTO.....	111
5.3 MARIA: CONSCIENTIZAR É EMPODERAR MULHERES TRABALHADORAS.....	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>147</b>



## INTRODUÇÃO

No decorrer do primeiro capítulo pretendemos pensar os significados que a palavra trabalho possui, os sentimentos que o ato de trabalhar traz para cada um dos indivíduos dependendo da relação que possuem com as atividades que desenvolvem, a falsa dicotomia entre trabalho formal versus trabalho informal, a percepção do que os sujeitos fazem do ser trabalhador a partir da bagagem cultural e de experiências que possuem, a presença de alguns personagens trabalhadores e não trabalhadores na literatura nacional ou internacional e a importância de reconhecer a mulher enquanto sujeito trabalhador. Estas questões serão desenvolvidas a partir das teorias propostas por Suzana Albornoz e por Ricardo Antunes.

No processo de desenvolvimento do segundo capítulo, pretendemos desconstruir a ideia de que as mulheres nunca trabalharam, mostrar como a questão da maternidade esteve majoritariamente sobre as costas das genitoras e elucidar a dificuldade que as mulheres encontraram ao longo do tempo para poder viver exclusivamente através de seus trabalhos. Nesse sentido, serão utilizadas as referências *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* (1988), de Michelle Perrot e *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989), de Joan Scott. Nas últimas décadas têm surgido escritoras que trazem para o centro de suas ficções o tema da mulher trabalhadora. São algumas destas autoras e alguns de seus romances: Raquel de Queiroz (*O quinze* (1930), *Memorial de Maria Moura* (1992)); Lya Luft (*As parceiras* (1980), *Ponto cego* (1999)); Patrícia Galvão (*Parque Industrial* (2006) e Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014). Ajudam a compor este grupo também Clarice Lispector (*A hora da estrela* (1998); Conceição Evaristo (*Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2013)) e Maria Valéria Rezende (*Vasto mundo* (2001), *Outros cantos* (2016), *O voo da guará vermelha* (2014) e *Quarenta dias* (2014)).

É a partir dessas imagens que gostaríamos de desenvolver no terceiro capítulo algumas considerações pertinentes para pensarmos a questão do empoderamento das mulheres a partir dos diversos significados que esta palavra possui, refletir sobre o conceito da palavra poder e alguns de seus usos no passado e no presente. Igualmente é nosso objetivo pensar sobre o surgimento da palavra empoderamento e a importância do seu contexto social. Apresentar as contribuições referentes às teorias apresentadas por diversas pesquisadoras no que se refere aos diversos processos pelos quais as mulheres trabalhadoras podem se empoderar além de reiterar a importância da centralidade do trabalho no processo de empoderamento da mulher a partir das teorias propostas por Michael Foucault, Chimamanda Ngozi, Joice Berth, Magdalena León, Margareth Schuler, Srilatha Batliwala e Stephanie Riger reiterando a importância da centralidade do trabalho no processo de empoderamento. Para a análise do processo de empoderamento das mulheres tomou-se como base os



componentes cognitivos, psicológicos, políticos e econômicos de acordo como que nos aponta Nelly Stromquist. Também serão desenvolvidos alguns conceitos e características da interseccionalidade.

No quarto capítulo, serão apresentadas algumas pesquisas que possuem como objeto de estudo os romances da escritora Maria Valéria Rezende. São alguns dos autores e autoras e suas pesquisas: Vera Helena Picolo Ceccarello e seu artigo *O debate acerca do regionalismo nos dias atuais: O caso da obra de Milton Hatoum* (2010), *A representação da velhice em Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende* (2018), de autoria de Ana Lúcia de Souza Neves e Bruno Santos Melo. *Quarenta dias em território selvagem: a crítica feminista e a literatura de Maria Valéria Rezende* (2017) da pesquisadora Renata Cristina Sant'Ana. Também Beatriz Vieira de Resende e Nismária Alves David elaboraram um estudo denominado *A cidade e a escrita do corpo em Quarenta Dias* (2016). *A mulher possível do sertão de Outros Cantos* (2018), de Maria Valéria Rezende foi de autoria de Juliana Silveira Paiva e Andrea Cristina Martins Pereira. O texto intitulado *'Um lugar fora de lugar': mulher e o sertão em Maria Valéria Rezende* (2018) foi escrito pela professora Juliana Santini. *Os novos realismos nas vozes narrativas de Outros Cantos, de Maria Valéria Rezende, e A hora da estrela, de Clarice Lispector* (2017) foi pesquisado por Frédéric Grieco e Pedro Carlos Louzada Fonseca. Fernanda Aquino Sylvestre desenvolveu o artigo: *Resgatando identidades por meio da solidariedade e da literatura: Uma análise das personagens Rosálio e Irene em O vôo da guará vermelha, de Maria Valéria Rezende* (2014).

No quinto capítulo nos debruçaremos a realizar uma leitura crítica dos romances *Vasto mundo* (2001), e *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende levando em consideração as questões relacionadas com o empoderamento feminino. Foram selecionadas para a análise as personagens mulheres trabalhadoras: Mocinha, de *Vasto mundo* (2001) que passou pelo processo de empoderamento cognitivo, econômico e psicológico. Eulália, pertencente ao mesmo romance que desenvolveu o empoderamento nos campos cognitivo, psicológico e político e Maria em *Outros cantos* (2016), que realizou seu empoderamento nos polos cognitivo, psicológico e político.

A personagem Mocinha presente no romance *Vasto mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende é uma jovem mulher que trabalha como atendente em uma panificadora na cidadezinha onde vive. Esta atividade laboral é caracterizada pela informalidade visto que a jovem não necessita de um grau elevado de instrução para desempenhá-lo. No entanto, a jovem passa a observar-se de forma diferente e positiva a partir do momento em que é percebida socialmente. Isso ocorre porque até então essa percepção do outro sobre si nunca havia ocorrido, seja pelas pessoas de sua família ou mesmo daquelas pertencentes ao seu círculo social. E a partir do momento em que se sente percebida socialmente que se iniciam na jovem alguns movimentos em prol de si mesma, a exemplo de ela conseguir um segundo emprego no período das eleições políticas o que lhe possibilita ganhos financeiros maiores e que podem suprir de modo mais satisfatório suas necessidades

socioeconômicas. Conjugam-se com estas transformações sociais também mudanças psicológicas profundas. Mocinha passa a desempenhar sobre si própria um autocuidado que afeta inclusive sua autoestima, pois passa a amar-se mais, cuidar-se mais e a valorizar mais a si mesma e suas escolhas.

O processo de transformação da personagem Eulália presente no romance *Vasto mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende se inicia a partir do momento em que ela, que vivia e trabalhava como doméstica em sua própria residência passa a ficar sozinha pois seu esposo e fazendeiro Paulo Honório é acometido por uma enfermidade desconhecida. Eulália se percebe completamente só e sem saber o que fazer perante os muitos comandos que precisa dar em relação à administração geral da fazenda uma vez que estes eram executados até então exclusivamente por seu marido. É também nesse processo cognitivo marcado pelo estranhamento de perceber-se completamente só em sua própria casa, que a fazendeira passa a refletir sobre sua própria vida.

Neste estado de completa solidude Eulália sente que não está mais do seu lado aquele marido que a agredia nos aspectos corporais e mentais, seja fazendo-a se sentir pequena de modo físico (pois, vivia de modo encolhido, reprimido, entristecido) e inclusive de modo psicológico (desvalorizando suas ações, subestimando-a, apequenando-a, gritando consigo). Eulália também se percebe dona de exatamente tudo aquilo que seu olhar pode avistar. Eulália a partir do momento que se vê em condições de administrar as questões da fazenda o faz de forma totalmente diferente daquela que desempenhava seu esposo. Isso ocorre porque Eulália o faz de forma equilibrada e humanizada e levando em consideração as reais necessidades socioeconômicas daquelas pessoas que dependem de si e de suas decisões.

A personagem Maria presente no romance *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende é uma mulher balzaquiana que decide viver no povoado de Olho D'Água. Sendo professora e militante seu objetivo é conscientizar a população daquela comunidade pelos motivos os quais eles estão imersos na realidade socioeconômica em que se encontram. O empoderamento da personagem Maria se dá muito fortemente na questão cultural, pois desde o instante em que ela desembarca em Olho D'Água até o dia em que precisa sair dessa localidade por motivos políticos, a professora altera sua visão sobre aquela comunidade e sobre ela própria de forma profunda. De maneira que é muito a partir da presença da tecelã e amiga Fátima que Maria aprende o valor dos raros alimentos e da água, compreende o sentido simbólico da chuva, pois a mesma denota vida, passa a perceber que muito do que faz aquela comunidade manter-se viva perante as muitas dificuldades é a fé e a esperança por dias melhores.

Enfim, o objetivo é mostrar como o empoderamento feminino pode se desenvolver de várias formas, seja através da questão econômica, uma nova percepção e olhar sobre si seja através de uma elevação da autoestima ou mesmo através da conscientização do processo de violência física e psicológica em que se vive e os movimentos que se pode realizar para mudar situações assim. O

empoderamento também atinge mulheres de várias idades e classes sociais de modo a se configurar como um fenômeno bastante complexo ao mesmo tempo que transformador.

## CAPÍTULO 1

No decorrer deste capítulo, pretendemos pensar os significados que a palavra trabalho possui; os sentimentos que o ato de trabalhar traz para cada um dos indivíduos dependendo da relação que possuem com as atividades que desenvolvem; a falsa dicotomia entre trabalho formal *versus* trabalho informal; a percepção de que os sujeitos fazem do ser trabalhador a partir da bagagem cultural e de experiências que possuem, a presença de alguns personagens trabalhadores e não trabalhadores na literatura nacional ou internacional e a importância de reconhecer a mulher enquanto sujeito trabalhador.

### 1.1 CONCEITO DA PALAVRA TRABALHO

De acordo com Suzana Albornoz a palavra trabalho possui muitos sentidos. Em nosso idioma esta palavra teria origem no latim *tripalium* que inicialmente faz referência a um objeto de tortura. “A *tripalium* se liga o verbo do latim vulgar *tripaliare*, que significa justamente torturar” (ALBORNOZ, 2008, p. 10).

O significado atribuído para a palavra trabalho, parece estar diretamente relacionado com os sentimentos e sensações físicas e psicológicas que este ato traz para quem o executa, pois segundo a autora:

Carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga [...] esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável [...] Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura. É o homem em ação para sobreviver e realizar-se [...] a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida (ALBORNOZ, 2008, p. 8, 9).

Dada a amplitude da questão do trabalho, também a escritora brasileira Clarice Lispector, no período em que escreve crônicas que foram “publicadas no *Jornal do Brasil* [...] praticamente todos na primeira pessoa, uma não ficção, discutindo filosofia de vida e a tentativa de compreender o mundo” (LISPECTOR, 2004, p. 185) podemos ter a oportunidade de mergulhar nos pensamentos que norteiam o cotidiano da autora. De maneira que também Clarice se viu em alguns momentos de sua vida imersa nas muitas contradições que suscitam o tema do trabalho e o sentimento do ato de trabalhar, conforme verificamos através das suas próprias palavras:

Não gosto das pessoas que se gabam de trabalhar penosamente. Se o seu trabalho fosse assim tão penoso mais valia que fizessem outra coisa. A satisfação que o nosso trabalho nos proporciona é sinal de que sabemos escolhê-lo [...] Trabalhar é um atordoamento” (LISPECTOR, 2004, p. 79, 81).

Comumente se separa o trabalho físico, braçal ou informal do trabalho intelectual ou formal. Atrai-se ao primeiro exclusivamente as aptidões físicas do ser humano enquanto que no segundo estariam envolvidas unicamente as capacidades mentais. No entanto, para Albornoz “parece míope e interesseira esta classificação que divide trabalho intelectual e trabalho corporal” (ALBORNOZ, 2008, p. 11). Esta expressão se justifica, pois segundo a socióloga em ambas as funções se utilizam tanto o corpo quanto a mente em maior ou menor grau dependendo da atividade que se está desenvolvendo.

## 1.2 TRABALHO FORMAL E INFORMAL

Não poderíamos deixar de refletir sobre os diferentes significados e visões que o trabalho braçal e intelectual suscita para algumas pessoas. Percebemos que para os indivíduos que tem uma criação e cultura fortemente vinculadas ao meio interiorano ou rural, o trabalho que envolve o sacrifício de acordar ainda de madrugada, labutar o dia todo no campo e retornar para casa depois do pôr do sol ou a noite, parece ser a única forma pela qual um sujeito pode ser considerado digno, honrado, e de fato, trabalhador, isso porque o trabalho é realizado através das “suas próprias mãos, que o labor corajoso endurecera” (QUEIROZ, 1930, p.118). Isso equivale a dizer, que qualquer atividade que não envolva ou se assemelhe a estas características de sacrifício com o corpo, de lida com a natureza e de muitas horas diárias expostas às mais variadas condições climáticas do tempo, não constitui de fato, trabalho. Ou seja, os trabalhos que envolvam mais as atividades com a mente do que com o corpo não seriam tão respeitados por essas pessoas, chegando a causar em alguns casos, inclusive, certa hostilidade.

É válido destacar também o outro lado da moeda, pois assim como algumas pessoas do meio interiorano podem ver com hostilidade aqueles que consideram como sendo de “colarinho branco” - ou seja, trabalhadores que desenvolvem suas atividades no meio urbano e em repartições públicas e particulares e que geralmente não sujam as mãos no desenvolvimento das suas atividades laborais - também há de se levar em consideração que estes últimos também podem ter uma visão distorcida ou pejorativa em relação aos modos de vida e de trabalho daqueles que vivem no campo. Este fator pode estar relacionado com crenças muito particulares e inclusive permeado por preconceitos diversos, seja por meio dos modos de vestir, pela fala, pelos costumes, ou ainda outros fatores conforme nos aponta magistralmente o filme *Tapete vermelho* (2007)<sup>1</sup> cujos personagens caipiras são brilhantemente representados pelos atores brasileiros Matheus Nachtergaele e Gorete Milagres.

---

<sup>1</sup> Uma família de agricultores decide ir para a cidade assistir a um filme de Mazzaropi. No entanto, durante o percurso da viagem eles se deparam com situações em que são estigmatizados por algumas pessoas que vivem no meio urbano devido às suas origens socioeconômicas, linguagem típica da região rural e aparência física.

Quando alguns jovens descendentes das gerações dos trabalhadores do campo decidem romper com suas tradições e migrar para os centros urbanos em busca de outras formas de conhecimento (como a carreira acadêmica, por exemplo) cultura, modos de vida e conseqüentemente trabalho, não podem contar com apoio dos familiares, pois geralmente são tratados de forma dura e questionadora, com perguntas, como: Você ainda está estudando? Quando vai terminar os estudos? Está ganhando bem? Entre outras questões. Isto para não citar os exemplos em que direta ou indiretamente há forte associação entre trabalho intelectual e “vadiagem”, como se um fosse sinônimo de outro e como se o ócio ou o tempo de descanso não tivessem importância crucial na vida do ser humano. Além de ser completamente desconsiderado o fato de que o estresse e estafa mental decorrentes do trabalho mental muitas vezes levam dias e inclusive semanas para ser completamente recuperados.

Destacamos que não é nosso intuito generalizar estas questões, pois felizmente sabemos de casos em que há jovens que são totalmente apoiados pelos pais nos seus mais variados sentidos (econômico, emocional, etc), chegando, muitos inclusive, a se sacrificarem para que seus filhos completem os estudos. No entanto, sentimos necessidade de destacar estas informações, pois infelizmente sabemos também de casos em que esta realidade é vivida e sofrida por muitos jovens que almejam um futuro e uma forma de trabalho e de vida diferentes para si em relação àquelas vividas pelos seus antepassados e, quando se dispõem a conquistar sua tão sonhada independência, pagam alto preço. Exemplo disso é representado na literatura do nosso país através de jovens personagens mulheres que almejavam estudar, mas encontravam (e acreditamos que ainda encontrem) nas barreiras culturais de seus pais e mães o empecilho e o preconceito contra a aquisição das letras e dos números por parte de seus filhos e filhas. As amarras se davam ainda mais fortemente com as meninas, conforme nos mostram os estudos de Gilberto Freyre referente ao fato de que na formação do nosso país e mais especificamente na transição de uma nação rural para outra urbana serem os rapazes aqueles que comumente iam para a Europa estudar os cursos de medicina, direito e engenharia para retornarem “doutores” e ocuparem os cargos de maior prestígio na sociedade.

A fala da personagem Maria Moura, do romance homônimo de Rachel de Queiroz, referente à condição das jovens mulheres no período do Brasil de meados do século XIX, representa muito bem esta questão, conforme nos mostra o exemplo vivido por ela própria “o velho preconceito, comum naquele sertão todo: ‘Moça não tem que aprender a ler, para não escrever bilhete para namorado... [...] Daí pai achou que já chegava de escola, que eu já sabia o bastante para me casar” (QUEIROZ, 1992, p. 307, 357). Infelizmente, esta mentalidade representada pelo pensamento do pai de Maria Moura não morreu com seus portadores. Ela prosseguiu e ainda permanece bastante viva nas regiões onde predominam o meio rural, pois foi passado de geração para geração. Seguindo a perspectiva dos costumes dos antigos, no decorrer da leitura do livro *O que é trabalho* (2008) de

Suzana Albornoz, nos recordamos de uma expressão bastante popular ouvida de pessoas mais velhas “na casa do bom homem (e da boa mulher) quem não trabalha, não come”. E é justamente no capítulo deste livro, denominado “Do que se tem pensado sobre o trabalho” (2008) que a autora faz referência à expressão de São Paulo, quando este diz “quem não trabalha não pode comer” sem fazer distinção a ninguém, ou seja, como expressão “incondicionalmente válida para todos” (ALBORNOSZ, 2008, p. 55).

Conseguimos compreender pelo menos parte dos porquês desse processo, quando Albornoz associa as ideias que se tem sobre o trabalho a partir da perspectiva religiosa, conforme o exemplo de São Paulo. Outras expressões usadas pela autora ajudam a elucidar a carga negativa que o ato de não trabalhar fomenta em boa parte dos indivíduos que possuem esta forma de pensamento: “O ócio era uma evasão antinatural e perniciosa” (ALBORNOSZ, 2008, p. 52) e “a perda de tempo é o primeiro e o principal de todos os pecados” (ALBORNOSZ, 2008, p. 54). Também nos chama a atenção o fato de que “a psicologia do homem religioso e do homem econômico coincidiram no empresário burguês dos tempos de austeridade, quando, para afirmar-se, a classe burguesa necessita da religião do trabalho” (ALBORNOSZ, 2008, p. 53).

Em contrapartida, nos é apresentada outra imagem referente ao trabalho, aos trabalhadores e às suas atividades laborais quando nos deparamos com outra passagem do romance de Dickens em que é feita referência à imagem do circo:

Los restantes miembros de la compañía de Sleary habíanse ido reuniendo poco a poco [...] Había entre ellos dos o três mujeres jóvenes y hermosas, con sus correspondientes dos o três maridos, sus correspondientes dos o três madres y sus ocho o nueve niños pequeños, que también trabajaban en el circo cuando había que hacer números de hadas. El padre de una de estas familias hacía un número sosteniendo al padre de otra de las familias e la extremidad de un palo muy largo; el padre de la tercera familia formaba muchas veces con los otros dos padres una pirámide, de la que maese Kidderminster era el ápice y él la base; y los tres padres de familia sabían bailar encima de barriles giratorios, sostenerse en pie sobre botellas, jugar con cuchillos y bolas, hacer girar jofainas, saltar en todo lo saltable y colgarse de un pelo. En cuanto a las madres, todas ellas sabían (y lo practicaban) bailar en el alambre flojo y en la cuerda tirante y hacer piruetas sobre caballos sin montura; todas ellas mostraban con la mayor despreocupación las piernas, y cuando hacían su entrada en una población, una de ellas guiaba sola un carro griego tirado por seis trotones. (DICKENS, p. 23,24).

Os ritmos de vida e de trabalho neste meio são muito próprios e voltados para o entretenimento do público e ao lazer das pessoas. É possível perceber que os sujeitos que trabalham neste meio são bastante humildes e talvez não tenham todas as condições materiais ao seu dispor, no entanto, é nítido como há uma solidariedade e um companheirismo na ajuda mútua entre os membros do grupo circense que está acima de qualquer verniz social e econômico. No entanto, apesar de tudo isso, os trabalhos desenvolvidos pelos membros de um circo ainda hoje são percebidos e tidos socialmente como trabalho menor, desqualificado e inclusive estigmatizado socialmente. Talvez isso

ocorra porque neste contexto de vida e de trabalho não há um objeto, um produto final o qual possa ser tocado, mensurado, materializado e vendido por determinado preço, como ocorre em uma fábrica que produz produtos em série. Não poderíamos deixar de trazer para esta pesquisa outra imagem do circo, que semelhante àquela apresentada no romance *Tempos Difíceis* em que tomamos conhecimento das acrobacias e malabarismos realizadas no picadeiro, a passagem demonstrada por Maria Valéria Rezende no romance *Vasto Mundo* (2015), também nos faz sentir os efeitos positivos que a chegada do circo causa nas pessoas de modo a marcar suas memórias por gerações e gerações:

Nossos avós contam e recontam que no tempo antigo não faltavam aqui em Farinhada as visitas dos circos, as caravanas dos ciganos que tocavam, dançavam, liam as sortes e roubavam cavalos, com o que ninguém se importava muito, pela alegria e pela distração que ofereciam. Lembram-se dos espetáculos dos mais afamados mamulengueiros da região e dos artistas mambembes que vinham com suas carroças coloridas, transformavam vinho em água, faziam chover com céu azul e sol quente e contavam histórias extraordinárias. Mas já faz muito tempo que foram rareando e desapareceram, deixando o povo da vila entregue ao radinho de pilha. Foi por isso que a chegada do Circo Internacional Irmãos Palovsky, mais conhecido como Circo Frente Única, num fim de Quaresma, causou grande alvoroço no povoado [...] A meninada abandonou a escola, ofereceu seus préstimos em troca de um bilhete grátis para a primeira função, ajudou a arrumar as arquibancadas, a espalhar o pó de serra e causou o desaparecimento de várias galinhas dos quintais da vila que acabaram regalando fartamente o triste leão meio desdentado (REZENDE, 2015, p. 141, 142).

Não há como negar o impacto e as transformações positivas que a chegada de um grupo circense causa nas pessoas de maneira geral, sejam elas, crianças, jovens ou adultos. Conforme o trecho acima nos mostra, a presença do circo suscita recordações passadas assim como cria o desejo da participação das crianças que querem se fazer presentes no espetáculo, independente de suas origens sociais e econômicas. Envolve também subjetividades e uma experiência cultural distinta em seus espectadores, pois envolve a fantasia, a curiosidade e um imaginar sem fim de possibilidades para as mais variadas apresentações. E é em meio a este turbilhão de sensações e expectativas que tudo aquilo que é material acaba ficando para o segundo plano, pois as lembranças e as alegrias que deixará o circo permanecerão depois de sua ida, pois também são elas impalpáveis e abstratas, semelhantes ao tempo. Isso também para dizer que as maneiras de conceber e valorizar determinados tipos de atividades laborais em detrimento de outras, parece estar diretamente relacionadas com as questões culturais, educacionais, de crenças e ideologias dos indivíduos. Mas também, a tudo aquilo que o mercado de consumo e os meios de comunicação buscam disseminar, em termos de produtos e informações, para que os sujeitos das mais variadas classes sociais se percebam consumidores ativos e por isso mesmo inseridos socialmente.

Ricardo Antunes, traz contribuições significativas para pensarmos quem são os trabalhadores no presente. O seu livro *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho* (2002) é chave para tal compreensão. No entanto, nos concentraremos mais especificamente em um



dos seus capítulos, denominado “A-classe-que-vive-do trabalho: a forma de ser da classe trabalhadora hoje” (2002). Antunes começa o capítulo acima afirmando que a classe-que-vive-do-trabalho é sinônimo de classe trabalhadora e abrange os indivíduos que trabalham, independente se suas atividades envolvam o trabalho manual direto ou não, pois faz referência “à totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho”. Ou seja, engloba “a totalidade dos trabalhadores assalariados” (ANTUNES, 2002, p. 102). De modo que são considerados trabalhadores:

Além do proletário industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital [...] além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase de expansão do desemprego estrutural (ANTUNES, 2002, p. 103).

Seguindo a linha de raciocínio traçada pelo pesquisador, não são considerados trabalhadores, portanto, “aqueles que, de posse de um capital acumulado, vivem de especulação e dos juros. Exclui também, em nosso entendimento, os pequenos empresários, a pequena burguesia urbana e rural proletária (ANTUNES, 2002, p. 104). Na literatura brasileira do século XIX temos o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1900,1997) do escritor Machado de Assis. É por meio do personagem principal que dá nome ao título do livro, que nos deparamos com grande amostra naquela época, dadas as devidas proporções sócio históricas, daquilo que Ricardo Antunes nos mostra hoje como sendo o grupo dos não trabalhadores, conforme nos relata orgulhosamente a fala de Brás Cubas: “Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto” (ASSIS, 1997, p. 239). Brás Cubas está no topo da pirâmide social. É a representação própria de uma elite. Infelizmente passados séculos depois dos mil e oitocentos, ainda hoje encontramos nos extremos sociais uma infinidade de sujeitos que mal possuem o que comer, conforme nos elucida a passagem do romance *Memorial de Maria Moura* (1992) em que um grupo de homens estão de passagem e sobre o ombro dos seus animais se encontram os sacos de farinha que lhe servirão de alimento e que foram arduamente conseguidos através do “suor do nosso rosto” (QUEIROZ, 1992, p. 258).

Feitas estas considerações iniciais, pretendemos no decorrer desta tese lançar um olhar mais específico referente às mulheres trabalhadoras e ao trabalho feminino, levando em consideração a perspectiva proposta por Margareth Rago:

O trabalho constitui um importantíssimo facto cultural, que mobiliza uma muito ampla série de relações sociais, e a sua omissão em qualquer análise histórico de qualquer tempo e lugar só pode levar ao insucesso ou à perduração daquela grande história, baseada nos grandes factos (batalhas e matrimônio principalmente) realizados por grandes homens (reis e demais dirigentes). Uma história que tenha em conta o papel activo e autónomo das classes subalternas não pode desprezar uma análise do marco do trabalho para ser completa. Como

também não pode deixar de lado a incorporação da análise do sujeito mulher como sujeito imerso numa realidade diferenciada e numa situação relacional diferente da do sujeito homem, ao menos em várias questões, entre elas o trabalho. (RAGO, 2012, p. 14,15).

É de grande importância trazer para as pesquisas atuais a figura da mulher trabalhadora justamente para mostrar através de dados que ela sempre participou e ainda participa atualmente como indivíduo que modifica sim seu meio através do seu labor, seja ele de caráter formal ou informal, independente se esta trabalhadora seja possuidora de um alto ou baixo grau de instrução escolar. De acordo com Ana Alice Costa:

Historicamente as mulheres têm estado do outro lado do poder, do lado da subalternidade [...] esta subalternidade, determinante na condição feminina, é fruto do seu papel de gênero. Sabemos que a sociedade através de suas instituições (aparelhos ideológicos), da cultura, das crenças e tradições, do sistema educacional, das leis civis, da divisão sexual e social do trabalho, constroem mulheres e homens como sujeitos bipolares, opostos e assimétricos: masculino e feminino envolvidos em uma relação de domínio e subjugação (COSTA, p. 3).

Essa situação permaneceu e ainda está muito arraigada no pensamento das pessoas de uma maneira geral de forma muito imbricada e naturalizada. Essa bipolaridade das atividades laborais desenvolvidas por homens e mulheres passa a ser rompida a partir do momento em que as mulheres tomam consciência dos papéis sociais desenvolvidos pelas gerações passadas, atentam-se para a sua realidade presente e realizam movimentos a curto e longo prazo a fim de modificar o rumo de suas vidas. A partir disso, suas existências se tornarão mais livres, independentes e calcadas no seu próprio querer e poder visto que há uma construção paulatina de novas possibilidades e oportunidades de atuação na sociedade, seja de nível pessoal ou profissional. Apesar de tudo isso, nos lembra Heleieth Saffioti que as mulheres não se encontram sós nesse processo que demanda movimentos constantes rumo a novas conquistas:

É preciso atentar, porém, para os diferentes significados da história. Do ponto de vista das classes sociais, podem-se distinguir, basicamente, dois sentidos da história: o das classes dominantes e o das classes subalternas. Do ângulo das categorias de sexo, as mulheres, ainda que façam história, têm constituído sua face oculta. A história oficial pouco ou nada registra da ação feminina no devir histórico. Isto não se passa apenas com mulheres. Ocorre com outras categorias sociais discriminadas, como negros, índios, homossexuais (SAFIOTTI, 2015, p. 11).

Não é apenas o homem, mas também a mulher se constitui enquanto sujeito a partir do momento em que trabalha. Isto porque, o ato de trabalhar suscita não apenas processos físicos e psicológicos naquele que o executa, mas afeta diretamente a constituição do próprio sujeito visto que há interação contínua entre si e os demais indivíduos que estão no seu entorno. Estas ações se dão porque quando desenvolvemos as atividades do labor, estamos interagindo direta ou indiretamente com aqueles que estão ao nosso redor, seja por meio das trocas de ideias, opiniões, posicionamentos, superação dos desafios e solução de problemas. Isso sem fazer menção à linguagem, pois enquanto

trabalhamos – em maior ou menor medida – nos comunicamos se não com nós mesmos (por meio de palavras e pensamentos) também com nossos colegas, seja por meio da linguagem verbal ou da linguagem não verbal que pode ser manifestada por meio de gestos, movimentos, sorrisos ou olhares. Também cabe destacar o papel da sociabilidade neste processo, uma vez que o convívio diário com os colegas de trabalho, pode fazer florescer laços entre estes sujeitos que podem vir a se estreitar para além das relações puramente profissionais ampliando-se também para outras esferas sociais.

É a partir dessas considerações que as observações acima, realizadas por Rago, Ana Alice Costa e Saffioti se fazem tão significativas e importantes. Porque, a partir do momento em que se acredita, se afirma e se considera - seja por parte de muitos pesquisadores ou das pessoas de modo geral - que a mulher nunca trabalhou, não trabalha ou tudo aquilo que ela executa não se constitui como sendo de fato trabalho simplesmente se exclui o sujeito mulher da história, das civilizações, dos povos, pois o que se está considerando a partir desta visão é que a mulher nunca existiu e ainda continua não existindo enquanto sujeito social. E, quando afirmamos sujeito social, temos em mente um indivíduo ativo, reflexivo e transformador tanto do seu meio mais particular como é o espaço doméstico quanto de forma mais ampla, em outros espaços, pois também neles ela está inserida e transforma cotidianamente, seja por meio de suas ideias, costumes, ensinamentos e experiência independentemente se este se caracteriza por sua formalidade, informalidade ou a fusão de ambos. Anular, fazer invisível, e não trazer à tona os muitos feitos realizados pelas mulheres trabalhadoras ao longo dos séculos significa o mesmo que realizar seu apagamento e invisibilidade, ou seja, afirmar sua não existência no mundo.

## CAPÍTULO 2

No processo de desenvolvimento deste segundo capítulo pretendemos fazer um levantamento referente a alguns romances brasileiros importantes de autoria feminina que têm surgido nas últimas décadas que trazem para o centro de suas ficções personagens mulheres trabalhadoras; mostrar como a questão da maternidade esteve majoritariamente sobre as costas das genitoras e elucidar a dificuldade que as mulheres encontraram ao longo do tempo para poder viver exclusivamente através de seus trabalhos. Igualmente pretendemos: Pensar a importância da “Divisão sexual do trabalho” (ou seja, a distribuição desigual de homens e mulheres no mercado do trabalho e na realização dos trabalhos domésticos); demonstrar a relação estreita entre a tríade classe, raça e gênero e como elas afetam diretamente e mais profundamente a mulher trabalhadora pobre; Expor possíveis alternativas para a questão da dupla jornada de trabalho que são realizadas majoritariamente pelas mulheres trabalhadoras.

### 2.1 ALGUNS ROMANCES DA LITERATURA BRASILEIRA QUE TRAZEM COMO TEMA PRINCIPAL O TRABALHO DAS MULHERES

Geralmente o que temos encontrado em alguns livros de história quando nos debruçamos na busca de fontes teóricas que nos ajudem a pensar as questões sobre trabalho para, a partir disso, pensar criticamente os romances que nos dispomos a pesquisar, é justamente termos genéricos, para não dizer genéricos e masculinos, que aparecem na maioria das vezes por meio das palavras “trabalhador”, “trabalhadores” ou “classe trabalhadora”. Tomamos o cuidado de usar a expressão “na grande maioria das vezes”, pois sabemos que apesar de aparecer em uma ou outra linha ou então em um ou outro capítulo de livro, os termos “mulheres trabalhadoras” ou “trabalhadoras” também acabam aparecendo. Afirmamos isso, tendo como base as leituras que realizamos no decorrer de nossa vida acadêmica de modo geral e de modo específico para a construção de nossa dissertação de mestrado intitulada *Uma leitura dos modos de vida e do trabalho fabril no romance De mim já nem se lembra, de Luiz Ruffato* (2015). Figuram, entre os historiadores lidos ao longo dos últimos anos: Edward Palmer Thompson, Friedrich Engels e Eric Hobsbawm. Do primeiro pesquisador tivemos acesso à leitura dos seguintes volumes *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade* (1997), *A formação da classe operária inglesa: A maldição de Adão* (1987), *A formação da classe operária inglesa: A força dos trabalhadores* (1987) e *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional* (1998). Do segundo estudioso, realizamos a leitura de *A formação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2008). E, do terceiro pensador nos debruçamos sobre os quatro volumes

das chamadas *Eras*, que abrangem os períodos históricos compreendidos desde o ano de 1789 até 1991, compondo, portanto: *A era das revoluções* (2012), *A era do capital* (1996), *A era dos impérios* (1988) e a *Era dos extremos: o breve século XX* (1995).

Importante destacar que não era o objetivo destes pesquisadores compor uma história das mulheres ou história das trabalhadoras artesãs e industriais. Tampouco pretendemos desqualificar estes trabalhos, pois ao contrário disso, são de grande peso e importância, pois demandaram pesquisas aprofundadas e de grande fôlego por parte de cada um de seus autores.

O que nos interessa aqui ao citar estes teóricos e suas produções bibliográficas é apenas chamar a atenção para o fato de que justamente eles não se debruçaram a pesquisar e compor algum volume de igual fôlego e importância que tivesse como centro a mulher trabalhadora e que levasse em consideração suas questões históricas e sociológicas específicas. Apesar disso, a mulher trabalhadora figura nos textos destes autores em menor grau, seja em algumas passagens ou em um e outro capítulo de modo mais específico, conforme pudemos identificar ao longo de nossas leituras. É a partir dessas reflexões que nos chama a atenção uma afirmação contundente realizada pela filósofa brasileira e especialista em sociologia do trabalho Helena Hirata e pela socióloga francesa Danièle Kergoat em um dos seus artigos, intitulado *A classe operária tem dois sexos* (1994), quando elas afirmam que:

A literatura existente costuma falar de operários ou de classe operária sem fazer nenhuma referência ao sexo dos atores sociais. É como se o lugar na produção fosse um elemento unificador de tal ordem que fazer parte da classe operária já remeteria a uma série de comportamentos e de atitudes relativamente unívocos [...] A classe operária tem dois sexos esta afirmação não contraria apenas a utilização corrente do masculino nos textos sobre a classe operária que falam de trabalhadores quando estão se referindo a trabalhadoras! Trata-se também de afirmar que as práticas a consciência as representações as condições de trabalho e de desemprego dos trabalhadores e das trabalhadoras são quase sempre assimétricas e que raciocinar em termos de unidade de classe operária sem considerar o sexo social leva a um conhecimento truncado – ou pior falso do que é uma classe social [...] dizer que a classe operária tem dois sexos significa em suma que as relações de classe são sexuadas [...] relações de classe e de sexo organizam a totalidade das práticas sociais em qualquer lugar que se exerçam [...] as duas relações sociais de sexo e de classe devem estar integradas por causa de sua indissociabilidade e complementaridade [...] ambas são transversais ao conjunto da sociedade” (HIRATA; KERGOAT, 1994, P. 93, 95, 96).

Perante as bibliografias até aqui levantadas e considerações feitas, cabe nos questionarmos: Quais seriam as pessoas mais interessadas em refletir, escrever e fazer pesquisa sobre as questões referentes à mulher trabalhadora, seja em âmbito nacional ou internacional? Parece-nos que a resposta é que as maiores interessadas neste assunto são as próprias mulheres. Este não é apenas um parecer nosso, mas também de uma das historiadoras mais consagradas na atualidade quando o assunto é história das mulheres. Trata-se de Michelle Perrot, que conforme nos aponta Maria Stella Bresciani

na capa do livro *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* (1988) a “obra da historiadora, que, na nossa opinião, é a mais importante no cenário francês atual”. Ao ter contato com esta referência, nos deparamos com as palavras da historiadora ao expor o que a move e o que tem movido também suas parceiras de profissão: “Um desejo análogo de inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, de mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana, sustentou o esforço das historiadoras nesses últimos anos” (PERROT, 1988, p. 171).

Os conceitos de gênero que serão adotados no decorrer desta pesquisa se baseiam nas colocações que realiza Joan Scott em seu texto *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989). O primeiro deles é referente ao fato de que “a palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico” segundo o qual caberiam determinadas funções sociais e trabalhos aos homens e outros às mulheres. Segundo, “O ‘gênero’ era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina” e em terceiro lugar, “o termo ‘gênero’ faz parte das tentativas [...] em explicar desigualdades persistentes entre homens e mulheres” (SCOTT, 1989, p. 3, 19).

Se Scott propunha esses conceitos na década de 80 nos Estados Unidos, Simone de Beauvoir na década de 40 estava pesquisando e escrevendo uma das obras que iria se transformar em leitura obrigatória para as gerações seguintes de mulheres no que se refere à ideia central da construção social do gênero em detrimento de determinismos biológicos. A frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p. 361) é denotação clara desse conceito.

Compomos um corpo físico e psicológico que recebe diária e cotidianamente as marcas sociais decorrentes de termos nascido mulheres. Mulheres que vivem em pleno século XXI, mas que ainda precisam sempre, com pequenas ou grandes ações, modificar e transformar muitos gestos, ações, representações e leituras que fazem de nós, e que temos de nós mesmas, pelo fato de termos nascido mulheres e não homens.

E é claro, que as consequências de tudo isso, além das manifestações em diversas esferas sociais e econômicas, para não dizer maciçamente na questão cultural e dos costumes, como constituinte de toda uma rede que está diretamente interligada, acaba por se fazer perceber também na esfera do trabalho feminino. Nesse sentido, é interessante refletir se os historiadores marxistas e preocupados em trazer à tona os modos de vida e de trabalho das classes sociais menos favorecidas, por vezes deixam a desejar em relação aos estudos referentes à mulher trabalhadora, no sentido de não lhe dedicarem obra de fôlego. Imaginemos então aqueles estudiosos que seguem uma linha conservadora e que veem a história na perspectiva dos grandes líderes e vencedores, quais visões terão sobre o tema mulher e trabalho. É dessa forma que, apesar de termos pesquisadores de peso no Brasil que falam sobre a questão do trabalho, dos trabalhadores e da classe operária com grande propriedade e conhecimento, como é o caso de Ricardo Antunes, ainda assim percebemos que a

maioria dos estudos em torno do tema mulher trabalhadora no nosso país (e inclusive fora dele) foram e são realizadas por pesquisadoras mulheres.

No campo da literatura brasileira não é diferente, pois ao longo do último século podemos encontrar escritoras que trazem para o centro dos seus romances personagens mulheres trabalhadoras que se caracterizam pela força, luta e resistência diária tanto pela sua própria existência quanto pela de seus dependentes. Trata-se de personagens mulheres que pelas suas personalidades marcantes, atitudes certeiras, posicionamentos assertivos assim como por outras caracterizadas pela falta de forças, perspectivas de futuro, orfandade, miséria e condições degradantes e miseráveis de vida e de trabalho lutam cada dia de uma vez para vencer o leão da sobrevivência a cada vinte e quatro horas. Apesar da contramão dos meios em que vivem, muitas destas mulheres representadas na literatura das últimas décadas pelas nossas escritoras brasileiras são exemplos de garra e determinação, da perseverança e persistência. Alguns exemplos marcantes de personagens que possuem uma força dentro de si que se assemelha a uma locomotiva pois não se deixam levar pelas circunstâncias, antes buscam trilhar seus próprios caminhos a partir do que lhes impões suas próprias vontades são Maria Moura (*Memorial de Maria Moura* (1922)) e Conceição (*O quinze* 1930)) de Rachel de Queiroz.

Nas últimas décadas têm surgido escritoras que trazem para o centro de suas ficções o tema da mulher trabalhadora. São algumas destas autoras e alguns de seus romances: Raquel de Queiroz (*O quinze* (1930), *Memorial de Maria Moura* (1992)); Lya Luft (*As parceiras* (1980), *Ponto cego* (1999)); Patrícia Galvão (*Parque Industrial* (2006)) e Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014)). Ajudam a compor este grupo também Clarice Lispector (*A hora da estrela* (1998)); Conceição Evaristo (*Ponciá Vicencio* (2003), *Becos da Memória* (2013)) e Maria Valéria Rezende (*Vasto mundo* (2001), *Outros cantos* (2016), *O vôo da guará vermelha* (2014) e *Quarenta dias* (2014)), para citar apenas alguns exemplos. Merece destaque, o fato de essas escritoras trazerem para seus romances personagens mulheres trabalhadoras que não se caracterizam de forma seriada ou monocromática, ou seja, sempre pertencentes às mesmas classes sociais, desempenhando as mesmas atividades laborais e possuindo a mesma raça. O trabalho feminino além de ser diferente da do homem, é certamente muito mais complexo e carregado de significados individuais e sociais. É nesse sentido que a historiadora brasileira Margareth Rago em seu livro *Gênero e História* (2012) traz algumas questões pertinentes referentes à mulher trabalhadora que certamente atinge muitos tendões de Aquiles do que se tem tido e acreditado como história linear e oficial referente ao trabalho feminino:

Pode parecer uma evidência simples, notória e palpável, afirmar que a mulher trabalha. Também que a mulher sempre trabalhou. Mas se perguntarmos a uma importantíssima massa de gente [...] ou se revermos milhares de escritos de caráter histórico, independente de seu grau de academicismo e de militarismo, semelharia até difícil sustentar essa afirmação [...] não só grande parte de qualquer população ou grupo humano, como queira que se limite este

conceito, senão também a historiografia, tendem a negá-las pela via do desaparecimento (RAGO, 2012, p. 7).

Uma hipótese para essa questão seja o fato da mulher, na maioria das vezes, ter se ocupado com os trabalhos informais decorrente da falta de oportunidades de formação e qualificação para que pudesse desempenhar atividades laborais que demandam formalidade e conseqüentemente exigem um nível maior de instrução. E, como uma coisa está atrelada à outra, é consequência disso que haja registros dos trabalhos tidos como importantes socialmente, pois são passíveis de serem registrados ao longo da história, enquanto que os trabalhos considerados de menor relevância, e que não demandam registros, tenham se dissolvido no processo de sua praticidade diária. O livro *Gênero e História* (2012), de Margareth Rago destaca que a mulher sempre trabalhou ao longo da história, desempenhando as mais variadas funções:

Mulheres vendedoras e padeiras [...] mulheres fiandeiras, amas-de-leite e parteiras da cerâmica grega [...] mas também em vários trabalhos artesanais. Aparecem em grande número as mulheres realizando trabalhos de cuidados, nomeadamente de enfermos [...] mulher fiandeira [...] escultoras, boticárias, costureiras e por suposto agricultoras, mas podíamos falar também de mulheres ourives, pintoras, queijeiras ou parteiras. A partir da época moderna e depois desde a expansão do industrialismo e o sistema capitalista, a incorporação da mulher ao trabalho assalariado foi maciça e indubitável, quase sempre em trabalhos de importante penosidade e nas lamentáveis condições que imperam nos marcos de relações capital-trabalho (RAGO, 2012, p. 16, 17).

Quem nos ajuda a elucidar como se deu o processo referente aos diferentes tipos de trabalhos que desempenharam as mulheres ao longo da história - compreendido de modo geral, o período desde a pré-história até meados do século XX - é a filósofa Simone de Beauvoir. Para isso, utilizaremos de modo mais específico as considerações feitas pela autora no capítulo “História” (2009), presente no primeiro volume de *O segundo sexo* (1949,2009). De acordo com a escritora, no período pré-histórico como não havia um controle sobre a quantidade de filhos, a mulher passava boa parte de sua vida tendo-os, um atrás do outro. Isto, atrelado a uma suposta inferioridade na sua força e resistência física, fez com que ela não acompanhasse seu companheiro nas atividades de coleta, caça e pesca, cabendo a si as responsabilidades inerentes ao cuidado dos filhos e ao trabalho doméstico. É neste período que começam a se delinear as diferenças entre o trabalho masculino e feminino. Isto porque, as atividades que a mulher desenvolvia estariam associadas à repetição e à passividade, enquanto que as ações que permeavam o cotidiano do homem estavam diretamente relacionadas com o desafio, as descobertas e na busca pelo novo:

Os trabalhos domésticos a que está voltada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-se na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: não produzem nada de novo. O caso do homem é radicalmente diferente [...] o *homo faber* é, desde a origem dos tempos um inventor [...] Nesta ação, experimenta seu poder: estabelece



objetivos, projeta caminhos em direção a eles, realiza-se como existente [...] Eis porque as expedições de caça e pesca assumem um caráter sagrado (BEAUVOIR, 2009, p. 101-102).

A partir do momento em que os nômades se tornam agricultores, o homem continua a desempenhar as funções relacionadas com a caça e pesca enquanto que a mulher continua realizando as atividades que envolvem a agricultura, o trabalho doméstico e o artesanal. “A indústria doméstica é também de competência delas: elas tecem tapetes e cobertas, fabricam os vasilhames. São muitas vezes elas que presidem a troca de mercadorias; o comércio está nas suas mãos” (BEAUVOIR, 2009, p. 108). Michelle Perrot em seu livro *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* (1988) nos mostra que estas questões permanecem ao longo do tempo visto que no contexto histórico de meados do século XIX na França ainda cabia “Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos” (PERROT, 1988, p. 178). E, assim como Rago nos mostra bastante claramente os diversos tipos de trabalhos que realizaram as mulheres ao longo da história, também no que se refere ao trabalho na agricultura Beauvoir esmiúça vários dos muitos trabalhos diários que cabia - e acreditamos ainda caber atualmente - às camponesas realizar:

Incumbe-lhe, a ela exclusivamente, cuidar do jardim, do galinheiro, do curral, do chiqueiro; executa trabalhos pesados: limpa os estábulos, espalha o esterco e a sementeira, ara, capina, ceifa; cava, arranca ervas daninhas, colhe, vindima e por vezes ainda ajuda a carregar e descarregar as carroças de palha, feno, lenha, forragem etc. Ademais, prepara as refeições, cuida da limpeza da casa: lava, costura, etc., atende aos duros encargos da maternidade e dos filhos. Levanta-se de madrugada, dá comida às aves do galinheiro e aos animais domésticos, serve a primeira refeição dos homens, cuida das crianças e vai trabalhar no campo, no bosque ou na horta; vai buscar água na fonte, serve a segunda refeição, lava a louça, trabalha novamente no campo até a hora do jantar; depois da última refeição aproveita a noite para costurar, limpar, debulhar o milho etc. (BEAUVOIR, 2009, p. 199- 200).

Beauvoir, assim como Albornoz, também nos lembra a questão religiosa que envolve a relação entre a mulher e o trabalho e aquilo que seria o ideal de uma mulher trabalhadora: “Trabalha a lã e o linho... levanta-se quando ainda é noite... Durante a noite sua lâmpada não se apaga... O pão da preguiça ela não come” (BEAUVOIR, 2009, p. 125). Apesar da pesquisadora não referenciar a fonte de onde retira as frases acima, tudo leva a crer que sejam trechos de Provérbios, capítulo 3, versículos 10 até 31:

10. Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de rubis. 11. O coração de seu marido está nela tão confiante que despojo não lhe faltará. 12. Ela lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida. 13. Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos. 14. É como o navio de mercador, de longe traz o seu pão. 15. Ainda até de noite se levanta, e dá mantimento à sua casa, e tarefa às suas servas. 16. Examina uma herdade, e adquire-a; planta uma vinha do fruto de suas mãos. 17. Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços. 18. Prova e vê que é boa a sua mercadoria; e sua lâmpada não se apaga de noite. 19. Estende as suas mãos ao fuso, e as palmas das suas mãos pegam na roca. 20. Abre sua mão ao aflito, e ao necessitado estende as suas mãos. 21. Não temerá, por causa da neve, por sua

casa, porque toda a sua família anda vestida de escarlate. 22. Faz para si tapeçaria; de linho fino e púrpura é o seu vestido. 23. O seu marido é conhecido nas portas, quando se assenta com os anciãos da terra. 24. Faz panos de linhos fino, e vende-os, e entrega cintas aos mercadores. 25. A força e a glória são os seus vestidos, e alegra-se com o dia futuro. 26. Abre sua boca com sabedoria, e a lei da benevolência está na sua língua. 27. Atenta ao andamento de sua casa, e não come o pão da preguiça. 28. Levantam-se seus filhos, chamam-na bem-aventurada; como também seu marido, que a louva, dizendo: 29. Muitas filhas procederam virtuosamente, porém tu a todas sobrepujas. 30. Enganosa é a graça, e vã a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada. 31. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e louvem-na nas portas as suas obras. (IDS, 2014).

Esta é a figura da mulher considerada pela religião e pela sociedade de uma maneira geral como sendo boa, casta, virtuosa e que trabalha arduamente dia e noite nas atividades laborais a fim de suprir não apenas as suas necessidades materiais e imediatas, mas também as do marido, dos filhos e dos animais. Associa-se assim, à mulher que trabalha para a família sem ter o mínimo tempo de olhar para si e para as suas necessidades pessoais, como o ideal de companheira para se ter ao lado de si o resto da vida. Referente a esta questão, a socióloga Ana Alice Costa aponta que:

Geralmente, as mulheres são vistas e tratadas apenas como provedoras do bem-estar da família ou como meio de bem-estar de outros, como mães e esposas, nunca como sujeitos autônomos com demandas próprias (COSTA, p. 6).

No oposto desta figura apresenta-se a prostituta, uma vez que:

Entre as mulheres distintas, a maioria é constituída por cortesãs; aliando às liberdades dos costumes as do espírito, assegurando-se, pelo exercício da profissão uma autonomia econômica, muitas delas eram tratadas pelos homens com deferente admiração; elas protegiam as artes, interessavam-se pela literatura, pela filosofia e não raro escreviam e pintavam (BEAUVOIR, 2009, p. 156).

A autora aponta que no período da Idade Média “havia mulheres sacerdotisas, profetisas, o que leva a supor que tinham uma instrução superior à dos homens”. Também às diaconisas só era permitido desenvolver os trabalhos laicos, como “o cuidado aos doentes (e) socorro aos indigentes” (BEAUVOIR, 2009, p. 141, 139). Merece destaque o fato de que as mulheres que ocupavam os cargos de rainhas e regentes tinham a rara oportunidade de “conceber e realizar algum projeto concreto [...] (pois) sua soberania exalta-as acima de seu sexo” (BEAUVOIR, 2009, p. 152). Fato este que de igual maneira não pode ser generalizado, visto que muitas rainhas, casadas com seus reis, sentiam sobre as suas costas não apenas o fato de serem rainhas, mas também de serem rainhas, férteis e proporcionarem filhos aos reis e de preferência ainda que fossem filhos homens ao invés de mulheres. É de maneira jocosa, irônica e sarcástica que o escritor José Saramago faz da cena do ato sexual praticamente uma cerimônia pública, fria, pacata e cheia de decoro e regras. Na primeira e início da segunda página de seu romance *Memorial do convento* (2001), temos a imagem clara da descrição referente aos diferentes pesos e medidas que tinha a maternidade e paternidade tanto para

a rainha, quanto para o rei. À rainha pesava sob sua cabeça não apenas o peso de sua coroa, mas também a responsabilidade de ser o corpo-objeto, útero, suporte, vaso, “uma matriz, um ovário” (BEAUVOIR, 2009, p. 35) que tem como função não apenas receber, mas fazer fecundar, gerar vida ao filho do rei. Não obtendo êxito nesta função recai unicamente a si a culpa e a responsabilidade se possuir “óvulos murchos como um cogumelo cozido” (LISPECTOR, 1998, p. 58), uma vez que não cabia à pessoa do soberano preocupar-se com a natureza destes tipos de coisas:

Que caiba a culpa ao rei, nem pensar, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, das mulheres sim, por isso são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino bastardos da real semente e ainda agora a processão vai na praça. Além disso, quem se extenua a implorar ao céu um filho não é o rei, mas a rainha, e também por duas razões. A primeira razão é que um rei, e ainda mais se de Portugal for, não pede o que está em seu poder dar, a segunda razão porque sendo a mulher, naturalmente vaso de receber, há-de ser naturalmente suplicante, tanto em novenas organizadas como em orações ocasionais. (SARAMAGO, 2001, p.11).

Também merece nota o fato de que a realidade das mulheres que queriam tornar-se escritoras era bastante hostil e nada convidativo. Beauvoir destaca que no século XVIII havia uma burguesa chamada Aphra Behn, que tendo ficado viúva, passa a viver de sua pena semelhante a um homem. No entanto, se esta poetisa e dramaturga conseguiu realizar seu desejo o mesmo não ocorria com a média das mulheres da época que almejavam o mesmo objetivo. Isto, porque, outras escritoras de igual talento eram impelidas a se esconderem para poder escrever. Este gesto se dava, uma vez que não possuíam privacidade e um ambiente particular e propício para o florescimento de suas ideias e conseqüentemente o desenvolvimento de suas escritas. “Jane Austen escondia-se para escrever. Era preciso muita coragem e um destino excepcional para tornar-se George Eliot ou Emily Brönte” (BEAUVOIR, 2009, p. 186). É nesse sentido que a expressão de Virgínia Woolf que dá título a um de seus livros “dê-lhe um espaço, um teto todo seu e quinhentas libras por ano” (WOOLF, 2014, p. 134) ganha pleno sentido e força, pois discorre exatamente sobre a importância crucial das questões materiais, financeiras e de oportunidades para que a mulher que almeja tornar-se escritora possa de fato ter as condições mínimas e necessárias para poder se desenvolver plenamente por meio de sua escrita.

Na nossa literatura o fato não se dá de forma diferente. A escassez de escritoras mulheres se faz notar pelos raros nomes conhecidos nacionalmente em comparação com os de autoria masculina. Os sumários das histórias da literatura brasileira estão disponíveis para que se possa comprovar esse fato. O primeiro exemplo disso é o título *História concisa da literatura brasileira* (2006) de Alfredo Bosi uma vez que no seu sumário figuram unicamente os nomes de Francisca Júlia, Raquel de Queiroz, Clarice Lispector e Cecília Meireles (A primeira pertencente ao período do *Parnasianismo*, enquanto que as demais autoras figuram no título que o autor nominou de *Tendências Contemporâneas* (referente ao período do *Modernismo* em diante). No segundo caso, ao

pesquisarmos o sumário do livro *Teoria, crítica e história literária* (1978), de Araripe Júnior não encontramos sequer um nome de escritora brasileira. Surpresa mais triste ainda se formos comparar com as menos de meia dúzia de nomes que aparecem na apresentação de Bosi. Tendo como pano de fundo a Revolução Francesa - e acrescentemos pelas informações que nos são apresentadas também o período de meados da Revolução Industrial - é que Beauvoir aponta para a autonomia, força e liberdade existentes no cotidiano das mulheres trabalhadoras das classes mais pobres. Isto se dava, porque elas labutavam não apenas nas suas casas e na agricultura, mas também possuíam certo governo sobre si e seus corpos. Isto era possível pelo fato de serem mulheres pertencentes à classe pobre da população, mas também porque os costumes assim o permitiam e possibilitavam:

A mulher tinha o direito de possuir uma casa de comércio e todas as capacidades necessárias a um exercício autônomo de seu ofício. Participava da produção como fabricante de roupa branca, lavadeira, brunhadora, revendedora etc.; trabalhava em domicílio ou em pequenos negócios; sua independência material permitia-lhe liberdade de costumes: a mulher do povo pode sair, frequentar tavernas, dispor do corpo quase como um homem; é associada ao marido e sua igual. É no plano econômico e não no plano sexual, que a mulher sofre a opressão. Nos campos, a camponesa participa de modo considerável do trabalho rural [...] e os encargos da maternidade acrescentam-se as suas fadigas. Mas, como nas antigas sociedades agrícolas, sendo necessária ao homem, é por ele respeitada; seus bens, interesses e preocupações são comuns. Exerce grande autoridade em casa [...] veem-se mulheres ao lado de seus homens nas manifestações e arruaças. São elas que vão buscar em Versalhes ‘o padeiro, a padeira e o padeirinho’ (BEAUVOIR, 2009, p. 165).

Michelle Perrot no seu livro *“Os excluídos: operários, mulheres e prisioneiros”* (1988), possui um de seus capítulos voltados especificamente para pensar a questão dos modos de vida e de trabalho das mulheres francesas pertencentes às classes populares de meados do século XIX. Ela enfatiza a afirmação acima exposta por Beauvoir, ao pontuar que as mulheres das classes sociais mais pobres constituídas pelas diaristas, remendeiras e lavadeiras eram as que estavam mais atentas às oscilações dos preços dos alimentos que eram consumidos cotidianamente em seus lares. Estavam estas mulheres conscientes e alertas de que muitos mercadores e comerciantes escondiam ou estocavam seus produtos a fim de aumentar os preços.

Eram estas mulheres trabalhadoras, junto às idosas, grávidas e jovens que se colocam à frente nas manifestações contra os altos preços do pão e outros produtos alimentícios, pois sabiam que, pelos poucos orçamentos que possuíam, tal aumento faria diferença significativa nas suas vidas, pois significava ter ou não o que comer. E, como muitas delas eram as líderes da casa e tinham sob suas responsabilidades, filhos ou pais para sustentar, o peso que recaía sobre si era ainda maior:

Os motins por alimentos, grande forma de motim popular ainda no século XIX, são quase sempre desencadeados e animados pelas mulheres. A insuficiência dos meios de comunicação, que torna cada região excessivamente dependente de seus próprios recursos, cria nós de estrangulamento, pontos de rigidez geradores de altas de preço. Vem uma

intempérie – chuvas, seca excessiva, geada precoce ou tardia – e, eis a escassez, logo explorada pelos comerciantes, camponeses ricos, moleiros e mesmo padeiros, com força suficiente para esperar, que especulam, estocando seus cereais ou seu pão, mais raramente as batatas, como títulos na Bolsa. Então as mulheres intervêm. Sua vigilância se exerce nos mercados, grande local das mulheres. Aí fiscalizam permanentemente as qualidades e quantidades, a regularidade dos abastecimentos e o nível dos preços. (DOSSIÊS DE ARQUIVOS REFERENTES AOS MOTINS DE 1816-17, ARCHIVES NATIONALES, F 11 722-736 E DIVERSOS DOSSIÊS DE BB 18 *apud* PERROT, 1988, p. 193,194).

Também neste capítulo Perrot dá ênfase ao trabalho desenvolvido pela lavadeira em meados do século XIX e ao espaço do lavadouro enquanto ambiente não apenas do trabalho duro e pesado desempenhado pelas mulheres cotidianamente, mas também à sua leveza, manifestada nas conversas do dia a dia, nos sorrisos, nas fofocas, e inclusive como ponto de apoio entre as que sofriam frustrações amorosas e que viam neste espaço social uma forma de apoio, de sororidade, de solidariedade:

O lavadouro é para elas muito mais do que um lugar funcional onde se lava a roupa: um centro de encontro onde se trocam as novidades do bairro, os bons endereços, receitas e remédios, informações de todos os tipos. Cadinhos do empirismo popular, os lavadouros são também uma sociedade aberta de assistência mútua: se uma mulher está num ‘atoleiro’, acolhem-na, fazem uma coleta para ela. A mulher abandonada pelo seu homem merece no lavadouro, onde a presença masculina se reduz a meninos inoportunos, de uma simpatia especial. Uma criança abandonada certamente aí encontra a sua mãe (PERROT, 1988, p. 202, 203).

Se a historiadora Michelle Perrot destaca o importante papel desempenhado pelas lavadeiras, assim como os significados atribuídos para o espaço social e a importância deles para a vida destas trabalhadoras, igualmente nos parece importante destacar que a literatura brasileira de meados do século XIX também faz referência a esta mulher trabalhadora e ao seu labor. Trata-se de pensar o romance *O cortiço* de Aluizio (1998) de Azevedo e como o escritor dá forma, imagem e pintura à figura das lavadeiras e ao espaço do lavadouro, tão bem esmiuçada por Perrot. É em volta dos tanques cheios de água, dos varais repletos de roupas, e em meio aos murmurinhos que as lavadeiras lavam suas roupas enquanto que seus maridos, namorados, filhos ou pais trabalham na pedreira do português João Romão ou em outras funções nas redondezas do cortiço. Se paramos para pensar, a realidade das lavadeiras apontadas pela estudiosa, apesar de fazer referência às trabalhadoras francesas do século XIX, dadas as devidas adaptações sócio históricas, certamente não cabe apenas para refletir e fazer pensar o que foi a realidade brasileira desta mesma época, mas também e muito provavelmente os modos de vida e de trabalho que permearam o cotidiano de mulheres trabalhadoras de outros países e épocas históricas distintas.

E como o Brasil deste período - e mais especificamente Rio de Janeiro e São Paulo estavam passando pelo processo de saída da sua condição econômica, geográfica e social predominantemente

agrária e rural da *Casa-grande e senzala* (2006) para um país que começava, lentamente seu processo de urbanização através dos *Sobrados e mucambos* (2004) estas mudanças se fizeram notar na literatura produzida nesta época. Além das lavadeiras pertencentes ao romance de Azevedo, não poderíamos deixar de citar uma de suas personagens, chamada Pombinha. Isto porque esta jovem, diferente das demais trabalhadoras que residem no cortiço, distingue-se física, psicológica e culturalmente em relação à sua família e as outras mulheres do local onde vive. Isto ocorre, pois os esforços de sua mãe eram todos voltados para ela, que tinha inclusive realizado aulas de francês. Esta distinção se dá pelo fato da jovem possuir escolaridade e conseqüentemente domínio da leitura e escrita em relação às lavadeiras que desenvolvem suas funções junto aos tanques.

Bonita, loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar [...] Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para quem quisesse ouvir (AZEVEDO, 1998, p. 39,40).

De maneira que, Pombinha, “a flor do cortiço” se configura enquanto uma jovem que pertence à classe pobre, mas que em maior ou menor medida usufrui dos privilégios educacionais que possui e os utiliza para ajudar aqueles que estão à sua volta, seja prestando serviços de leitura ou escrita àqueles que necessitam. Sobre a questão da distinção, é importante destacar que a mulher pertencente à classe burguesa vive, neste período, uma realidade totalmente distinta àquela vivenciada pela mulher trabalhadora pertencente às camadas menos favorecidas da população. Em várias passagens do capítulo “História” (2009) presente no primeiro volume de *O segundo sexo* (2009), encontramos mais de uma passagem em que Beauvoir faz a associação entre mulher burguesa e “parasita” ou “parasitária”. “Economicamente sua existência era parasitária”. “Nas classes dirigentes as mulheres eram parasitas” (BEAUVOIR, 2009, p. 166, 194). Isto tem sua razão de ser pelo fato da mulher burguesa estar atrelada e aliada econômica e ideologicamente a um burguês. Ou seja, um homem rico que possui todas as condições socioeconômicas para mantê-la ao seu lado sem que ela precise sair de casa para trabalhar e conseqüentemente arcar com o peso e a grande responsabilidade que é manter-se por si só sem depender de ninguém.

E, assim como o ônus e o bônus decorrente desta condição, o preço a ser pago para manter seu privilégio de classe e conseqüentemente econômico é abster-se praticamente de sua liberdade e autonomia jogando o jogo do toma lá dá cá. Mas, para além disso, a mulher burguesa é aquela que não apenas aceitará esta condição para si como um modo de vida, defendendo a si e ao seu marido, mas também de maneira geral, fará vistas grossas e será totalmente contra qualquer tipo de emancipação feminina. Emancipação esta que pode estar atrelada a um não conservadorismo, pois geralmente este recai apenas ou majoritariamente sobre os ombros da mulher, mas também ao trabalho, à conquista de leis em prol da melhoria das condições para a vida, o direito e à saúde das mulheres, além da frouxidão dos costumes.

Tudo isto possui o seu porquê de ser se levarmos em conta que ela deseja manter-se na posição que está continuando a ser detentora de seu *status* que é privilegiado. E, se neste posto ela é inferior ao homem com quem se relaciona, ela está em posição elevada em relação às classes sociais menos favorecidas e às demais mulheres que são trabalhadoras e despossuidoras de poder e capital:

A mulher burguesa faz questão de seus grilhões porque faz questão de seus privilégios de classe. Explicam-lhe sem cessar (e ela sabe) que a emancipação das mulheres seria um enfraquecimento da sociedade burguesa; libertada do homem, seria condenada ao trabalho; pode lamentar não ter sobre a propriedade privada senão direitos subordinados aos do marido, porém deploraria ainda mais que esta propriedade fosse abolida; não sente nenhuma solidariedade com as mulheres da classe proletária: está muito mais próxima do marido do que das operárias da indústria têxtil. Faz seus os interesses do marido (BEAUVOIR, 2009, p. 169).

Isto se dá porque também ela, apesar das suas limitações nas questões de liberdade e autoridade referentes à sua posição enquanto mulher, também acaba usufruindo do resultado destes interesses. É nesse sentido que se inserem também os muitos trabalhos voluntários e assistenciais que fazem as mulheres das classes sociais abastadas, conforme nos lembra a historiadora Michelle Perrot. “Solicita-se cada vez mais às burguesas – as mulheres do mundo – que saiam de casa e pratiquem a caridade ou a filantropia [...] Mas aí se revela também o limite de sua influência” (PERROT, 1988, p. 181,182). E disso, talvez, resulte uma consciência mais tranquila, no intuito de que estão fazendo algo pelo outro, ou represente para quais olhos queiram ver, que o que está sendo feito é algo belo e admirável, de modo a estarem cumprindo seus deveres com a sociedade. O fato é que, apesar de poder modificar momentaneamente alguma situação mais grave, estas acabam sendo apenas ações paliativas e que estão mais situadas no âmbito do imediato do que necessariamente nas raízes de uma sociedade que demanda transformações substanciais para que possa ser mais justa e menos desigual.

E, se o advento das máquinas não mudou radicalmente os modos de existir das mulheres burguesas, o mesmo não ocorreu com as mulheres trabalhadoras pertencentes às camadas pobres da população. Esta afirmação se dá, pois, segundo Beauvoir, o desenvolvimento das indústrias demandavam além do trabalho dos homens, também a mão de obra feminina. E, se conforme visto na época da pré-história, a mulher estava restrita aos trabalhos inerentes ao ambiente doméstico por não possuir uma estrutura física que lhe possibilitasse pescar, caçar e guerrear em par de igualdade com os homens, esta barreira seria rompida com o desenvolvimento das fábricas, visto que o trabalho nelas não dependia unicamente destes esforços corporais. Segundo a filósofa, o desenvolvimento da indústria “é a grande revolução que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era” (BEAUVOIR, 2009, p. 172). Este seria um caminho sem volta rumo a um abrir de imensas possibilidades para a emancipação não apenas dos modos de vida, mas também de trabalho para as mulheres trabalhadoras das classes sociais desprivilegiadas. Cabe destacar, no entanto, que se este processo traria maiores oportunidades e possibilidades rumo a independência e autonomia da

mulher trabalhadora, este não se deu sem que ela tivesse que passar por condições e processos desumanos e desiguais em relação às mesmas atividades desenvolvidas pelos homens, pela simples questão de seu gênero. As trabalhadoras, no início do século XIX eram muito mais exploradas que os homens, pois ganhavam consideravelmente menos que eles. Por isso, não é de causar espanto que os donos das fábricas preferissem contratar a mão de obra feminina ao invés da masculina. Esta estratégia faz parte do processo de acumulação de bens e de capital, uma vez que contratar a força de trabalho de uma trabalhadora ao invés de um trabalhador significava automaticamente maiores lucros no fim do mês, pois era por meio desse processo que o patrão conseguia acumular ainda mais valia. “Trabalham melhor e mais barato” (BEAUVOIR, 2009, p. 173). A quantidade de horas executadas diariamente pelas trabalhadoras, somada à questão do assédio sexual, exemplificam de modo claro o que era ser mulher, trabalhadora e pobre no período da revolução da indústria. “Em 1831, as operárias da seda trabalhavam das três horas da manhã até as onze da noite no verão, ou seja, dezessete horas por dia” (BEAUVOIR, 2009, p. 173). Este montante de carga horária trabalhada acontecia:

Em locais amiúde malsãos e onde não penetram nunca os raios de sol. Metade dessas moças tornam-se tuberculosas antes de terminar seu aprendizado. Quando se queixam, acusam-nas de fazerem fita [...] Além disso, os empregados abusavam das jovens operárias (TRUQUIN, N. *Memórias et aventures d'un prolétaire*, cir. Segundo E. Dolléans, *Histoire du mouvement ouvrier*, t. I. *apud* BEAUVOIR, 2009, p. 173).

É apenas muito próximo do século XX que são desenvolvidas algumas leis que na prática alterariam, se não significativamente, ao menos de forma gradual as condições relacionadas ao dia a dia do trabalho vivenciado pelas trabalhadoras nos chãos das fábricas:

É preciso esperar até 1874 para que a lei intervenha [...] uma delas proíbe às menores o trabalho noturno e exige que lhes dê descanso nos domingos e feriados. Seu dia de trabalho é limitado a doze horas; quanto às mulheres de mais de vinte e um anos, restringem-se a proibir-lhes o trabalho subterrâneo nas minas e nas pedreiras [...] Em 1900, este horário é fechado em dez horas [...] em 1909 é assegurada licença remunerada às parturientes [...] em 1913, regulamentam-se as modalidades concernentes ao descanso das mulheres antes e depois do parto (BEAUVOIR, 2009, p. 174, 175).

Apesar das pequenas conquistas no que se refere à carga horária diária de trabalho, ao descanso nos fins de semana, à licença para o período do parto e ao repouso antes, durante e depois do parto, o problema da baixa remuneração da mulher trabalhadora consistia empecilho grave que ainda estava para ser resolvido, uma vez que isto fazia com que dependesse em maior ou menor grau de uma figura masculina, seja ele pai, irmão ou marido para poder manter-se:

Na França, segundo pesquisa realizada em 1889-1893, para um dia de trabalho igual ao de um homem, a operária só obtinha metade da remuneração masculina. Era impossível à mulher, assim explorada, viver sem esmola ou sem protetor (BEAUVOIR, 2009, p. 176).

Desse fato também podem ser explicados os motivos pelos quais, apesar de trabalhar arduamente e no mesmo local que muitos homens, ocorrer ser o trabalho feminino considerado de



menor importância, para não dizer apenas auxiliar na renda de uma casa ou de uma família, visto que a quantidade recebida no fim do mês pela mulher não representava de fato condição plena e satisfatória para si e para as suas necessidades mais elementares, como: alimentação, moradia, saúde e lazer. Nos parece claro, entretanto, que as situações em que a mulher permanecia em casa ocorria quando era possível a família viver ou manter-se apenas com o salário recebido pelo homem, que era superior ao da mulher, pois sabemos que na maioria das realidades de vida e de trabalho da classe trabalhadora industrial, a necessidade de juntar as rendas do trabalho tanto da mulher quanto do homem e em muitos casos das crianças em idade mínima para trabalhar, se fazia mais que indispensável para que todos os membros da família conseguissem sobreviver ao longo do mês. Margareth Rago no texto *Gênero e História* (2012) faz contribuições importantes que nos fazem pensar sobre os porquês dos “múltiplos desaparecimentos do sujeito mulher, este referido ao trabalho” (RAGO, 2012, p. 7). E, dentre os vários motivos, aponta a autora:

Com efeito, pode haver várias causas detrás deste facto. Uma delas, e não em último lugar, o facto de manter a exclusividade da atividade produtiva em mãos do homem. Pode parecer até evidente que o sujeito que se assalaria é o homem, ou que ao menos foi assim até a expansão do industrialismo. Isto nem sempre foi assim, mas faz evidente a necessidade do homem enquanto que receptor dos benefícios do sistema patriarcal, se bem explorado insensivelmente dentro das confrontações de classe, de manter um espaço próprio de poder desde o que manifestar-se imprescindível e superior. Daí a depreciação da atividade feminina e a separação hierárquica das tarefas enquanto gênero. Também daí a diferença de valor atribuído (e retribuído) a um trabalho levado a cabo por um homem e uma mulher [...] A expansão e consolidação do patriarcado, como sistema de dominação da mulher pelo homem independentemente da classe na que se produza, assentou-se, entre muitos factores, nesta diferença (RAGO, 2012, p. 8).

Além de Margareth Rago, também Chimamanda Ngozi Adichie faz sua contribuição referente à naturalização com que são vistos os altos e mais importantes postos de trabalho que são ocupados em sua grande maioria pelos homens:

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal [...] Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar ‘normal’ que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens (ADICHIE, 2015, p. 16, 17).

Se, entretanto, os baixos salários pagos às trabalhadoras eram muito bem aproveitados por parte dos patrões que viam nesta oportunidade de contratação uma chave para aumentar suas riquezas, igual satisfação não se dava com os trabalhadores do gênero masculino:

Entre a causa do proletariado e a das mulheres, não houve uma solidariedade tão imediata [...] as minorias mais oprimidas de uma sociedade são, amiúde, utilizadas pelos opressores como arma contra o conjunto de classe a que pertencem. Em consequência, elas são consideradas inicialmente inimigas e é preciso uma consciência mais profunda da situação para que os interesses dos negros e dos brancos, das operárias e dos operários se coliguem,

em vez de se oporem uns aos outros. Compreende-se que os trabalhadores masculinos tenham, primeiramente, visto nesta concorrência uma temível ameaça e se tenham tornados hostis (BEAUVOIR, 2009, p. 176).

Por falta de um amadurecimento maior sobre sua própria condição enquanto sujeito individual e de maneira mais abrangente enquanto classe que se situa na base da pirâmide social e que também abrange as mulheres trabalhadoras, muitos destes trabalhadores viam com repugnância a presença da mulher trabalhadora nas fábricas, por considerar que estas eram ameaças tanto para si, quanto para suas vagas de emprego. Assim, se as mulheres trabalhadoras situadas à margem, sofriam na pele as condições desfavoráveis nos seus postos de trabalho pelo simples fato de serem mulheres e por isso mesmo muito mais mal remuneradas e exploradas moral e sexualmente, ainda tiveram que lidar com a hostilidade dos homens trabalhadores constituintes de sua própria classe social.



## CAPÍTULO 3

### 3.1 CONCEITOS DA PALAVRA EMPODERAMENTO

Não poderia haver melhor escolha para a capa de um livro do que a pintura criada em tela pelo pintor espanhol Pablo Picasso, denominada *A dança*. Esta afirmação ganha mais sentido e representatividade se pensarmos que o título do livro na qual a imagem da obra de arte figura é *Poder y empoderamiento de las mujeres* (1997), organizado por Magdalena León. Mulheres empoderadas são mulheres que muito provavelmente um dia foram despossuídas de poder. Haverá empoderamento feminino onde antes não havia. Trata-se de cisnes brancos que se metamorfosearam em cisnes negros, com todos os ônus e bônus que este processo acarreta. Mas, na medida em que os cisnes sentem o processo de suas transformações através da mudança paulatina de suas cores, indo dos tons mais claros até os mais escuros, também suas danças se tornam mais leves, cheias de significados ao mesmo tempo que intensas e marcantes porque permeadas por conquistas pessoais, profissionais e sociais. Dança-se a dança do poder. Não o poder para prejudicar o outro ou o poder hierárquico, mas o poder para fazer tudo aquilo que antes seria impossível. Trata-se daquilo que Batliwala denomina de poder democrático ou poder compartilhado:

Las nociones actuales de poder se han desarrollado en sociedades jerárquicas de dominación masculina, con base en valores discriminatorios, destructivos y opresivos. La idea no es que las mujeres adquieran poder para utilizarlo de un modo igualmente explotador y corrupto. Muy por el contrario, el proceso de empoderamiento de las mujeres tiene que desarrollar una nueva concepción del poder, que asuma formas de democracia y poder compartido: la construcción de nuevos mecanismos de responsabilidad colectiva, de toma de decisiones y de responsabilidades (BATLIWALA, 1997, p. 202).

Além da consideração realizada por Batliwala no que se refere à concepção de poder democrático e compartilhado tanto por homens quanto por mulheres a fim de que haja uma diminuição significativa entre os hiatos existentes entre ambos, igualmente acreditamos ser importante a contribuição que realiza a arquiteta e urbanista Joice Berth no seu livro *O que é empoderamento?* (2018) quando ela afirma que:

O *empoderamento* que seguimos no presente trabalho não visa retirar poder de um para dar ao outro a ponto de se inverter os polos de opressão, mas sim uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade (BERTH, 2018, p. 16)

O processo de empoderamento é um caminho sem volta rumo ao autoconhecimento, pois para as aves que se arriscaram a superar seus medos e dificuldades para voar, estar no alto não será apenas uma meta alcançada, mas significará a mais plena e completa liberdade de vida. Ou, conforme nos expõe Clarice Lispector em seu romance *A hora da estrela* (1998), “Então dançou num ato de absoluta

coragem [...] Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e!” (LISPECTOR, 1998, p. 41). É a partir dessas imagens que gostaríamos de desenvolver neste capítulo algumas considerações pertinentes para pensarmos a questão do empoderamento das mulheres a partir dos diversos significados que esta palavra possui e refletir sobre o conceito da palavra poder e alguns de seus usos no passado e no presente. Igualmente é nosso objetivo pensar sobre o surgimento da palavra empoderamento e a importância do seu contexto social. Buscaremos apresentar as contribuições referentes às “Seis ações que contribuem para o processo de empoderamento da mulher”; E, por fim, reiterar a importância da centralidade do trabalho no processo de empoderamento da mulher.

No início deste capítulo foi feita a menção ao livro *Poder y empoderamiento de las mujeres* (1997), pois este constitui referência significativa sobre o tema que o intitula. Magdalena León - socióloga colombiana e também organizadora deste exemplar - tece informações importantes referentes ao processo pré-organizatório do livro bem como à temática do poder e empoderamento em seu artigo *El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo* (1997). Este texto abre para os demais nove artigos de diversas pesquisadoras sobre o assunto. Neste texto introdutório do livro, Magdalena León registra que na medida em que lecionava e realizava suas pesquisas em torno do tema do empoderamento, passou a perceber três coisas importantes. A primeira delas era o escasso material sobre o assunto. A segunda era que as bibliografias encontradas estavam, em sua ampla maioria, em língua inglesa. Além de perceber a quase não existência de pesquisas realizadas sobre a temática.

Foi movida por tudo isso e também pela ânsia de conhecer mais sobre este tema tão instigante que a docente decidiu ir em busca dos referenciais teóricos e das autoras que tratassem mais diretamente sobre este assunto. A partir das muitas leituras, houve seleção de vários artigos com o objetivo de compor o livro. Disso, resultou que ao mesmo tempo em que há um caráter interdisciplinar que percorre vários dos textos compilados (como as áreas do direito, psicologia e educação) - uma vez que as pesquisadoras que os escreveram tem seus locais de fala a partir de suas áreas de conhecimento - ao mesmo tempo não se pode perder de vista o fato de que todos os artigos estão coesos, pois tem como vértebra a questão do poder e empoderamento das mulheres.

Apontamos isso, para dizer também que este nos parece ser um dos fortes referenciais teóricos para nos embasarmos quando formos pensar a questão do poder e do empoderamento das mulheres trabalhadoras no decorrer desta pesquisa. Igualmente acreditamos ser de grande importância registrar que a mentora deste projeto é uma pesquisadora colombiana, ou seja, uma mulher pertencente à América Latina e que, como ela mesma destaca em seu texto, traz para a organização do livro a voz de grandes pesquisadoras sobre o assunto oriundas de diversos locais do mundo, como: América do Norte, Colômbia e Índia. Merece ênfase ainda o fato de ser também Magdalena León uma das responsáveis por realizar o trabalho de tradução de boa parte desses textos que estavam originalmente

em língua inglesa. A partir disso, não podemos deixar de fazer referência à afirmação feita por Antônio Candido no texto *Literatura e Subdesenvolvimento* (1987) referente à obra de Machado de Assis. Ou seja, de questionar se este romancista de peso da nossa literatura tivesse escrito em outro idioma seus escritos talvez tivesse tido maior visibilidade e representatividade na época dos mil e oitocentos. Com essa passagem, provocativamente apontamos, que se houvesse uma Magdalena León na época de meados do século XIX preocupada e com condições econômicas e sociais adequadas para fazê-lo, muito provavelmente a questão do idioma não seria empecilho para o escritor machadiano, pois assim como a pesquisadora realizou a tradução de vários textos originalmente escritos em língua inglesa para a língua espanhola com o objetivo de atingir um público maior de leitoras, igualmente teria feito com os romances do autor que originalmente escreveu em língua portuguesa. Destacar todas estas ações de León, mas também lançar um olhar sobre o gesto da tradução (e sobre a disponibilidade gratuita do livro em pdf para download na rede) nos diz muito da sua preocupação em fazer com que um número cada vez maior de mulheres – conhecedoras, mas também não conhecedoras da língua inglesa - tenham acesso ao livro organizado por si. De modo que possam igualmente todas elas empoderar-se através das leituras, da conscientização das questões que as envolvem e conseqüentemente nas tomadas de posições cotidianas.

Ao realizarmos a consulta sobre a palavra empoderamento no *Diccionario de ciencias sociales* (1986) não obtivemos êxito em nossa procura no sentido de encontrarmos a palavra buscada. Igual resultado obtivemos ao consultar o *Diccionario do pensamento social do século XX* (1996). No texto *El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo* (1997), Magdalena León faz referência a Marta Elena Venier, pois esta pesquisadora também se debruçou na busca do significado do verbo *empower* e do substantivo *empowerment* oriundos da língua inglesa para pensar seus significados na língua espanhola. Assim, depois de pesquisar em diversos dicionários<sup>2</sup> ela chegou à conclusão que estes termos “En español significan ‘dar poder’ y ‘conceder a alguien el ejercicio del poder’” (VENIER, 1996 *apud* LEÓN, 1997, p. 5). O que em língua portuguesa significa “dar poder” e “conceder a alguém o exercício do poder”. Além disso, León destaca que outras palavras em espanhol são utilizadas como sinônimas destes termos, como “empoderar” e “apoderar”:

La palabra empoderar denota acción por su prefijo. A este verbo se le ha dado como sinónimo apoderar, de uso antiguo, que se define como ‘dar poder a uno y facultades’ y como ‘constituirle y hacerle dueño de una cosa’, ‘hacer poderoso’ y ‘hacerse poderoso’ [...] empoderamiento y empoderar porque, como se anotó, ellos señalan acción, y porque empoderamiento implica [...] que el sujeto se convierte en agente activo como resultado de un accionar, que varía de acuerdo con cada situación concreta [...] Empoderarse significa que las personas adquieran control sobre sus vidas, logren la habilidad de hacer cosas y de definir

---

<sup>2</sup> (El Diccionario de la Academia (DRAE), el etimológico de Coraminas, el de las Autoridades y el R.J. Cuervo de Construcción y Régimen de la Lengua Castellana).

sus propias agendas. Al relacionarse con los intereses de los desposeídos, el término se toma como expresión deseable (LEÓN, 1997, p. 6,7).

Quando realizamos a pesquisa no dicionário *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa* (1998) o mais próximo da palavra empoderamento que encontramos foram as palavras “empoderar” e “empoderecer”. Sendo que a primeira significa “apoderar”, enquanto que a segunda denota “Tornar poderoso” (MICHAELIS, 1998, p. 788). Ao realizarmos a busca da palavra no dicionário *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (1999), no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) e no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2009), não encontramos este termo, tampouco seu significado. Ao pesquisarmos o conceito da palavra empoderamento no *Dicionário de psicologia da APA* (2010) – American Psychological Association -, nos deparamos com o seguinte conceito a partir do que nos propõe o local de fala da área da psicologia:

Empoderamento s.1. a promoção de habilidades, conhecimento e confiança necessárias para assumir maior controle sobre a própria vida, como em certos sistemas sociais e educacionais. Em psicoterapia, o processo envolve ajudar os clientes a se tornarem mais ativos na satisfação de suas necessidades e preenchimento de seus desejos. O empoderamento promove no cliente um senso de domínio e realização de suas capacidades e ambições [...] 2. a delegação de poderes crescentes para tomada de decisão a indivíduos ou grupos em uma sociedade ou organização (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA DA APA, 2010, P. 336).

Seguindo a linha de raciocínio proposta por León, também a economista britânica Nayla Kabeer contribui de forma significativa com o seu conceito de empoderamento a partir do que ela expõe no artigo *Empodramiento desde abajo: Qué podemos aprender de las organizaciones de base?* (1997) ao expor que “La idea del empoderamiento expresa los intereses de los grupos desposeídos del poder” e que “El concepto de empoderamiento está arraigado en la noción de poder y en su opuesto, la falta o ausencia de poder” (KABEER, 1997, p. 120). Joice Berth em seu livro *O que é empoderamento?* (2018), também tece suas considerações e contribui com suas pesquisas a fim de que possamos ter um alargamento maior e mais profundo no que se refere a este conceito. De acordo com a autora:

*Power* é um substantivo de língua inglesa que significa basicamente habilidade ou permissão para que alguém realize alguma coisa. Também pode significar autoridade, força, entre outras coisas. Já a palavra *empower* [...] é dar poder ou habilidade a algo ou alguém. A formação da palavra inglesa muito se assemelha ao processo de formação correspondente na língua portuguesa. No Brasil *empoderamento* é um neologismo, ou seja, um fenômeno linguístico que cria uma palavra ou expressão nova, ou ainda, atribui um novo sentido a uma palavra já existente. Em geral esse fenômeno acontece quando uma pessoa está tentando expressar algo e não encontra palavras. Então ocorre uma adaptação ou criação a partir de uma palavra já exis existente e conhecida para dar um significado aproximado (BERTH, 2018, p. 18, 19).

No texto *La búsqueda del empoderamiento: em qué puede contribuir el campo de la educación* (1997), a norteamericana especialista em educação Nelly Stromquist contribui com seu significado de empoderamento colocando-o ao lado da questão de gênero:

Numerosas instituciones de la sociedad sitúan a mujeres y hombres en categorías bipolares. Estas instituciones, a través de prácticas cotidianas basadas em creencias tradicionales, contruyen sujetos masculinos y femeninos que enfrentan fuerzas poderosas para conformarse. Las prácticas familiares, los mitos religiosos, la división social y sexual de trabajo, las costumbres maritales, el sistema educativo y las leyes civiles se combinan para producir jerarquias, creencias internalizadas y expectativas que son restrictivas pero que al mismo tempo son “naturalizadas” y [...] raramente debatidas. En este contexto, el empoderamiento es um processo para cambiar la distribución del poder, tanto e las relaciones interpersonales como en las instituciones de la sociedad (STROMQUIST, 1997, p. 77, 78).

A professora doutora em Sociologia Política atuante no departamento de ciência política da Universidade Federal da Bahia, Ana Alice Costa em seu artigo *Gênero, poder e empoderamento das mulheres* segue esta mesma linha de raciocínio no que se refere à questão de gênero e sua relação com o empoderamento:

O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família (COSTA, p. 9).

Trata-se de um processo lento, mas que se faz necessário a fim de que as futuras gerações possam ter um olhar diferente sobre o ser sujeito homem e ser sujeito mulher. Nesse sentido e igualmente importante é trazer o conceito de empoderamento proposto pela ativista indiana Srilatha Batliwala presente no seu artigo *El significado del empoderamiento de las mujeres: Nuevos conceptos desde la acción* (1997):

El proceso de desafío de las relaciones de poder existentes, así como el de obtención de un mayor control sobre las fuentes de poder, pueden ser llamados *empoderamiento* [...] El empoderamiento se manifiesta como una redistribución del poder, ya sea entre naciones, clases, razas, castas, géneros o individuos. Las metas del empoderamiento de las mujeres son desafiar la ideología patriarcal (dominación masculina y subordinación de la mujer), transformar las estructuras e instituciones que refuerzan y perpetúan la discriminación de género y la desigualdad social (la familia, la raza, la clase, la religión, los procesos educativos y las instituciones, los sistemas y prácticas de salud, las leyes y los códigos civiles, los procesos políticos, los modelos de desarrollo y las instituciones gubernamentales) y capacitar a las mujeres pobres para que logren acceso y control de la información y de los recursos materiales. De esta manera, el proceso de empoderamiento tiene que aplicarse a todas las estructuras y fuentes de poder relevantes [...] el empoderamiento de las mujeres



debe llevarlas — y a los "hombres nuevos"— a abordar los intereses y las preocupaciones mundiales, que incluyen el medio ambiente, la guerra, la violencia, el militarismo, el fanatismo étnico, lingüístico, religioso o racial y la demografía (BATLIWALA, 1997, p. 193, 194, 203).

É possível percebermos pelas reflexões que realizam as autoras que o poder está presente em toda a sociedade, pois ele se distribui de maneira distinta entre homens e mulheres, cabendo aos primeiros ocupar os postos em que ele se faz mais fortemente presente de forma que as decisões ditas mais importantes também estão em suas mãos porque são socialmente legitimadas. No entanto, esta hierarquia existente entre os gêneros é ao mesmo tempo camuflada e tida como espontânea por várias instituições sociais assim como por boa parte dos indivíduos. Nesse sentido, para as estudiosas, o empoderamento se constitui justamente na tentativa de mudar essa distribuição desigual do poder de modo a torná-lo menos discrepante e mais igualitário. Nesse sentido, o *artigo El marco conceptual de igualdad y empoderamiento de las mujeres (1997)*, de Sara Logwe e R. Clarke é significativo, pois dialoga diretamente com a perspectiva de empoderamento exposta por Stromquist, Ana Alice Costa e Batliwala. O empoderamento feminino e gênero estão diretamente relacionados como faces de uma mesma moeda. De maneira que para Logwe e Clarke:

Empoderamento significa que a la mujer se le crea una consciencia de la situación diferencial existente y se le motiva a emprender acción para lograr acceso a su parte justa y equitativa de los diversos recursos disponibles dentro del hogar, y dentro del sistema más amplio de provisión estatal [...] El empoderamiento es un concepto que dirige la atención hacia las relaciones de poder desiguales entre los géneros, y el proceso por el cual se puede superar la discriminación (LOGWE *et al* p. 178, 184).

Além de proporem estes conceitos referentes ao termo empoderamento, estes autores trazem para o centro de suas reflexões o que eles chamam de “cinco conceptos amplios que no son nuevos: bienestar, acceso, conscientización, participación y control” (LOGWE *et al* p. 183). Segundo estes pesquisadores, este conjunto de conceitos que já estão estabelecidos, servem “para definir un concepto más amplio: el empoderamiento” (LOGWE *et al* p. 183). A perspectiva adotada por eles, é que a partir do bem-estar, do acesso, conscientização, participação e controle por parte da mulher, haverá uma diminuição das desigualdades entre os gêneros de modo a existir uma maior igualdade entre os homens e mulheres.

Traremos a seguir, de forma resumida, cada um desses níveis de acordo com o que apontam seus autores:

Nivel uno: Bienestar Este es el nivel del bienestar material de la mujer, en comparación con el hombre, em áreas tales como estado de nutrición, suministro de alimentos e ingresos [...] El empoderamiento de las mujeres no puede tener lugar sólo en este nivel de bienestar. La acción para mejorar el bienestar acarreará mayor acceso a los recursos, lo cual implica el tratamiento al siguiente nivel Nivel dos: Acceso Los menores niveles de productividad de la mujer resultan de su limitado acceso a los recursos para el desarrollo y la producción de los

cuales dispone la sociedad – tierra, crédito, trabajo y servicios. En comparación con el hombre, la mujer tiene menos acceso a los servicios y la capacitación que hacen posible el empleo productivo [...] En casi todas las sociedades, la mujer tiene una carga tan grande de trabajo doméstico y de subsistencia al servicio de su familia, que no tiene suficiente tiempo para invertir en su propio progreso Nivel três: Conscientización la creencia de que la posición socioeconómica inferior de la mujer, y la división tradicional del trabajo por género, es parte del *orden natural*, o es *dispuesto por Dios*. Esta Concepción [...] generalmente se refleja y se promulga en mensajes cotidianos de los medios masivos y los textos escolares. Empoderamiento significa sensibilización con respeto a tales creencias y prácticas, y su rechazo significa reconocer que la subordinación de la mujer no es un orden natural de las cosas, sino es impuesta por un sistema de discriminación socialmente construido, el cual puede ser cambiado [...] La creencia en la igualdad de género como una meta del desarrollo está en la base de la consciência de género, y es el elemento ideológico crucial en el proceso de empoderamiento [...] Nivel cuatro: Participación En la mayoría de los países en desarrollo, cantidades notablemente bajas de mujeres se encuentran en la asamblea legislativa, o en la administración de organizaciones públicas y en el sector privado. [...] Si el desarrollo se limita a los niveles de bienestar y acceso, entonces la mujer se trata como beneficiária pasiva [...] Aquí nos interesa la igualdad en términos de la igual participación de la mujer en el proceso de toma de decisiones [...] La igualdad de participación no se logra fácilmente en todo tipo de sociedad. Se requerirá mayor movilización de la mujer para pressionar una mayor representación [...] Nivel cinco: control Igualdad de control significa um equilibrio de poder entre mujeres y hombres, de modo que ninguna parte se coloca en una posición de dominación. Significa que la mujer tiene, junto con el hombre, el poder de influir en su destino y en el de su sociedad (LOGWE *et all* p. 178, 179, 180, 181).

Importante ressaltar que a palavra empoderamento traz em si uma outra, denominada poder. É impossível dissociarmos o significado de ambas, uma vez que estão imbricadas as duas. “De manera que su uso es un llamado de atención sobre las relaciones de poder o del poder como relación social” (LEÓN, 1997, p. 13). Sobre a palavra empoderamento conter em si outra denominada poder, Batliwala preocupa-se em esmiuçar o conceito da palavra poder da maneira mais clara e abrangente possível, conforme nos aponta a autora:

El rasgo más sobresaliente del término empoderamiento es que contiene la palabra poder, la cual, para evadir debates filosóficos, puede ser ampliamente definida como el control sobre los bienes materiales, los recursos intelectuales y la ideología. Los bienes materiales sobre los cuales puede ejercerse el control pueden ser físicos, humanos o financieros, tales como la tierra, el agua, los bosques, los cuerpos de las personas, el trabajo, el dinero y el acceso a éste. Los recursos intelectuales incluyen los conocimientos, la información y las ideas. El control sobre la ideología significa la habilidad para generar, propagar, sostener e institucionalizar conjuntos específicos de creencias, valores, actitudes y comportamientos, determinando virtualmente la forma en que las personas perciben y funcionan en un entorno socioeconómico y político dado (BATLIWALA, 1997, p. 191, 192).

A partir dessas considerações sobre empoderamento e poder é impossível não pensarmos na imensa contribuição teórica que o filósofo Michael Foucault nos deixou referente à temática do poder. Desde as reflexões que o autor realiza em *Vigiar e punir: nascimento das prisões* (2011) em que destaca o poder unilateral e soberano do rei em relação aos seus súditos até as modificações que foram ocorrendo ao longo dos séculos em relação ao sistema punitivo.

### 3.2 A PALAVRA PODER E SUA RELAÇÃO IMBRICADA COM O EMPODERAMENTO

Uma das questões que mais nos chama a atenção nesta referência é a imparcialidade dos representantes da justiça no período da idade média que previam a execução dos condenados em praça pública não a partir das causas que levaram o infrator a realizar o crime cometido, havendo, portanto, ressalvas a serem feitas, mas pelo fato de que olhavam mais detidamente se este era sujeito de renome na sociedade, se possuía condições socioeconômicas elevadas, entre outros aspectos. Cometer o mesmo crime sendo sujeito pobre ou rico equivaleria a duas sentenças drasticamente distintas para os condenados. Trazendo essas reflexões para a atualidade é significativa a leitura do capítulo “Vida precária, vida passível de luto” (2015) presente no livro *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* (2015), de Judith Butler uma vez que faz pensar sobre o fato de que há vidas que são passíveis de luto enquanto que outras tantas não o são. De acordo com a pesquisadora, isso ocorre porque as vidas passíveis de luto são vidas socialmente reconhecidas como vidas na sociedade de maneira geral, enquanto que as que não possuem esse reconhecimento social não seriam igualmente reconhecidas em suas mortes:

Vidas que não são exatamente vidas, que são consideradas ‘destrutíveis’ e ‘não passíveis de luto’. Essas populações são ‘perdíveis’, ou podem ser sacrificadas, precisamente porque foram enquadradas como já tendo sido perdidas ou sacrificadas; são consideradas como ameaças à vida humana como a conhecemos, e não como populações vivas que necessitam de proteção contra a violência [...] Consequentemente, quando essas vidas são perdidas, não são objeto de lamentação, uma vez que na lógica distorcida que racionaliza sua morte, a perda dessas populações é considerada necessária para proteger a vida dos ‘vivos’ (BUTLER, 2015, p. 53).

Há algumas referências significativas que demonstram como se deram estas questões no decorrer do processo histórico (assim como na ficção) de meados da Idade Média até aproximadamente o século XIX. Um primeiro exemplo é aquele que o próprio Foucault traz nas primeiras páginas de *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2011), referente à condenação de Damiens pelo crime de parricídio:

Damiens [...] nu, de camisola [...] atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente,

piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo (FOUCAULT, 2009, p. 9).

Nesta passagem podemos verificar uma das inúmeras maneiras pela qual o corpo de um condenado poderia ser “supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto e no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo” (FOUCAULT, 2009, p. 13) em praça pública na França da Idade Média. Dialogando com esta referência de Foucault referente à condenação em praça pública que se dava na França desta mesma época, nos chama a atenção o filme *Perfume: A história de um assassino* (2006) adaptado do romance *O perfume: história de um assassino* (1985), do escritor alemão Patrick Süskind. Esta intertextualidade ocorre porque o personagem principal deste filme Jean-Baptiste Grenouille também é sentenciado à tortura pelo crime de ter tirado a vida de doze jovens moças com o objetivo de, a partir de cada uma das essências retiradas de seus corpos, compor o perfume perfeito. Ao ser pego pelo pai da última das jovens chamado Richis, e ao se encontrar preso por correntes perante toda uma multidão de indivíduos em uma praça pública, o condenado por assassinato recebe a seguinte sentença pelos crimes cometidos:

Pela sentença do tribunal, daqui a dois dias, o perfumista aprendiz Jean-Baptiste Grenouille deverá ser amarrado a uma cruz de madeira com seu rosto erguido para o céu (gritos da multidão). E, enquanto permanecer vivo receberá doze golpes com uma barra de ferro (gritos da multidão) que irão quebrar as juntas dos seus braços (gritos da multidão), seus ombros (gritos da multidão), sua bacia (gritos da multidão), e suas pernas (gritos da multidão). Ele deverá ficar preso à cruz até a morte. E, os eventuais atos de clemência estão expressamente proibidos ao executor (gritos da multidão) (PERFUME, 2006).

Estes dois casos, um real outro ficcional nos mostram a questão do uso do poder físico executado de forma direta por meio da pessoa do carrasco, mas que implicitamente denota a vontade das autoridades jurídicas e do rei da época em que ocorreram. Os outros dois exemplos que gostaríamos de mostrar tratam da questão do uso do poder, mas traz como centro a questão do uso deste mesmo poder através da fala, do uso que se faz do discurso afim de que se possa arrancar do condenado uma verdade, criar uma verdade se for o caso, mesmo que esta verdade não condiga com o que de fato aconteceu sendo, portanto, uma não-verdade. Esse ato de confeccionar uma verdade pode ser vista no filme *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma sœur et mon frère* (1976)<sup>3</sup> dirigido por René Allio - adaptado do livro de Foucault com o mesmo título. Esse processo se dá de modo mais direto quando a autoridade jurídica se dirige a Pierre Rivière de forma a intimidar, criar

---

<sup>3</sup> No filme *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão* (1976), há presença de um jovem que vive no meio rural e que é acusado pelo crime de parricídio. No decorrer do desenvolvimento dos fatos é visível a forma intimidadora, ameaçadora e tendenciosa com que a autoridade jurídica se dirige a Pierre a fim de que haja a confissão pelo crime cometido.

Torna-se visível o jogo do poder que se faz valer através do discurso verbal e não verbal em uma mescla que compõe conjuntamente o tom de voz, a postura e a autoridade verticalizada sobre o condenado. Estes são artifícios utilizados com o objetivo de gerar a humilhação, o medo e a culpabilidade.

medo e insegurança no jovem rapaz a fim de que este confesse o crime de parricídio. Ação semelhante ocorreu com um moleiro que vivia no meio rural na Itália do século XVI permeada pelo clima da inquisição. Isso ocorreu porque um moleiro chamado Domenico Scandella, dito Menocchio que mal sabia ler e escrever, passou a ler muitos livros que chegavam até suas mãos por meio de viajantes, e a partir das suas leituras passou a questionar o poder e os privilégios sustentados pelas figuras religiosas que tanto tinham e bem viviam enquanto que muitos sujeitos pobres e trabalhadores como ele nada possuíam apesar de trabalhar árdua e incansavelmente.

Esta pesquisa da micro-história do moleiro foi brilhantemente realizada pelo historiador Carlo Ginzburg do qual resultou sua excelente obra *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição* (2006). Sua tentativa com esta pesquisa era reconstruir fragmentos do que o historiador denominou de “cultura das classes subalternas” ou “cultura popular”:

A escassez de testemunhos sobre o comportamento e as classes subalternas do passado é com certeza o primeiro – mas não o único – obstáculo contra o qual as pesquisas do gênero se chocam. Porém, é uma regra que admite exceções. Este livro conta a história de um moleiro friuliano – Domenico Scandella, conhecido por Menocchio – queimado por ordem do Santo Ofício, depois de uma vida transcorrida em total anonimato. A documentação dos dois processos abertos contra ele, distantes quinze anos um do outro, nos dá um quadro rico de suas ideias e sentimentos, fantasias e aspirações. Outros documentos nos fornecem indicações sobre suas atividades econômicas, sobre a vida de seus filhos. Temos também algumas páginas escritas por ele mesmo e uma lista parcial de suas leituras (sabia ler e escrever). Gostaríamos, é claro, de saber muitas outras coisas sobre Menocchio. Mas o que temos em mãos já nos permitem reconstruir um fragmento do que se costuma denominar ‘cultura das classes subalternas’ ou ainda ‘cultura popular’ (GINGSBURG, 2006, p. 11).

Também o Panóptico – título de um dos capítulos de *Vigiar e punir* - representa o olho que tudo vê, mas não pode ser visto. Se na época em que foi criado dizia muito sobre as estruturas organizativas e estruturais das prisões em que viviam os presos, também permanece bastante atual. Estas imagens se fazem visíveis com suas pinceladas que destoam sutilmente de um ambiente sócio histórico para o outro, mas que se fazem notáveis ainda nos dias de hoje através das câmeras nos shoppings centers, nas lojas de atacado e varejo, nas câmeras que filmam as ruas, bibliotecas, cafés, bares, teatros, cinemas, etc. O olho que tudo vê também se materializa nos corpos que se tornam responsáveis por serem eles mesmos os olhos humanos. Ele se faz presente através dos corpos dos seguranças situados nas portarias dos prédios, através dos policiais que se escondem com suas viaturas nos pontos cegos das esquinas das ruas, nos seguranças das danceterias, para citar apenas alguns exemplos. Também as máquinas digitais e as redes sociais, além dos programas de computadores usados pelas empresas que vendem produtos online se manifestam através dos olhos invisíveis que conseguem rastrear o mais íntimo e privado daquilo que os indivíduos acessam diariamente através da rede mundial de computadores.

É esta poderosa rede que tem acesso às informações que acessamos através das teclas e dos cliques em pcs, *tablets* e *smartfones*, de modo a recebermos propagandas nas nossas telas sem nossa autorização sempre que clicamos em alguma oferta que nos chama a atenção. Trata-se de uma forma de persuasão para a compra. Resiste quem puder ou aqueles que simplesmente não possuem o tal poder de compra. Tudo isso traduz com as devidas atualizações o que já nos foi apresentado nas artes audiovisuais através do grande clássico do cinema *Tempos modernos* (1936) de Charles Chaplin em que o personagem Carlitos era observado o tempo todo pelo seu patrão através das câmeras distribuídas por toda a fábrica onde trabalhava. Um dos ápices do filme é quando o cômico se mescla com o absurdo do jovem trabalhador ser filmado inclusive no momento em que está no banheiro para realizar suas necessidades. Também *Microfísica do poder* (2014), de Michael Foucault, é peça chave para a compreensão do poder em sua forma mais abrangente. Isso porque, se há algumas centenas de anos o poder era visto de maneira geral como unicamente visível e que se dava de cima para baixo, de forma vertical e manifestada na figura de reis, imperadores, ditadores e outros líderes mundiais sobre os seus subordinados ou massas de populações. Foucault nos faz refletir sobre um outro tipo e formato de poder, que apesar de suas características diversas, não anula aquele tipo de poder e suas peculiaridades.

Trata-se de um poder mais atual. Um poder que é ao mesmo tempo macro e micro. Não apenas por ser maior e mais abrangente que o poder visível e unilateral, mas igualmente por ser menor e se manifestar nas mais sutis relações cotidianas em que determinados indivíduos desenvolvem suas habilidades de exercem seus poderes sobre os outros (através de xingamentos, “brincadeiras” ofensivas, assédio moral, assédio sexual, xenofobia, homofobia, misoginia, machismo, chantagem, entre outros) mas, porque esse tipo de poder é de tal forma dissolvido, invisível e impalpável que conforme pontuou o filósofo escapa praticamente de forma total do alcance de intervenção do Estado uma vez que este não tem como detê-lo. Ana Alice Costa ajuda a elucidar a abrangência do poder nas mais variadas esferas da sociedade assim como a questão inerente do poder enquanto relação de atritos e interesses por parte dos envolvidos:

o poder opera em todos os níveis da sociedade, desde as relações interpessoais até o nível estatal. As instituições e estruturas do Estado são elementos dentro de certas esferas de poder, cujas concepções se fundem na complexa rede de relações de força. Nesse sentido, o poder pode ser visto como um aspecto inerente a todas as relações econômicas, sociais e pessoais. Pode-se afirmar que o poder está presente do leito conjugal de um casal a sala presidencial do Palácio do Planalto. Estas relações de poder que operam em distintos níveis estão em constante conflito de interesses (COSTA, p. 2).

Igualmente Nayla Kabeer afirma também dialogando com a perspectiva de Foucault, que o poder é algo mais fluído e penetrante do que podemos imaginar:

El poder como algo que es más fluído, más penetrante y más socialmente arraigado de lo que sugieren los análisis más convencionales sobre la toma individual de decisiones. El poder se

encuentra no sólo en la capacidad de los hombres de mobilizar recursos materiales desde una variedad de fuentes para poder promover sus intereses individuales y de género, sino también en su capacidad de establecer las "reglas del juego" de tal manera que oculten la forma en que funciona el poder, confiriendo una ilusión de consenso y complementariedad (KABEER, 1997, p. 125, 126).

Também no decorrer dos três volumes: *História da sexualidade I: a vontade de saber* (2015), *História da sexualidade II: o uso dos prazeres* (2014) e *História da sexualidade III: cuidado de si* (2014), Michael Foucault nos fará refletir acerca de muitas questões pertinentes e que trazem mais uma vez como centro a temática do poder. No primeiro volume o autor se concentrará em discutir como a questão da sexualidade dos indivíduos passou por transformações ao longo do tempo. Se antes do século XVII os sujeitos poderiam falar abertamente sobre suas sexualidades e desejos que se manifestavam inclusive pelas palavras que são tidas socialmente hoje como sendo de baixo calão ou impróprias (como se o sexo e a sexualidade fossem ações que ninguém sentisse ou realizasse) a partir deste período histórico e através da forte influência da instituição religiosa católica no ocidente, os indivíduos seriam impelidos a repreender suas falas no que diz respeito a essas questões. Os meios utilizados para fazer filtrar essas falas que se situavam abertamente no meio público e restringi-las ao âmbito privado se materializou nos atos das confissões e nos espaços destinados aos confessionários. No romance *Memorial de Maria Moura* (1992) há uma passagem bastante elucidativa em que o padre Zé Souza ou Beato Romano (conforme designado por Moura) descreve a partir de sua posição de personagem-narrador como acontecia o processo da confissão tanto pelos homens quando pelas mulhe mulheres.

Estes pormenores descritos pelo personagem nos fazem refletir sobre os comportamentos e ações dos homens perante o ato de confessar-se que aparece diferente dos das mulheres, assim como nos traz uma imagem interessante para termos uma ideia de como se organizavam as pessoas no espaço social da igreja de acordo com a posição social em que se encontravam os indivíduos na sociedade:

Os homens se confessavam pouco, nem sequer uma vez por ano, segundo manda o preceito. E só se acusavam generalizando; pecados como fornicação e adultério, eles passavam de largo – eram fraquezas de macho que eu tinha a obrigação de entender. Creio que, apesar de padre, eles não me consideravam imune a essas fragilidades masculinas e até esperavam que eu comungasse das mesmas culpas: ‘o senhor sabe, padre, que para nós, homens, é difícil governar essas coisas...’ [...] as mulheres [...] Esmiúçam os pecados mais íntimos no deleite de os contar e os compartilhar com o padre confessor. Os pecados realizados, os quase cumpridos – ah, a doce cumplicidade! ‘Ele quase me forçou seu padre...eu resisti o mais que pude, mas o que era a minha força contra a dele? E o pior é que eu gostei...e de noite, ainda sonho com ele’ Pelo confessionário passa tudo, os adultérios e os incestos. Já falei da penitente que cometeu o pecado da carne com o padrasto e por isso resolveu ‘mandar matar ele’...E queria que eu a absolvesse por antecipação! Outra deu de vir se confessar com tal

frequência que acabei me assustando. Era nova e era bonita, eu já a conhecia de vista. Assistia missa e novena de um banco da primeira fila, que ela tinha como seu. O costume era os ricos da terra se sentarem ali na frente; os remediados logo atrás. A ralé e os escravos se amontoavam para lá de uma grade, que lhes vedava a parte da nave mais próxima do altar” (QUEIROZ, 1992, p. 101, 102).

Esta é uma passagem que não diz muito sobre as maneiras como os homens e as mulheres encaram de maneiras diferentes o ato de se confessar. Se faz presente nesse trecho igualmente a metáfora segundo a qual ter condições socioeconômicas favoráveis faz com que estes sujeitos se aproximem mais do céu em relação aos demais que devem permanecer mais distantes do altar e da figura do padre – que neste caso representa a própria figura de Cristo –, contrariando, portanto a passagem bíblica de Mateus 19 versículo 24: “E lhes digo mais: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus” (BÍBLIA PORTUGUÊS). Ainda de acordo com Foucault a partir dos séculos XVIII e XIX os confessionários se vestiram de outras roupagens, não desaparecendo de todo, mas transformando-se no que hoje temos como as instituições públicas das clínicas psiquiátricas, escolas e hospitais, assim como os paralelos da antiga figura do padre que ouvia, para termos hoje outros substitutos com seus pares de ouvidos atentos, como: psiquiatras, professores, enfermeiros e médicos. Se antes cabia à pessoa do padre ouvir os desmazelos de seus fiéis referentes às questões do sexo e das sexualidades dos sujeitos, hoje cabe aos profissionais da área da saúde física e mental assim como da educação prestar esses serviços aos membros das comunidades em que estão inseridos, compondo, portanto, uma rede que somada no conjunto tem como objetivo atender a toda uma sociedade de indivíduos.

Ao longo dos três volumes da *História da sexualidade*, Foucault concentrará suas energias em desconstruir o binômio do masculino e feminino, manifestos socialmente na figura do homem e da mulher. Quem se apropriará desses conceitos para melhor aprofundá-los será Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero* (2008) em que a autora desenvolverá suas teorias tendo como base a premissa básica e fundamental de que se o sexo pertence à categoria do biológico enquanto que o gênero é uma construção social. Assim como Foucault e Butler (ano), a escritora Simone de Beauvoir dedicará imenso fôlego no processo de desconstrução do que se tem tido histórica e socialmente como categorias binárias referente ao masculino e do feminino. Além de demonstrar ao longo dos dois volumes de *O segundo sexo* (2009) que o ser homem e o ser mulher não são conceitos fixos e imutáveis, uma vez que são o resultado muito mais de influências sociais que biológicas, a autora também se debruçará em questionar e comprovar através de incontáveis exemplos que não há nada na mulher que a situe como segundo sexo, porque o processo de construção social do sujeito mulher enquanto ser mais frágil, incapaz e movida pelos hormônios nada mais são do que mitos que foram desenvolvidos ao longo da história com o objetivo de legitimar e reforçar os padrões de poderes masculinos existentes.



Também, Foucault investigará no segundo e terceiro volume da sua *História da sexualidade* as relações que se davam entre os indivíduos homossexuais na Grécia e Roma antiga assim como desmistificará, através de vários exemplos, os diferentes deveres e direitos atribuídos ao homem e à mulher casada. Ao primeiro cabia um sem limite de liberdades sexuais dentro do casamento enquanto que se a esposa fosse pega nas mesmas condições de relações sexuais extraconjugais que o marido, teria como punição ser expulsa de sua casa. O poder da igreja e dos homens nestes últimos casos nos mostram os diferentes pesos e medidas atribuídos a figura do homem e da mulher, de modo a nos mostrar como se tem moldado a sociedade no decorrer dos séculos. Essas considerações referentes ao poder tendo em vista a perspectiva Foucaultiana são importantes, pois é a partir delas que serão pensadas o empoderamento feminino:

La idea de poder y su relación con el empoderamiento. Sobresale la importancia de las teorías sobre el poder de Foucault para el análisis feminista, puesto que si la razón de ser del feminismo es contribuir a la transformación de las relaciones de género basadas en el ejercicio de poder y, según Foucault, éste está presente en todos los niveles de la sociedad, entonces los cambios deben darse en todos los tipos de relaciones sociales (LEÓN, 1997, p. 14).

E quando pensamos em relações sociais temos em mente desde as que compõem a esfera doméstica até aquelas presentes nos espaços institucionais públicos. Magdalena León destaca que o uso do termo empoderamento pelo feminismo tem suas origens a partir da relevância do conceito de poder. Por isso, ela destaca que na década de 60 a busca pelos direitos civis pela população negra nos Estados Unidos buscou no poder negro a estratégia para as suas reivindicações. Esta afirmação também é reiterada por Ana Alice Costa no artigo *Gênero, poder e empoderamento das mulheres* (1997), mas nos parece que é mais bem esmiuçada por Nelly Stromquist:

Para entender mejor el concepto de empoderamiento, podría ser útil estudiar sus orígenes en los movimientos populares. Este concepto surgió con los movimientos de los derechos civiles en los Estados Unidos en los años sessenta, después del sustancial trabajo de desobediencia civil y los esfuerzos de los votantes registrados para asegurar los derechos democráticos de los afroamericanos. Disgustados con la velocidad y el alcance de los cambios, algunos líderes negros, encabezados por Stokely Carmichael, hicieron un llamado al ‘poder negro’ [...] El empoderamiento comenzó a ser aplicado en los movimientos de las mujeres a mediados de los años setenta. Las similitudes entre los grupos oprimidos son considerables debido a que enfrentan el problema común de una voluntad limitada por parte de los que ejercen el control, de ocuparse con la seriedad de las condiciones de estos grupos y trabajar en búsqueda de soluciones. En estas circunstancias, los oprimidos deben desarrollar, por sí mismos, un poder para generar el cambio; el poder no les será entregado por el simple hecho de pedirlo (STROMQUIST, 1997, p. 77).

Torna-se claro que a história do surgimento do termo empoderamento está colado com a questão própria do poder de modo a se caracterizar como uma disputa, uma luta por reconhecimento. De modo a tornar-se mais claro, Stromquist cita a Carmichael e Hamilton (*Black Power: The politics*

*of Liberation* 1967) para dizer que três pontos eram centrais neste movimento pelo empoderamento. O primeiro, trata-se de um chamado para que as pessoas negras deste país se unam. O segundo, para que reconheçam suas origens ancestrais e a terceira para que construam um sentido de comunidade. Magdalena León reitera a afirmação de Stromquist apontando que na mesma década de setenta a ciência social crítica e o movimento feminista irão retomar o conceito de empoderamento e desenvolvê-lo. Ao esmiuçar este termo haverá como base as contribuições teóricas realizadas por três grandes filósofos. São eles: Antônio Gramsci, Michael Foucault e Paulo Freire:

Los dos primeros autores entienden el poder como una relación social. Gramsci recalcó la importancia de los mecanismos de participación en las instituciones y la sociedad en busca de un sistema igualitario y Foucault planteó que el poder opera en todos los niveles de la sociedad, desde los interpersonales e íntimos, hasta los más altos escalones del Estado. Las referencias de Freire, especialmente en su obra *La pedagogía de los oprimidos* (1970), apelan a la discusión central de su trabajo sobre como puede transformarse la consciencia. Sus fundamentos teóricos son importantes para entender la dinámica del aprendizaje transformador y libertador, en cuanto llaman la atención sobre procesos mediante los cuales los oprimidos, hoy llamados excluidos, se liberan de las estructuras que limitan su participación social, intelectual y política. Este autor plantea un continuo que va desde la forma de consciencia no reflexiva, en que la persona es objeto y se encuentra sin capacidad de selección, hasta la visión de consciencia crítica, en la cual se pasa a una persona sujeto que se encuentra con la realidad y participa con capacidad de tomar decisiones y transformar. (LEÓN, 1997, p. 9).

Levando em consideração as contribuições teóricas de Gramsci, Foucault e Freire no que se refere à importância da tomada de consciência sobre os processos de poder que se desenvolvem continuamente na nossa sociedade a fim de que os sujeitos possam ser críticos, pensantes e atuantes, deixando assim de lado a visão míope ou distorcida da realidade que os envolve, é que não podemos deixar de levar em consideração a importância do processo de conscientização por parte das mulheres. Isso porque ser sujeito consciente das causas que levam a gerar as desigualdades entre os homens e mulheres, independentemente em quais esferas da vida elas se dão, são passos fundamentais rumo à tomada de decisões práticas que visem a melhorar não apenas as perspectivas em relação ao presente, mas também em relação ao futuro. E, como sabemos, se as palavras podem servir como exemplos a serem seguidos por outras pessoas, as ações por si só igualmente possuem sua linguagem própria e podem servir como movimentos que estimulem para mudanças positivas. Por isso, se as mulheres passam de um nível de não consciência para outro de desenvolvimento do pensamento crítico, isso em maior ou menor medida se faz perceptível pelas outras mulheres que estão no seu entorno. Paulatinamente, as palavras, os gestos e as atitudes de assertividade e não passividade modificam não apenas o olhar que a mulher lança para si própria, mas se faz ver e perceber também pelos olhos alheios pois a mulher consciente altera seu meio paulatinamente seja pelos pequenos, médios ou grandes gestos que produz.

É muito provável que através da troca de experiências da mulher que pensa criticamente em relação às mulheres que não atingiram ainda este nível de autoconhecimento se perpetue e se dissemine, como em um ciclo, de modo que umas passem a influenciarem as outras com suas experiências e ações:

el empoderamiento tiene que ser externamente inducido por fuerzas que trabajan por un cambio de conciencia y un conocimiento de que el orden social existente es injusto y no natural. Se busca, entonces, cambiar la conciencia de otras mujeres: modificando su autoimagen y sus creencias acerca de sus derechos y capacidades; creando conciencia de la discriminación de género que, a semejanza de otros factores socioeconómicos y políticos, es una fuerza que actúa sobre ellas desafiando el sentimiento de inferioridad que se les ha imbuido desde el nacimiento; reconociendo el valor verdadero de sus labores y contribuciones a la familia, la sociedad y la economía. Las mujeres tienen que ser convencidas de sus derechos innatos a la igualdad, la dignidad y la justicia [...] El proceso de empoderamiento es, entonces, una espiral que altera la conciencia, identifica áreas de cambio, permite crear estrategias, promueve el cambio y analiza las acciones y los resultados, que a la vez permiten alcanzar niveles más altos de conciencia y estrategias más acordes con las necesidades (BATLIWALA, 1997, p. 197, 201).

### 3.3 O EMPODERAMENTO E SUAS APLICABILIDADES PRÁTICAS E TRANSFORMADORAS

Nelly Stromquist contribuirá, fazendo-nos refletir acerca do que ela denomina de “As quatro facetas da definição de empoderamento”. Assim “una plena definición de empoderamiento debe incluir los componentes cognitivos, psicológicos, políticos y económicos” (STROMQUIST, 1997, p. 79). Apesar da pesquisadora esmiuçar detalhadamente cada um destes pontos, descreveremos objetiva e resumidamente e com a nossa própria tradução do espanhol para o português as características de cada um destes tópicos que julgamos ser fundamentais tendo como base exatamente aquilo que a autora nos apresenta no texto *La búsqueda del empoderamiento: em qué puede contribuir el campo de la educación* (1997).

- Componente cognitivo: Envolve a compreensão do ser e a necessidade de tomar decisões que possivelmente vão contra as expectativas culturais e sociais. A aquisição de um novo conhecimento é necessário para criar um entendimento diferente das relações de gênero, assim como para abolir crenças antigas que estruturam ideologias de gênero com grande força;

- Componente psicológico: Inclui o desenvolvimento de sentimentos que as mulheres podem colocar em prática a nível pessoal e social para melhorar sua condição, assim como a ênfase na crença de que podem ter êxito em seus esforços por mudança. Também abrange a autoconfiança e a autoestima. No entanto, a autora destaca que o elemento psicológico precisa ser reforçado com

recursos econômicos, pois um trabalho fora de casa incrementa uma independência econômica e geral para as mulheres que o executam.

- Componente econômico: Este componente requer, segundo aponta a estudiosa, que as mulheres tenham a capacidade de se comprometer com uma atividade produtiva que lhes oferecerá algum grau de autonomia financeira, sem se importar com quão pequeno pode ser o começo nem quão difícil possa ser alcançá-lo.

- Componente político: Supõe a habilidade para analisar o meio circundante em termos políticos e sociais. Também significa a habilidade para organizar e mobilizar mudanças sociais uma vez que a ação coletiva nesse processo é fundamental.

Ao lado destes quatro tópicos que comporiam uma perfeita definição de empoderamento, a socióloga norte-americana Margaret Schuler no artigo *Los derechos de las mujeres son derechos humanos: La agenda internacional del empoderamiento* (1997), destaca o que ela chama de seis categorias gerais ou aspectos do empoderamento:

- 1) “Sentido de seguridad y visión de un futuro”;
- 2) “Capacidad de ganarse la vida”;
- 3) “Capacidad de actuar eficazmente en la esfera pública”
- 4) “Mayor poder de tomar decisiones en el hogar”
- 5) “Participación en grupos no familiares [...] como recursos de información y apoyo”
- 6) “Movilidad y visibilidad en la comunidad” (SCHULER, 1997, p.32).

Também Srilata Batliwala, tomando como base uma pesquisa sobre algumas ONGs do sul da Ásia (as quais ela não designa os nomes) empenhadas com o processo de empoderar as mulheres, assim como a revisão que a pesquisadora realiza através de materiais publicados e não publicados, ela afirma que a partir dessas experiências pode identificar o que ela designa de “tres enfoques principales con relación al empoderamiento de las mujeres” (BATLIWALA, 1997, p. 204). Os três enfoques que a autora menciona são “El enfoque de desarrollo integrado”, o “enfoque de desarrollo económico” e o “desarrollo de concientización” (BATLIWALA, 1997, p. 204, 205). De acordo com a autora, o enfoque no desenvolvimento integrado tem como ponto principal suprir as necessidades mais elementares de que sofrem as mulheres, como: saúde, educação e recursos necessários à sobrevivência, visto que se tratam de mulheres que se encontram em estado de extrema pobreza. A estudiosa destaca que devido a essas condições, trata-se praticamente impossível estas mulheres serem no estado em que se encontram, mulheres empoderadas. O enfoque do desenvolvimento econômico chama a atenção para a importância das mulheres possuírem uma renda própria, ou seja, seus próprios ganhos. De modo que a pesquisadora aponta que muito da subordinação das mulheres se dá em decorrência da falta desta autonomia. Assim, apoiar as mulheres para que tenham condições de ganhar seus próprios salários parece ser uma conquista que se dá não apenas no âmbito econômico,

mas conforme nos aponta Batliwala, acaba por refletir também em outras esferas da vida. O enfoque da conscientização tem como base, segundo a autora, a questão da educação, pois é a partir dela que as mulheres terão condições de refletir mais criticamente sobre os diversos motivos que fazem com que elas estejam nas posições desiguais que estão, além de serem mais autoconscientes, desenvolverem mais a autoestima e processar novos aprendizados.

Nos parece que esses processos não são excludentes, pelo contrário, somam-se uns aos outros. No entanto, nos parece que a maneira como eles foram organizados pela pesquisadora – de cima para baixo - tem uma razão de ser se formos pensar que muito dificilmente as mulheres terão condições de se dedicarem às atividades laborais, aos estudos e conseqüentemente ao processo de autoconsciência crítica se faltarem nas mesas de seus lares o básico de que todo ser humano necessita para sobreviver. Importante destacar que os quatro pontos destacados por Stromquist, as seis categorias destacadas por Shuler e os três enfoques apontados por Batliwala longe de divergirem, convergem uns com os outros. Isso porque se formos analisar bem detidamente nos três casos as autoras dão ênfase para a questão da autonomia financeira das mulheres, pois esta gera também autonomia em outras áreas de suas vidas, como a pessoal e profissional. Dialogando com as considerações feitas pelas pesquisadoras, Shuler aponta que uma das características que mais fortemente contribui para o empoderamento das mulheres são as oportunidades de ganharem seus próprios saldos, o que nos parece dialogar diretamente com o item número dois de sua lista referente à “capacidade de ganhar a vida”. Isso porque “contribuyen a que las mujeres tengan una percepción más positiva de sí mismas y una mayor autoestima, y permiten fortalecer su poder de negociación dentro de la familia” (SCHULER, 1997, p.32). Reforçando as afirmações feitas por Stromquist e Schuler referentes à importância do ganho de uma renda por parte das mulheres, Nayla Kabeer afirma que “las mujeres tienden a ejercer mayor poder de decisión cuando tienen acceso a un ingreso propio” (KABEER, 1997). Estas afirmações são centrais, uma vez que é o trabalho remunerado e realizado fora do ambiente doméstico que permite às mulheres recebê-los ao fim do mês como pagamento pela mão de obra executada. Isso confere-lhes empoderamento, pois lhes dá liberdade de fazer com o dinheiro recebido aquilo que melhor lhes aprouver.

Importante destacar que no decorrer da leitura do livro *O que é empoderamento?* (2018), de Joice Berth percebemos que esta autora toma como base para o desenvolvimeto de suas reflexões sobre o conceito e as características que envolvem o empoderamento feminino, alguns dos autores e teorias igualmente utilizados nesta pesquisa. Esse processo ocorre principalmente no primeiro e segundo capítulos do livro, denominados “O que é empoderamento” e “Opressões estruturais e empoderamento: um ajuste necessário”. A intertextualidade diminui na última parte do livro, pois a autora dá ênfase para a questão do feminismo negro e estética, conforme demarcado nos títulos do terceiro e quarto capítulos da obra “Ressignificação pelo feminismo negro” e “Estética e afetividade:

Noções de empoderamento” (2018). Entre os pontos mais convergentes com esta pesquisa, se apresentam as passagens em que a pesquisadora igualmente traz para o centro de suas discussões os aportes teóricos de Michael Foucault e Paulo Freire. Destaca do primeiro autor o conceito de poder tendo como base principalmente as construções de *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2011) enquanto que do segundo destaca a teoria da conscientização.

Igualmente são utilizadas como embasamento teórico as contribuições teóricas sobre empoderamento da autora Nelly Stromquist visto que Joice Berth cita as quatro dimensões de empoderamento apresentados pela autora (dimensão cognitiva, psicológica, política e econômica), além daquelas proposições relativas ao empoderamento feitas por Magdalena León. Estas observações se fazem pertinentes, pois temos a oportunidade de travar conhecimento sobre o fato de que estas teorias em prol do empoderamento estão não apenas aflorando atualmente na pesquisa brasileira como igualmente dialogando entre si. Além disso, a ideia é também trazer para esta pesquisa as contribuições da pesquisadora Joice Berth referente à sua visão sobre o processo de empoderamento feminino visto que é uma estudiosa brasileira, negra e que tem como centro de foco de análise nas suas pesquisas o tema do gênero e das questões raciais. De acordo com Berth:

- “empoderamento [...] significa, grosso modo, ‘dar poder’” (p. 11);
- “empoderamento feminino é a superação individual de certas opressões” (p. 40);
- “empoderamento é um processo e não um fim em si mesmo [...] Vale dizer que não é possível alterar as relações de poder sem o necessário conflito e questionamento” (p. 56);
- “Parece-me inquestionável que sem o fortalecimento da autoestima não tenhamos força para iniciar sequer um processo lúcido de empoderamento” (p.93);
- “É evidente que perpassa o processo de empoderamento o fortalecimento social que o dinheiro/capital proporciona” (BERTH, 2018, p. 59).

Com o suor de seu próprio trabalho a mulher trabalhadora pode participar em casa com o orçamento familiar, investir em sua própria formação profissional e a dos filhos (se os possuir), pode comprar para si os artigos de que necessita, como roupas e calçados, além de custear outros encargos tidos como fundamentais para a manutenção da vida e da dignidade, como alimentação, saúde e moradia.

Ter o próprio dinheiro também empodera a mulher no sentido de que lhe possibilita planejar e realizar objetivos que se configuram a longo prazo, como, por exemplo: planejar uma viagem, comprar um meio de transporte próprio (moto ou carro), adquirir a moradia própria se deseja livrar-se do aluguel (casa ou apartamento), investir em uma aposentadoria particular, possuir uma poupança para quando precisar ou desejar usufruir, entre tantas outras possibilidades. Também a curto prazo, ter um saldo próprio possibilita realizar outras pequenas, mas significativas conquistas, como: sair para comer fora de casa (em restaurantes, bares, praias, lanchonetes, sorveterias, pizzarias, cafés)

frequentar teatros, cinema, comprar livros, artigos pessoais diversos, desenvolver hobbies, realizar viagens curtas, presentear-se a si própria e a amigos e familiares, frequentar algum espaço que ofereça atividade esportiva ou artística, como aulas de natação, yoga, dança, música, canto, entre outros. Uma personagem representada na literatura brasileira por Rachel de Queiroz em seu romance *Memorial de Maria Moura* (1992) que tinha plena consciência da importância da mulher ter sua própria fonte de renda para que pudesse não apenas se manter sem precisar depender de terceiros, mas igualmente ajudar aqueles que por ventura viessem procurar seu auxílio é Maria Moura. Isso tudo apesar do ambiente sócio-histórico do romance se passar no período em que o Brasil estava em transição da época da escravidão para o da abolição dos escravos. O que nos faz acreditar que Rachel de Queiroz criou uma personagem para além do seu tempo e dos espaços que cabiam à grande maioria das mulheres desde período ocupar. Criou uma mulher audaciosa, corajosa, com visão em relação às coisas do presente e do futuro e com perspectiva crítica sobre a importância de possuir os meios econômicos suficientes pertencentes à sua época para que pudesse suprir todas as suas necessidades e ainda viver com conforto:

Já o que me interessa mais, hoje em dia, é a segurança. Meus ouros, meu dinheiro escondido. Estes anos todos de luta, muita luta. E este retiro que eu posso garantir a quem precisa [...] Fiquei por muito tempo passando entre os dedos o meu ouro e as minhas pedras. Não que eu gostasse tanto assim daquilo – nem me sonhava aparecendo para o povo com tanta riqueza em cima de mim. Mas eu sabia que é o ouro que dá poder aos ricos. Com ouro se compra terra, gado, armamento; com ouro se compra boa vontade, até amizade; com ouro se paga missa, se faz igreja” (QUEIROZ, 1992, p. 17, 265).

É nesse sentido que se faz tão importante o conceito de poder proposto por Nayla Kabeer, referente ao que ela designa de “poder desde dentro” ou “poder del interior” (KABEER, 1997, p. 125). Isso, porque, de acordo com a economista britânica, este tipo de poder tem sua essência na experiência do sujeito. De maneira que este poder nunca é dado, mas deve surgir a partir do próprio indivíduo:

La naturaleza multidimensional del poder sugiere que es necesario construir las estrategias para el empoderamiento de las mujeres con base en "el poder del interior" o "poder desde dentro" como un punto esencial en la agenda para mejorar sus capacidades de controlar recursos, determinar programas y tomar decisiones (KABEER, 1997, p. 126).

No entanto, não podemos perder de vista que esses processos não se constituem assim de forma tão espontânea e perfeita como podem parecer à primeira vista. No artigo *Qué está mal con el empoderamiento?* (1997), a psicóloga norteamericana Stephanie Riger faz contribuições importantes para pensarmos a questão do empoderamento a partir do seu lugar de fala, ou seja, a partir das perspectivas teóricas apontadas pela área de estudos da psicologia. De acordo com Riger, grande parte das pesquisas de sua área toma como base a suposição de que um sujeito são é aquele capaz de exercer controle sobre si próprio, de ter sua própria independência, ter segurança sobre si mesmo, possuir a capacidade de assertividade além de influenciar o seu meio, trabalhando também, com retidão e

justiça. No entanto, ela destaca que este sujeito é visto a partir da perspectiva “de los sistemas sociales y económicos del Occidente” (RIGER, 1997, p. 56). Ela assinala que colocar nossas energias no indivíduo apenas, desfoca nosso conceito sobre o empoderamento. Para explicar melhor, ela apresenta duas perspectivas distintas para pensarmos. Ou, o que ela denomina de um conflito na área da psicologia que se bifurca em relação à natureza humana. A primeira tem como base o fato de que “la realidad crea al sujeto”. A segunda pressupõe que “el sujeto crea la realidad (como se refleja, por ejemplo en la teoria cognitiva)” (RIGER, 1997, p. 57, 58). De maneira a tornar mais claros esses conceitos, a autora expõe que:

La consecuencia de la perspectiva cognitiva es ignorar o subvalorar la influencia de los factores estructurales sociales o situacionales, al favorecer un enfoque en las percepciones individuales [...] esta visión desconecta artificialmente el comportamiento humano del amplio contexto sociopolítico [...] Lo anterior no quiere decir que los individuos carezcan de influencia o que las percepciones individuales no sean importantes, sino que al reducir el poder a la psicología individual se ignora el contexto político e histórico en el que los individuos operan (RIGER, 1997, p. 58).

Isso nos aponta que devemos pensar a questão do empoderamento feminino não apenas a partir da perspectiva individual do sujeito, mas também levando em consideração que a esfera social é muito mais geral e abrangente e que por isso mesmo possui forças externas que extrapolam o âmbito da vontade individual exercendo, portanto, forte poder sobre os sujeitos. Sobre este fato Sara Logwe e R. Clarke afirmam no artigo *El marco conceptual de igualdad y empoderamiento de las mujeres* (1997), “que la mujer se dé cuenta de que sus problemas no se derivan tanto de sus propias insuficiencias personales, sino mas bien se le subyuga mediante um sistema social” (LOGWE *et all*, 1997, p. 179). Isso significa levar em consideração também os vários e muitos fatores sociais, econômicos, geográficos, políticos e institucionais em que se encontram imersos os sujeitos, pois estas muitas esferas são responsáveis pelos inúmeros acessos ou não acessos dos indivíduos às oportunidades dependendo dos lugares em que se encontram cada um deles na pirâmide social. De modo que as categorias de raça, classe, gênero, idade, nível de escolaridade, entre muitos outros, afeta, se não diretamente, de forma indireta a condição em que se encontram os sujeitos na sociedade. A partir dessas últimas observações, cabe questionar: O empoderamento feminino também afeta os homens? Nos parece que sim e de diferentes maneiras dependendo dos lugares em que estes se encontrarem na sociedade. Afeta os homens dotados de poder e aqueles que veem as mulheres como seres inferiores, pois estes terão nas suas frentes mulheres com um nível de criticidade tal que muito dificilmente permanecerão passivas diante de tudo aquilo que considerarem injusto ou hostil, seja com elas próprias ou com outras mulheres. Estes gestos ou ações, assim como a própria estrutura e funcionamento do poder, que é fluído, impalpável e sutil, podem se desenvolver desde as esferas mais cotidianas e informais da vida (dentro de um ônibus, metrô, praia, áreas de lazer e outros ambientes diversos) até em outras configuradas por instituições sociais e que demandam um nível de



formalidade maior. O fato é que, dotada de criticidade e dos conhecimentos formais necessários de que necessita para circular adequadamente por todas as esferas sociais, independentemente do nível de formalidade ou informalidade que estas exigirem, as mulheres terão condições de se desenvolverem e se colocarem de igual para igual frente a situações e sujeitos que por ventura tenham o objetivo de as colocar em uma situação de marginalidade ou inferioridade.

Parece que a questão do empoderamento feminino toma dimensões diversas quando se tem em mente homens que se situam na base da pirâmide social. Estamos pensando neste exemplo os casos de homens que são casados com mulheres e possuem mulheres como filhas. Certamente que para estes sujeitos, terem aos seus lados esposas e filhas empoderadas lhes trará imensos benefícios. Isto porque, toda a carga econômica e social que antes era depositada sobre as suas costas passará a ser dividida com as mulheres com quem convive. Disso, resultará benefícios de ordem econômica e psicológica que antes dificilmente seriam possíveis. Isso porque, ajudando nas despesas econômicas do lar, a mulher passa a tomar para si parte das responsabilidades cotidianas que antes ficavam restritas ao homem. Muda-se também a representação deste ser masculino, pois este não é visto como único provedor e chefe supremo, o que certamente diminui sobre si também as cargas pejorativas de mando de um lado e submissão do outro, uma vez que as relações entre os membros da família se tornam mais horizontais e menos verticalizadas. Quem nos ajuda a compreender melhor este processo é Batliwala, quando a estudiosa indiana afirma que:

Existe una confusión general y cierto grado de ansiedad acerca de si el empoderamiento de las mujeres lleva a un desempoderamiento de los hombres. Es obvio que los hombres en condiciones de pobreza son tan impotentes como las mujeres en las mismas condiciones, en términos del acceso y el control sobre los recursos [...] Un punto que suele no tenerse en cuenta es que el empoderamiento de las mujeres también libera y empodera a los hombres, tanto en términos materiales como psicológicos. En primer lugar, porque las mujeres fortalecen el impacto de los movimientos políticos dominados por los hombres, no exactamente por numerosas, sino por proporcionar nuevas energías, discusiones, liderazgos y estrategias. En segundo lugar [...] el esfuerzo de los grupos de mujeres por acceder a los recursos materiales y de conocimiento beneficia directamente a los hombres e hijos de sus familias y sus comunidades, pues abre la puerta a nuevas ideas y a una mayor calidad de vida Pero lo más importante son las ganancias psicológicas que adquieren los hombres cuando las mujeres comparten responsabilidades Los hombres se liberan de los roles de opresión y de explotación, así como de los estereotipos de género que limitan el potencial de autoexpresión y el desarrollo personal de hombres y mujeres. Mas aún, diversas experiencias en el mundo entero muestran que los hombres descubren una satisfacción emocional al compartir las responsabilidades y la toma de decisiones; encuentran que han perdido no meramente privilegios tradicionales, sino también cargas tradicionales (BATLIWALA, 1997, p. 194, 195, 196).

Também Heleieth Saffioti nos ajuda a compreender melhor o processo negativo pelos quais os homens passam, pois se para eles pode haver um lado positivo no processo de dominação sobre a

mulher, igualmente há prejuízos marcantes nessa assimetria existente entre as relações entre os gêneros. A pesquisadora nos aponta no livro *O poder do macho* (1987) que existe uma castração do homem quando cabe exclusivamente a ele a responsabilidade pela manutenção econômica do lar:

*O macho é considerado o provedor das necessidades da família. Ainda que sua mulher possa trabalhar remuneradamente, contribuindo, desta forma, para o orçamento doméstico, cabe ao homem ganhar o melhor salário [...] não lhe é permitido fracassar. A ideologia dominante impõe ao homem a necessidade de ter êxito econômico, independente do número de empregos oferecidos pela economia nacional [...] Sem dúvida, é demasiadamente pesado o fardo masculino de provedor do lar [...] Mas, ser macho não significa somente ter êxito econômico. Ao macho estão sempre associados valores tais como a força, razão, coragem. Logo, os raquíticos, os afetivos, os tímidos são solicitados impositivamente a se comportarem de forma contrária às suas inclinações. São, pois, obrigados a castrarem certas qualidades por serem estas consideradas femininas, por conseguinte, negativas para um homem. (Muldworf, Bernard, *La feme à la recherche de sa persone, La feme à la recherche d'elle même*, Paris-Genebra, La Palatine, 1965 apud SAFIOTTI, 1987, P. 24, 25, 26).*

Dialogando com Safiotti, também a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em uma palestra que ministrou “em dezembro de 2012 no TEDxEuston, conferência anual com foco na África” (ADICHIE, 2015, p. 7) (cuja versão foi revista para que pudesse se transformar no livro *Sejamos todos feministas* (2015) ) se debruça a pensar a importância da questão da educação das crianças para que estas possam ser adultos mais felizes sem decorrência de não precisarem anular, esconder seus sentimentos por causa de tudo o que impõe a sociedade tanto para homens quanto para as mulheres:

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. O modo como criamos nossos filhos é nocivo: nossa definição de masculinidade é *muito* estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, *homens duros* [...] Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero (ADICHIE, 2015, p. 28, 29, 36, 37).

Igualmente a literatura brasileira nos apresenta a representação de meninos e meninas que por serem submetidos a uma educação extremamente conservadora, reprimida e sem liberdade de movimentos - quer gestuais, de expressão de pensamentos, de fala, de espontaneidade, de sujar-se, de desafiar-se através de brincadeiras – acabam por se tornar infantes que desde a tenra idade já sentem os malefícios de serem podados nessas manifestações. O menino-personagem-narrador e sem nome presente em *O ponto cego* (1999), de Lya Luft usa sua voz para dizer o quanto é devastador para si ter um pai controlador, frio e excessivamente enérgico quanto ao menor sinal de sensibilidade do

filho. “Mas, eu se tenho lágrimas nos olhos [...] não posso mostrar fraqueza [...] Aqui em casa é proibido chorar” (LUFT, 1999, p. 92, 93). Em outro importante romance da escritora gaúcha denominado *As parceiras* (1980), a autora apresenta a realidade da triste infância vivida pela menina Anelise que constantemente é podada pelos comportamentos da mãe:

Nunca poderíamos correr, gritar, discutir na frente dela, tudo a perturbava, começava a chorar, recolhia-se ao quarto, me deixava louca de remorsos. Acostumei-me a controlar o desejo de rir alto, de cantar aos gritos, de correr pelo pátio. Inventava uma vida de mentira, para meus pais verem. Mas levava por dentro uma existência só minha (LUFT, 1980, p. 26).

Nos parece que a questão do empoderamento das mulheres deveria iniciar-se desde a infância. Sendo assim, as meninas poderão escolher livremente as brincadeiras que quiserem brincar, assim como as roupas que querem usar (independente se forem rosa, azul ou de outras cores), sujando-se com suas brincadeiras e tornando-se através delas futuras jovens e adultas sem receios, sem culpase sem amarras ao sentar, ao falar, ao encarar os desafios da vida e as dificuldades - porque livres das imposições, amarras e costumes sociais que delegam a si determinados comportamentos e atitudes tidos socialmente como sendo de mulheres. Exatamente o mesmo seria bom à educação dos meninos, mas como geralmente a eles é atribuída este conjunto de liberdades no período de sua infância, cremos que seria de grande significância se suas famílias lhes concedessem a possibilidade de expressarem seus sentimentos sempre que sentirem necessidade. Além disso, que os meninos possam ser educados desde a tenra idade a tratarem as meninas (que serão as futuras mulheres) com respeito e igualdade. Que elas possam ser vistas como suas pares e isso significa não apenas companheiras para as brincadeiras, mas também nas confissões de suas dores, na elaboração dos trabalhos escolares e nas sociabilidades de uma maneira geral de modo a desconstruir paulatinamente os grupos formados predominantemente por meninos e outros exclusivamente por meninas. Acreditamos que se o conjunto dessas ações se desenvolver nesta e nas próximas gerações, o empoderamento feminino acontecerá de forma natural, igualitária e democrática entre os homens e mulheres, exatamente como atualmente se dão as noções e ações patriarcais. Com estas mudanças que se situam na base da educação e da formação do sujeito, haverá em um futuro não muito distante homens e mulheres mais felizes e saudáveis psicologicamente, pois dividirão em suas costas o mesmo peso referente aos direitos e deveres assim como as noções e práticas do respeito e da dignidade humana.

#### 3.4 As quatro facetas da definição de empoderamento que serão UTILIZADAS NO DECORRER DA LEITURA CRÍTICA DOS ROMANCES VASTO MUNDO (2001) E OUTROS CANTOS (2016), DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Nelly Stromquist nos apresenta no seu artigo *La búsqueda del empoderamiento: em qué puede contribuir el campo de la educación* (1997) o que ela denomina de “As quatro facetas da definição

de empoderamento” que se formam pelos componentes “cognitivos, psicológicos, políticos y económicos” (STROMQUIST, 1997, p. 79) (segundo os quais buscamos traduzir da língua espanhola para a língua portuguesa).

Para a análise da questão do empoderamento utilizaremos cada um dos componentes abaixo de acordo com as características apresentadas por cada personagem assim como o meio em que vivem, se desenvolvem e o trabalho que realizam, pois acreditamos serem estes componentes apresentados por Nelly Stromquist bastante abrangentes e completos para que possam dar conta daquilo que pretendemos analisar. São eles:

- Componente cognitivo: Envolve a compreensão do ser e a necessidade de tomar decisões que possivelmente vão contra as expectativas culturais e sociais. A aquisição de um novo conhecimento é necessária para criar um entendimento diferente das relações de gênero, assim como para abolir crenças antigas que estruturam ideologias de gênero com grande força;
- Componente psicológico: Inclui o desenvolvimento de sentimentos que as mulheres podem colocar em prática a nível pessoal e social para melhorar sua condição, assim como a ênfase na crença de que podem ter êxito em seus esforços por mudança. Também abrange a autoconfiança e a autoestima. No entanto, a autora destaca que o elemento psicológico precisa ser reforçado com recursos econômicos, pois um trabalho fora de casa incrementa uma independência econômica e geral para as mulheres que o executam.
- Componente econômico: Este componente requer, segundo aponta a estudiosa, que as mulheres tenham a capacidade de se comprometer com uma atividade produtiva que lhes oferecerá algum grau de autonomia financeira, sem se importar com quão pequeno pode ser o começo nem quão difícil possa ser alcançá-lo.
- Componente político: Supõe a habilidade para analisar o meio circundante em termos políticos e sociais. Também significa a habilidade para organizar e mobilizar mudanças sociais, pois a ação coletiva nesse processo é fundamental.

### 3.5 INTERSECCIONALIDADE

De acordo com o que expõe Carla Akotirene em seu livro *O que é interseccionalidade?* (2018) o termo interseccionalidade é inaugurado através da publicação de um artigo em língua inglesa proferido por Kimberlé Creschaw denominado: *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics* (1989). Além desta referência Akotirene destaca também que no ano de 1981 foi publicada a obra *Mulheres, raça e classe* (1981) de autoria de Angela Dawis. Segundo a pesquisadora a análise desta obra é centrada na questão do “trabalho doméstico, a

exploração de classe os abusos sexuais destinados às mulheres exploradas – como negras, como trabalhadoras, como mulheres” (AKOTIRENE, 2018, p. 29). Neste livro a questão da interseccionalidade se faz presente em várias passagens. Um exemplo é o fato de que as mulheres negras foram escravizadas e durante esse período desenvolveriam as atividades laborais referentes ao trabalho doméstico e ao cuidado da casa e dos filhos da patroa e do patrão, ambos brancos e com o poder de mando. Nesse sentido merece destaque que a condição de ser mulher negra e escrava trazia consigo condições de vida e de trabalho em nada comparáveis com suas patroas, mulheres brancas e abastadas.

Angela Dawis destaca também em *Mulheres, raça e classe* (1981) que o trabalho das mulheres negras escravizadas se estendeu também a outras esferas laborais como “nos campos de algodão, tabaco, milho e cana de açúcar, as mulheres trabalhavam lado-a-lado com os homens” (DAVIS, 1981, p. 13). Além disso, o que na atualidade chama a atenção sobre algumas mulheres desenvolverem trabalhos manuais semelhante aos dos homens, em meados da escravidão nos Estados Unidos isso parecia ocorrer de forma bastante comum:

As mulheres não eram muito ‘femininas’ para trabalharem nas minas, nas fundições de ferro ou para serem lenhadeiras ou escavadoras de vala (garimpeiras). Quando o Santee Canal foi contruído na Carolina do Norte, as mulheres eram cinquenta por cento da força de trabalho (DAWIS, 1981, p.14).

No artigo denominado *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras* (2008), a socióloga da Unicamp, Adriana Piscitelli chama a atenção para a necessidade que surgiu no decorrer das últimas décadas das estudiosas das questões de gênero pensarem nas especificidades daquilo que pretendiam pesquisar, ou seja, trabalhar “com a ideia da dissolução do sujeito universal” (PISCITELLI, 2008, p. 265). Joan Scott em seu texto *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989) também nos chama a atenção para que possamos, enquanto pesquisadoras, lançar um olhar para o sujeito individual de modo a não generalizarmos e universalizarmos aquilo que pretendemos pesquisar, conforme nos aponta no trecho a seguir:

Temos que examinar atentamente os nossos métodos de análise, clarificar as nossas hipóteses operativas e explicar como pensamos que a mudança se dá. Em lugar de procurar as origens únicas, temos que conceber processos tão ligados entre si que não poderiam ser separados [...] Temos que procurar não uma causalidade geral e universal, mas uma explicação significativa [...] Para fazer surgir o sentido temos que tratar do sujeito individual tanto quanto da organização social e articular a natureza das suas interrelações, pois ambos têm uma importância crucial para compreender como funciona o gênero e como se dá a mudança” (SCOTT, 1989, p. 20).

Estas afirmações são fundamentais, pois a partir do momento em que se percebe os sujeitos como sendo universais, corre-se o risco de realizar generalizações e conseqüentemente a negação das suas especificidades mais particulares, pois são justamente estas que fazem com que um indivíduo

seja único e se singularize diferenciando-se assim dos demais à sua volta. As interseccionalidades ou categorias de diferenciação permitem ao pesquisador pensar em mais de uma categoria de análise no momento de se debruçar sobre os seus objetos de estudo e assim olhar para as peculiaridades dos sujeitos.

É nesse sentido que Piscitelli cita Kimberlé Crenshaw para afirmar que:

as interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo [...] Por exemplo, a ideia de que uma mulher negra é duplamente oprimida, à opressão por ser mulher deve ser adicionada a opressão por ser negra [...] A imagem que ela oferece é a de diversas avenidas, em cada uma das quais circula um desses eixos de opressão. Em certos lugares, as avenidas se cruzam, e a mulher que se encontra no entrecruzamento tem que enfrentar simultaneamente os fluxos que confluem, oprimindo-a” (CRENSHAW, p. 171-189 *apud* PISCITELLI, 2008, p. 267).

Carla Akotirene também toma como exemplo as avenidas a fim de tornar mais didática a compreensão sobre os vários eixos que somados compõem um conjunto de opressões. “A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz das opressões” (AKOTIRENE, 2018, p. 42). Nessa perspectiva, nos vem em mente outras estudiosas que pensaram na questão da interseccionalidade entre várias categorias ou eixos com o objetivo de darem conta dos objetos dos quais pretendiam pesquisar: Trata-se de Heleieth Safiotti, nos livros *O poder do macho* (1987) e *A mulher na sociedade de classes* (2013) em que a pesquisadora desenvolve seu pensamento trabalhando principalmente com as categorias de gênero e classe. Também Anne McClintock na introdução de seu livro *Couro imperial* (2010), alerta o leitor para aquilo que lhe espera no decorrer da leitura: “gênero, raça e classe, que são as preocupações que circulam neste livro” (McCLINTOCK, 2010, p. 19). Destaca também que estas não são categorias dissociadas, ao contrário, estão imbricadas umas com as outras: “raça, gênero e classe não são distintos reinos da experiência [...] eles existem *em* relação entre si” (McCLINTOCK, 2010, p. 19). Quem pensou na articulação das categorias de análise também foi a pesquisadora Joan Scott, quando ela afirma que:

O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalavam primeiro o compromisso do (a) pesquisador (a) com a história que incluía a fala dos (as) oprimidos (as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses (as) pesquisadores (as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos (SCOTT, 1989, p. 4).

A partir das reflexões que fazem estas pesquisadoras, percebemos que há relação direta entre os eixos apontados, pois são maleáveis, estão imbricados uns aos outros e são necessários para pensar as especificidades dos sujeitos, como por exemplo, os diferentes tipos de trabalho que desenvolvem as mulheres e as suas diferentes classes sociais, afim de que se possa pensar o processo do

empoderamento também de maneira singular uma vez que ele se dá de forma distinta em cada um dos sujeitos.

A pesquisadora Cláudia Lopes Perpétuo em seu artigo *O conceito de interseccionalidade: contribuições para a formação no ensino superior* (2017) destaca os dias atuais não nos possibilitarem mais “atuações vazias” visto que as realidades são distintas. É nesse sentido que se faz tão importante o conceito de interseccionalidades, pois “correspondem às conexões de diferentes fatores que demarcam territórios específicos de vivências na vida de cada sujeito e/ou grupo” (PERPÉTUO, 2017, p. 3). Nessa perspectiva, o objetivo é lançar um olhar cuidadoso e atento para as singularidades identitárias dos sujeitos e não generalizar suas questões visto que são bastante específicas e particulares.

A autora expõe que há várias categorias sociais que se articulam nesse processo de interseccionalidade. Ela destaca, por exemplo, as de “classe social, gêneros, raça/etnia, cor, sexualidades, corpos, entre outras” (PERPÉTUO, 2017, p. 4), pois elas se encontram imbricadas ao mesmo tempo que ajudam a estruturar a existência dos indivíduos. Assim, segundo a autora, a perspectiva interseccional traz questionamentos no que se refere ao fato de que a união destes diferentes fatores interfere de forma direta na realidade de cada indivíduo, pois eles não acontecem de modo “isolado e estanque”, mas ocorrem em “contextos históricos e específicos”, uma vez que as diferentes áreas da existência social não podem ser desvinculadas umas das outras.

No artigo *Discriminação múltipla e discriminação interseccional: aportes do feminismo negro e do direito à antidiscriminação* (2015), os autores Roger Raupp Rios e Rodrigo da Silva dialogam com as contribuições de Cláudia Lopes Perpétuo. De acordo com os autores a perspectiva da interseccionalidade nega “a redução das subjetividades a categorias identitárias fixas [...] conforme as especificidades históricas” (RIOS; DA SILVA; 2015, p. 19). Além disso:

Presente a perspectiva interseccional [...] sem se desconsiderarem as subjetividades e as identidades concretas dos sujeitos envolvidos. A interseccionalidade de diversos critérios (tais como raça, classe, gênero, religião, idade e orientação sexual) é reveladora de maneiras particulares [...] possibilitando lidar de modo adequado com a realidade social que lhe desafia (RIOS; DA SILVA; 2015, p. 20).

Reiterando as considerações feitas por estes pesquisadores também Carlos Eduardo Henning no artigo *Interseccionalidade e pensamento feminista: contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença* (2015), aponta que o estudo da questão da interseccionalidade pode ser tido como uma das maiores contribuições no campo da teoria que as pesquisas em relação às mulheres realizaram até então. Destaca também que as suas várias vertentes dão a impressão de que ainda foram pouco investigadas no que se refere às análises. Ao invés de “categorias sociais”, o autor designa de “marcadores sociais” as características

identitárias, tais como: “gênero, sexualidade, idade/geração, “raça”, classe social e corporeidade” (HENNING, 2015, p. 100).

Interseccionalidade a partir dessas considerações e de outras realizadas no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa nos apontam, portanto, um olhar direcionado, atento e minucioso para cada uma das categorias relacionadas com a idade, trabalho, nível de escolaridade e empoderamento das personagens Mocinha, Eulália e Maria que são personagens objetos de análise desta tese. Isso é importante visto que o conjunto desses fatores se observados de forma abrangente e isolados uns dos outros não nos fornecem os elementos necessários a fim de que possamos analisar minuciosamente as imbricações que nos ajudam a compreender melhor a partir de qual tempo e espaço específicos vivem cada umas das personagens assim como ocorrem as intersecções relacionadas com suas identidades e o processo de empoderamento vivenciados por cada uma delas.

Os pesquisadores Raquel da Silva Silveira e Henrique Caetano Nardi escreveram um texto denominado *Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha* (2014) destacam a subjetividade enquanto produção realizada ao longo da história e que está “localizada no tempo e no espaço” (SILVEIRA; NARDI; 2014, p. 16). Por isso da importância de trazer para esta tese algumas considerações teóricas referentes tanto ao espaço quanto ao tempo visto que estes conceitos possuem diversos significados na área da literatura e dialogam diretamente com as premissas da interseccionalidade de modo a ampliar as reflexões e os sentidos contidos nas entrelinhas dos romances analisados em questão.

Ana Regina Vasconcelos Ribeiro Bastos no artigo *Espaço e literatura: Algumas reflexões teóricas* (2017), questiona: Por que não entender que o romance também pode ser considerado um discurso capaz de construir uma realidade espacial e social, portanto geográfica? De modo que, segundo a estudiosa:

A representação do espaço geográfico construído pelo romance precisa ser contextualizada historicamente, já que no espaço a ser apreendido o homem somente tem acesso ao real através dos discursos que constroem as noções de realidade, num dado momento. O romance é um objeto capaz de desvendar articulações ideológicas expressivas do momento histórico por ele retratado ao mesmo tempo capaz de propiciar uma representação espacial – produto das relações sociais estabelecidas em dado momento (VASCONCELOS RIBEIRO BASTOS, 2017, p. 10).

Contextualizar, portanto, tempo e espaço os objetos de análise desta tese que neste caso compõem os romances *Vasto mundo* (2001) e *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende e as personagens Mocinha, Eulália e Maria supõe lançar um olhar para as especificidades da temporalidade e geografia em que estão inseridas estas personagens o que supõe compreender mais detalhadamente as realidades relacionadas com as questões de gênero, social, econômica, trabalhistas imbricadas em cada uma destas narrativas. Significa, ao mesmo tempo, lançar um olhar interseccional visto que se faz um trabalho de imersão nos aspectos que fazem parte dos modos de vida e de trabalho



de cada uma das personagens bem como pelos processos de empoderamento realizados por cada uma individualmente. Evita-se assim, generalizações e leituras descontextualizadas, pois é também na “apreensão do espaço geográfico (que) entram em jogo o ideológico, o político e o cultural” (VASCONCELOS RIBEIRO BASTOS, 2017, p. 8).

Conceição Aparecida Bento no artigo *O espaço na literatura e espaço da literatura* (2012) dialoga com as considerações realizadas por Vasconcelos Ribeiro Bastos, pois segundo a pesquisadora a ligação entre tempo e espaço têm uma “dimensão social, mas organizam-se de modo diferente a cada obra; associados a uma época, a um momento histórico” BENTO, 2012, p. 11) específico que pode aparecer de forma clara, objetiva e direta no romance através de datas, por exemplo, ou então de modo mais velado, subjetivo e indireto. No segundo caso, cabe ao leitor e ao pesquisador decifrar estes “códigos” através das pistas que o romance traz e que são característicos destes dois romances de Maria Valéria Rezende.

O nome da pequena comunidade designada como “Farinhada” em que se desenvolve a narrativa *Vasto mundo* (2001) da qual a personagem Mocinha pertence é a mesma daquela que participa a personagem Eulália. Segundo Oziris Borges Filho em seu artigo denominado *Espaço e literatura: introdução à topoanálise* (2008) Farinhada seria aquilo que o pesquisador designa como “Macroespaço”, ou seja, é uma designação mais ampla, geral que neste caso designa o meio rural em contrapartida a um meio urbanizado. Os “Microespaços” então se configurariam pelos locais em que Mocinha circula cotidianamente e que fazem parte de sua rotina de vida e de trabalho. Sua residência, a padaria em que trabalha como balconista, a igreja, os comércios locais e a praça em que dedica boa parte de seu tempo livre são pequenas geografias de seu cotidiano. Conforme análise desenvolvida no decorrer desta tese é possível verificar que o romance *Vasto mundo* (2001) de Maria Valéria Rezende está ambientado no período da ditadura militar que no Brasil se estendeu de meados de 1964 a 1985.

Pensando nos aspectos interseccionais, Mocinha é uma jovem que pertence a uma classe social baixa, desenvolve atividades laborais consideradas informais visto que não demanda de si um nível elevado de escolaridade. Das três personagens que são objetos desta pesquisa (Mocinha, Eulália, Maria) a faixa etária da personagem Mocinha é a menor de todas, pois é a mais jovem das três mulheres que passam pelo processo de empoderamento através da execução de seus trabalhos.

O espaço socioeconômico e cultural no qual está inserida esta jovem moça é bastante restrito em termos de oportunidades de carreira profissional e ascensão em seu nível de escolaridade por se tratar de uma minúscula comunidade em que não há teatros, cinemas, universidades, livrarias, bibliotecas, museus, escolas de dança, cursos de idiomas, de capacitação para o desenvolvimento de alguma atividade mais específica, etc. Este pequeno povoado que segundo Oziris Borges Filho pode ser designado como “imaginativo”, pois não existe de fato na realidade, uma vez que é criado

ficcionalmente pela escritora Maria Valéria Rezende traz pacatas e restritas oportunidades de acesso aos bens materiais e imateriais pelos sujeitos das classes sociais desprestigiadas e inclusive prestigiadas.

Apesar de tudo isso, pertencer a uma camada social baixa, não possuir nível elevado de instrução formal, depender praticamente de si própria, pois não possui qualquer tipo de apoio de sua família, seja a nível financeiro ou psicológico não impossibilita a moça lutar pela sua existência e buscar através do suor de seu próprio trabalho formas de melhorar sua condição de vida. Mocinha busca lidar da melhor maneira possível com as poucas oportunidades que aparece em seu meio sociocultural. Trabalha incansavelmente como balconista de panificadora e assim que passa a desenvolver seu processo de empoderamento também sente necessidade de aumentar sua renda mensal através do segundo emprego que adquire trabalhando no período de campanha política local.

Viver em uma terra em que a farinha faz parte do alimento diário da maioria das pessoas não impede a jovem Mocinha de despertar e se movimentar em prol do seu processo de empoderamento. Como nunca fora percebida por ninguém muito menos pelas pessoas pertencentes à sua própria família o que sempre ouviu foram expressões de insignificância sobre seu ser quando o próprio silêncio não representava na sua realidade ser ignorada e despercebida por todos aqueles que estavam ao seu redor. A partir do momento em que se sente percebida enquanto sujeito a ordem das coisas se alteram para si. Sente-se ser social e essa percepção faz com que a moça passe a se empoderar na esfera de aquisição do autocuidado, da autoestima e nos movimentos que faz rumo a uma nova postura, assertividade, melhora da aparência física e confiança em si e nas suas escolhas. Carlos Eduardo Henning destaca que os indivíduos “se utilizam de suas próprias marcas identitárias interseccionais [...] de modo a lidar com [...] o questionamento e a desconstrução social de desigualdades” (HENNING, 2015, p. 117).

É justamente nesse contexto permeado pela ditadura militar e inserida em um espaço que quase nada pode oferecer em termos de acesso àquilo que Pierre Bourdieu designou como “capital econômico”, “capital social” e “capital cultural”, no seu livro *A distinção: crítica social do julgamento* (2008) é que a jovem Mocinha se empodera paulatinamente, mirando-se ao espelho não uma, mas várias vezes, visando enxergar e trazer à tona as características mais profundas imersas em seu ser que se fazem notar posteriormente através de seus passos firmes, postura confiante, assertividade nos gestos e nas palavras além uma atenção que não se preocupa com o que os outros pensam ou acham de si, mas que se direciona para aquilo que de fato faz sentido para si e para sua liberdade de viver.

O nome da pequena comunidade “Farinhada” em que se desenvolve a narrativa *Vasto mundo* (2001) é aquela da qual também participa a personagem Eulália. Os “Microespaços” em que se desenvolvem os acontecimentos relacionados com a rotina de vida e de trabalho da personagem são

bastante restritos. De modo que a fazenda em que vive dona Eulália e mais especificamente sua habitação é o lugar em que ela mais se faz presente. Inicialmente porque seus fazeres laborais se restringiam a tudo aquilo que se refere ao universo doméstico e do lar e em um segundo momento porque o local em que a fazendeira realizará suas atividades administrativas também se encontra em sua casa que está situada na propriedade da qual é dona.

Como o romance em que figura a personagem Eulália é o mesmo em que aparece a personagem Mocinha, ou seja, *Vasto mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende, também ela está situada no período histórico em que se desenvolveu a ditadura militar no Brasil. E, conforme nossa leitura crítica no decorrer desta tese seu esposo Paulo Honório pode ser interpretado como um sujeito que possui em seu ser e nas ações com aqueles que estão à sua volta os ideais característicos de uma sociedade que vive a sombra de um sistema ditatorial.

Levando em consideração os aspectos interseccionais, dona Eulália é uma senhora que pertence a uma classe social alta, pois é portadora de recursos econômicos e posses que possibilitam a si e sua família uma existência repleta de conforto e segurança. São fazendeiros e possuem terras, animais e funcionários a seu dispor.

Inicialmente a personagem Eulália desenvolve atividades laborais consideradas informais visto que dedica parte de seus dias realizando atividades domésticas, no entanto, a partir do momento em que administra com maestria, perspicácia e inteligência as questões relacionadas com a administração de sua fazenda quando da ausência de seu esposo Paulo Honório é possível considerar que suas novas habilidades se caracterizam por um tipo de trabalho mais fortemente relacionado com a formalidade, visto que sugere, aponta e executa.

No que se refere à faixa etária, não é possível definir a idade exata da personagem, pois esta não é uma informação que aparece de modo claro e explícito no decorrer do romance. O que se sabe é que a idade da personagem Eulália se aproxima daquela de uma senhora que possui um filho com anos suficientes para frequentar uma universidade, pois no decorrer do romance tomamos conhecimento que o único filho dela está cursando medicina.

O meio socioeconômico e cultural no qual está inserida a personagem Eulália é bastante restrito em termos de oportunidades de acesso profissional no que se refere à escolaridade, cultura formal e outros acessos. Semelhante ao macroespaço analisado em ambos capítulos “Olhares” da qual faz parte Mocinha e “O tempo em que dona Eulália foi feliz” na qual está inserida a personagem Eulália “Farinhada” é um espaço comum. Isso porque Farinhada e de modo específico o “Microespaço” caracterizado pela fazenda onde vive a personagem fazendeira está situada geograficamente distante dos grandes centros urbanos.

Com a personagem Eulália, mulher de classe socioeconômica elevada, o empoderamento começa a se desenvolver a partir do momento em que a personagem possui a oportunidade de

permanecer só. É a solidude do interior, do meio rural, da fazenda e do lar em que vive temporariamente e completamente sozinha que faz Eulália descansar, repousar, refletir e perceber que estava até então tendo uma vida baseada na submissão ao seu esposo e nas violências psicológicas e físicas que sofria daquele com quem estava casada tantos anos.

No artigo denominado *Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha* (2014), de Raquel da Silva Silveira e Henrique Caetano Nardi os autores colocam que:

A interseccionalidade [...] nas situações de violência contra as mulheres nas relações de intimidade é um campo atravessado por relações de dominação, as quais se encontram num momento importante de tensionamentos, mas que ainda são marcadas por desigualdade e opressão (SILVEIRA; NARDI; 2014, p. 16).

O fato de a personagem Eulália ser pertencente a uma classe socioeconômica privilegiada não impede que ela seja agredida de modo físico, verbal e psicológico por seu esposo. Silveira e Nardi destacam que a violência contra as mulheres no que se refere à esfera da intimidade é algo que permeia o mundo todo. Isso é afirmado com base nas pesquisas feitas nas quais apontam a violência ocorrer em todas as classes socioeconômicas, ou seja, não se restringindo somente às camadas sociais menos favorecidas como possa se supor em um primeiro momento. Além disso, os autores reiteram que a violência de gênero ocorre também “independente de raça, de etnia, de idade, de religião ou de qualquer outro marcador de diferenciação” (SILVEIRA; NARDI; 2014, p. 20).

Sem possuir ânimo, vontade e principalmente consciência de suas condições de existência, a perspectiva de vida de dona Eulália tinha sido acatar as ordens de Paulo Honório sem jamais questionar. É a partir da ausência do seu opressor que a personagem passa a se empoderar através do trabalho porque passa a desenvolver na administração direta da própria fazenda que antes eram executadas exclusivamente por aquele com a qual estava casada.

Eulália administra tudo o que está ao seu redor com responsabilidade social e humanidade sempre levando em consideração a situação dos trabalhadores e das famílias que dependem diretamente de si. Com o passar do tempo a fazendeira ganha cor e vida, floresce porque não está mais imersa em um contexto permeado pelo medo e humilhação que já são características de pano de fundo do período histórico em que vive, permeado pela ditadura militar. Consegue observar, portanto, que outras possibilidades de vida e de trabalho existem para si. Trata-se de um trilhar em direção a uma nova vida, dotada de sentido e liberdade nunca antes experimentados.

Importante levar em consideração que a opressão de gênero em relação às mulheres não se restringe a um determinado perfil. Ela ocorre com a personagem Eulália apesar de esta ser uma mulher madura e ser pertencente a um meio socioeconômico elevado. Igualmente o empoderamento ocorre com a personagem na esfera de sua consciência e autoconhecimento, pois apesar de possuir todos os recursos financeiros de que necessita um ser humano para viver confortavelmente bem, a personagem tinha uma existência triste, acanhada e passiva, por ser vítima das muitas violências executadas pelo

marido, mas principalmente por não ter tido durante sua vida um momento em que pudesse estar só e refletir sobre sua própria existência. Quando o empoderamento ocorre com Eulália no âmbito psicológico e cognitivo ele se faz refletir também nas vidas das pessoas que estão ao seu redor, pois se desenvolve também o empoderamento político que se faz perceber na melhoria da vida das muitas pessoas que dependem de si.

O nome da pequena comunidade em que se desenvolve a narrativa *Outros cantos* (2016) da qual a personagem Maria pertence é designada como “Olho D’Água”. Oziris Borges Filho em seu artigo denominado *Espaço e literatura: introdução à topoanálise* (2008) expõe que Olho D’Água seria aquilo que o pesquisador caracteriza como “Macroespaço”, ou seja, é uma designação mais ampla, geral que faz referência ao meio rural em contrapartida com uma região urbanizada.

Como Olho D’Água é o nome de um município representado ficcionalmente no romance de Rezende, mas existe de fato na realidade Oziris Borges Filho o caracteriza como sendo um espaço de tipo “Realista”, segundo o qual “o espaço construído na obra assemelha-se à realidade cotidiana da vida real [...] tal estratégia narrativa confere ao enredo maior verossimilhança” (BORGES FILHO, 2008, p. 3).

Ainda segundo Borges Filho no que se refere aos “Microespaços” eles se configurariam pelos locais em que Maria circula cotidianamente e que fazem parte de sua rotina de vida e de trabalho. A pequena casa onde vive, o local aberto onde trabalha com as tinas cheias de água fervendo a fim de colorir os fios que servirão de base para as confecções das redes, a casa de sua amiga Fátima, o galpão que serve temporariamente como escola, a igreja, os espaços onde são desenvolvidas as festividades de fim de ano, de São João são as pequenas, porém diversas geografias que compõem seu cotidiano.

Olho D’Água, assim como Farinhada é um espaço composto por uma geografia árida. A água é artigo de luxo e custa caro. Os trabalhadores devem pagar parte de seus parques salários por ela, uma vez que o poço que abastece os lares possui um Dono. A chuva na região olhodaguense é sinônimo de abonança, de fartura, e ao menos os pingos da chuva que são recolhidos nos baldes e bacias são gratuitos, como gratuita é a vida e as plantas que voltam a florescer após um grande período de estio. É o verde da natureza que se faz vida, lembra que a própria existência precisa de esperança para permanecer com ânimo e forças na luta diária.

Conforme análise desenvolvida no decorrer desta tese é possível verificar que o romance de Maria Valéria Rezende *Outros cantos* (2016) assim como o romance *Vasto mundo* (2001) pertencem ao período da ditadura militar que no Brasil se alastrou e perdurou desde meados de 1964 a 1985. No romance *Outros cantos* (2016) a representação humana do sistema ditatorial se faz presente através da figura invisível, porém presente do Dono de todas as terras, da água, dos teares e da mão de obra dos muitos trabalhadores e trabalhadoras braçais que desenvolvem suas atividades laborais através do tingimento dos fios em bacias repletas de águas ferventes e que posteriormente através do trabalho

minucioso e artesanal nos teares se transformarão em redes coloridas que serão transportadas para venda nas grandes cidades cujo lucro voltará inteiramente para o Dono de tudo.

No que se refere aos aspectos interseccionais, Maria é uma jovem mulher balzaquiana que pertence a uma classe social alta. Possui um elevado grau de instrução para a época levando em consideração que sua formação está vinculada à área da docência. Sendo professora e ativista política seu percurso de vida e de trabalho é norteado por muitas viagens, por leituras pertencentes a uma cultura letrada e isso faz com que ela tenha em um primeiro momento uma perspectiva mais teórica e menos prática da realidade. Entretanto, isso se modifica a partir do momento em que passa a conviver diariamente com a trabalhadora e tecelã Fátima, mulher de parca escolaridade, mãe de dois meninos e trabalhadora braçal incansável que passa seus dias a cuidar do seu próprio sustento e o dos seus rebentos, pois o marido migra para as grandes metrópoles em busca de trabalho a fim de que possam comprar o grande e sonhado tear.

O processo de empoderamento de Maria se dá muito significativamente pelas experiências culturais que passa a ter cotidianamente a partir do momento em que se muda para a comunidade de Olho D'Água e ali vive e trabalha. O processo de remexer a bacia com água fervente para tingir os fios que serão a base para as confecções das redes, pegar água o poço, acender o fogo, preparar cuscuiz, além de sofrer na pele restrições de toda natureza no que se refere à alimentação e a moradia faz surgir em si reflexões constantes sobre sua própria identidade, se questionar e mudar a visão que tem sobre si própria a partir das diversas experiências culturais e estranhamentos que ocorrem a partir do choque dos costumes e vivências em relação aos demais moradores olhodaguenses.

O empoderamento de Maria, portanto, está diretamente relacionado com o tempo e o espaço em que está situada, pois não fosse a professora vivenciar cotidianamente e através da própria experiência as restrições alimentares, de moradia, de trabalho, inclusive de água, certamente não teria se empoderado psicologicamente, cognitivamente culturalmente e politicamente de modo tão profundo e intenso.

Diante de tais considerações, é importante enfatizar que o processo de empoderamento das mulheres não escolhe idade, classe socioeconômica, nível de escolaridade e *status*. Ele atravessa países, estados, fronteiras. Ele ocorre nas mulheres pertencentes às mais variadas etnias e culturas e seu tempo de desenvolvimento é também singular visto que cada pessoa possui suas especificidades e ritmos singulares.

O empoderamento é um processo muito particular para cada mulher, pois é o desenvolvimento decorrente da transformação lenta e processual de cada uma. Os acontecimentos da vida são singulares para cada indivíduo assim como as experiências decorrentes do processo conviver e se reconhecer. Assim também o empoderamento pode se desenvolver de um modo para uma mulher e

de modo diferente para outra, uma vez que ele acontece genuinamente de dentro para fora de acordo com o amadurecimento de cada ser.

Os processos de empoderamento pelos quais passaram as personagens Mocinha, Eulália e Maria de *Vasto mundo* (2001) e *Outros cantos* (2016) são diferentes nas suas singularidades porque assim também assim são suas realidades sociais, suas faixas etárias, suas experiências de vida e as situações pelas quais tiveram que passar até desenvolverem seus percursos de empoderamento, mas são muito parecidos no que se refere á libertação de todas estas mulheres rumo a uma construção de consciência que as faz agir sobre si próprias e sobre aqueles que estão ao seu redor de forma libertadora e transformadora.

## CAPÍTULO 4

### 4.1 FORTUNA CRÍTICA SOBRE OS ROMANCES DA ESCRITORA MARIA VALÉRIA REZENDE

Neste capítulo serão apresentados alguns artigos realizados nos últimos anos que possuem como objeto de estudo os romances da escritora Maria Valéria Rezende. Objetiva-se com este levantamento verificar o que se tem pesquisado em relação às suas obras, ou seja, recortes feitos, objetos escolhidos, as temáticas abordadas, entre outros. A intenção também é estabelecer diálogo na tese como um todo de modo a percebermos como um todo orgânico. Isso ocorre, pois há intertextualidade contante entre os textos de cunho histórico, crítico e ficcional, pois é através dessa mesma organicidade que é possível notar os diálogos entre as várias disciplinas e que o conhecimento não é fragmentado, mas imbricado.

De modo que quando nos dispomos a conhecer a história da literatura brasileira através da leitura de referências significativas sobre o tema, a exemplo da *História concisa da literatura brasileira* (2006), de Alfredo Bosi e *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (2000), de Antonio Candido é possível perceber algumas especificidades. Uma delas, por exemplo, é que no primeiro livro há quase inexistência de nomes de escritoras, conforme apontado anteriormente nesta pesquisa. Mas, o que grosso modo se percebe nas bibliografias desta natureza é o estudo das características, principais autores e obras daquilo que geralmente é designado como período literário, escola literária ou movimento literário.

Isso passou a ocorrer a partir do momento em que nossa literatura começou a tomar um corpo e a caracterizar-se por algo nosso e que era criado por brasileiros que viviam nesta nação e observavam cotidianamente os aspectos sociais, econômicos, culturais e regionais, a exemplo do que se pode encontrar nos romances de José de Alencar, pertencente ao período do Romantismo que é considerado o início do desenvolvimento de ficções consideradas de fato brasileiras ou nacionais. Esses aspectos passam a ser comuns em determinadas obras do período dos meados do século XIX que se distancia cada vez mais daquela literatura da colonização e que era designada como literatura informativa ou literatura de informação justamente por ser mais um relato descritivo do que uma literatura que de fato tenha como essência aspectos que caracterizem questões relacionadas à cultura geral de uma nação. De maneira que os períodos literários ou escolas literárias que seguem a partir dos meados do Romantismo são facilmente encontrados nos manuais de História da literatura brasileiras sendo bastante comum abrangerem desde a época do descobrimento do Brasil com a *A carta de Pero Vaz de Caminha* ou a partir de nomes como Gregório de Matos e seus poemas que são caracterizados pelo tom de sátira sobre a sociedade e a religião da época sendo designado por isso



como “Boca do Inferno”. O Modernismo trouxe consigo uma consolidação e qualidade da literatura regional através de escritores e escritoras de peso, como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Clarice Lispector. Antônio Cândido nos faz lembrar a partir de sua *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos* (2000) a importância de conceituar a expressão *manifestações literárias*. Segundo ele, essa designação é caracterizada como:

um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral uma linguagem, traduzida em estilos) que liga uns aos outros (CANDIDO, 2000, p. 23).

Quando um pesquisador se propõe a trabalhar com algum romance ou outra ficção que pertença a algum período ou escola literária que figuram nestes manuais de história da literatura parece que a metodologia seria a de buscar as características de determinado movimento e do autor em questão através da leitura de vários destes manuais a fim de verificar os aspectos comuns, se for este o objetivo. Mas, e quando a escritora escolhida e seus romances não aparecem nestes manuais por ser sua produção literária bastante recente, como é o caso de Maria Valéria Rezende?

É sabido que isso não ocorre apenas com as escritoras contemporâneas, mas com as de décadas, séculos anteriores. O objetivo deste texto é mostrar através do diálogo dos vários artigos referentes aos romances de Maria Valéria Rezende como a questão do trabalho, da migração, a centralidade das personagens mulheres nos romances, e a quebra de paradigmas referentes aos trabalhos historicamente realizados por homens e mulheres acabam por se modificar ao longo do tempo, em decorrência da modificação da própria sociedade, das constituições familiares e da própria visão sobre si próprio. Tomando como base alguns teóricos importantes é possível verificar que o realismo e o regionalismo parece não ter ficado restrito à época de suas origens, diferente disso, se reconfiguram e se moldam ao momento histórico atual.

Como situar temporalmente as narrativas de Maria Valéria Rezende e compreender a partir de suas obras e a de seus pares aquilo de essencial que a caracterizaria enquanto pertencente àquilo que Antonio Candido denominou de *manifestações literárias*? Quem nos ajuda a elucidar essas questões no sentido de compreendê-las melhor é o pesquisador e crítico da literatura Karl Erick Schollhammer. Pode-se dizer que o que Karl se propôs a fazer quando decidiu escrever o livro *Ficção brasileira contemporânea* (2009) foi selecionar, pois ele realizou recortes de diversos escritores da atualidade. Além disso, neste exemplar ele acaba se debruçando rapidamente em cada um dos autores e em suas principais produções literárias com o objetivo de verificar o que os assemelha e diferencia dependendo igualmente da época específica em que foram escritos. Como não é o foco aqui, não nos

deteremos minuciosamente em cada um destes períodos que o crítico organizou por décadas, desde meados dos 70 até os “00”. No entanto, cabe destacar alguns dos títulos por ele propostos na configuração do sumário que traduzem muito bem aquilo que se chama nos dias atuais de literatura brasileira contemporânea. 1. *Breve mapeamento das últimas gerações: O Pós-modernismo, Da “Geração 90” à “00”*. 2. *O realismo de novo: O hiper-realismo, Um novo regionalismo? O miniconto, Literatura marginal*. 5. *Os “00” em metamorfose ambulante*.

Naquilo que Schollhammer designa de *Nota introdutória*, ele questiona: O que é contemporâneo? Desvendar esse conceito nos ajuda a compreender, ao menos em parte, o que caracteriza a literatura brasileira contemporânea “o contemporâneo é [...] capaz de captar seu tempo e exergá-lo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9). Segundo os apontamentos do estudioso parece existir, nas *manifestações literárias* do presente - para retomar a expressão de Antônio Candido - uma volta ao realismo. Uma das justificativas para isso seria “seu impacto sobre determinada realidade social e sua relação de responsabilidade ou solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 13). Se percebe nas obras dos escritores atuais “o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14). É nesse sentido que a linguagem desempenha papel não apenas importante nesse processo, mas adquire força simbólica de modo a ser impossível desvincular forma e conteúdo. “O uso das formas breves, a adaptação de uma linguagem curta e fragmentária e o namoro com a crônica são apenas algumas expressões da urgência de falar sobre e com o ‘real’” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14,15).

Tínhamos noção clara deste fato ao lermos e pesquisarmos sobre o romance *Eles eram muitos cavalos* (2007), do escritor Luiz Ruffato, uma vez que ao relatar um dia na metrópole de São Paulo, o escritor se utiliza de uma linguagem fragmentária através do uso do negrito, itálico e frases não terminadas talvez com o propósito de chocar o leitor, fazer refletir sobre o efêmero e sobre as multidões de trabalhadores existentes nas grandes metrópoles ou simplesmente instigar o leitor a não se acomodar a exemplo do que já fazia Machado de Assis ao conversar com o interlocutor ou quando simplesmente decide não escrever, pular um capítulo de suas *Memórias Póstumas*. Fato é que confirmamos nossa perspectiva ao verificarmos que Karl não apenas cita Luiz Ruffato, mas caracteriza o escritor enquanto ficcionista que realiza essa “reinvenção do realismo” ao realizar através da sua obra “um impacto de responsabilidade e solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15). Tantos outros escritores e escritoras poderiam ser citados, pois suas escritas trazem fortemente o peso desse realismo dos nossos dias, mas nos vem em mente dois nomes: Ana Paula Maia e Conceição Evaristo. A primeira, por justamente trazer através das suas narrativas uma densidade tanto no conteúdo quanto na linguagem que nos faz

refletir na hipótese de ter sido fortemente influenciada por Dostoiévski e Graciliano Ramos. Não é em vão que seus romances *Carvão animal* (2011), *De gados e homens* (2013) e suas novelas *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009) e *O trabalho sujo dos outros* (2009), faz refletir justamente sobre os mais variados tipos de trabalhos invisíveis e que se pudesse ninguém escolheria desenvolver, como: catadores de lixo, abatedores de porcos, empregadas domésticas, britadores de asfalto, entre outros. A segunda chama a atenção através de seus romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2013), além dos contos presentes em *Olho D'Água* (2016) pelas temáticas abordadas, que envolvem desde a violência física e psicológica das mulheres negras pertencentes às camadas menos favorecidas da sociedade, a migração de pequenas regiões para metrópoles urbanas, e a luta cotidiana de trabalhadoras domésticas que dependem das suas atividades laborais para sustentar não apenas a si mesmas, mas também aos filhos. Apesar das diferenças entre as ficções de Ana Paula Maia e Conceição Evaristo, nos parece que os pontos de convergência são maiores, pois ambas, assim como Luiz Ruffato trazem como centro de suas narrativas as representações das realidades socioeconômicas desfavorecidas de muitos trabalhadores e trabalhadoras existentes no nosso país.

Um dos subtítulos abordados por Schollhammer em sua *Ficção brasileira contemporânea* (2009) traz o seguinte tópico: *Um novo regionalismo?* Igualmente a pesquisadora Vera Helena Picolo Ceccarello no artigo *O debate acerca do regionalismo nos dias atuais: O caso da obra de Milton Hatoum* (2010) questiona: “ainda hoje é possível falar em regionalismo?” (CECCARELLO, 2010, p. 2010). O levantamento destas questões se faz necessária para que possamos compreender melhor como se situam as narrativas contemporâneas *Vasto mundo* (2001) e *Outros cantos* (2016), da escritora Maria Valéria Rezende, objetos de estudo desta pesquisa. Natalia Borges Polessso no artigo *Regionalismo: A zona crepuscular da literatura* (2010), indaga: “o que é literatura regional?” (POLESSO, 2010, p. 119) ao que ela começa por eliminar as negativas para chegar a determinado ponto de compreensão:

As complicações são tantas que talvez a pergunta deveria ter sido o que *não* é literatura regional. Bem, é possível analisar alguns elementos a partir dessa negativa. Primeiramente, não é um conceito derivado meramente da geografia, tem seu caráter geográfico, mas não apenas. As delimitações de região estão também no plano cultural, o que o torna mais impreciso. Também não é pela cultura que as regiões se limitam, há também aspectos sociais e econômicos. Todos esses fatores influenciam a identificação dos sujeitos com sua terra e com seu povo e é a partir daí que podemos pensar em regionalidade como categoria de análise [...] Então pensar em literatura regional ou regionalismo como tendência a expressar o sentimento de pertença a uma terra *mater* em oposição aos deslocamentos que o fenômeno da modernização provoca nos indivíduos pode ser um bom viés (POLESSO, 2010, p. 120, 121).

É a partir da leitura do texto *A revolução de 30 e a cultura* (1989), de Antônio Cândido que se faz possível compreender “o clima” geral que predominava nesta década e como isso acabou por influenciar em maior ou menor medida tanto os escritores regionalistas como as obras de literatura brasileira que seriam criadas por eles no decorrer deste período e nas décadas seguintes. De acordo com o autor, os meados de 30 foram de engajamento em diversas esferas, incluindo desde a religiosa, social e política. Até os sujeitos que não tinham plena consciência das questões ideológicas deixavam transparecer seus posicionamentos nas suas obras. O modernismo também influenciou fortemente este período uma vez que houve uma inserção e de certa forma uma aceitação “de inovações formais e temáticas” muito devido a isso que as narrativas de Graciliano Ramos e Dionélio Machado foram aceitas, pois “sua despojada *secura* tinha sido também assegurada pela libertação que o Modernismo efetuou” (CANDIDO, 1989, p.186). Algo importante que também ocorreu na década de 30 foi a extensão e grande visibilidade a âmbito nacional das narrativas regionais:

É o caso do ‘romance do Nordeste’, considerado naquela altura pela média da opinião como o romance por excelência [...] Mas deriva também do fato de todo o país ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura (CANDIDO, 1989, p.187).

O mesmo aponta o estudioso, ocorreria com as produções literárias regionais do Rio Grande do Sul. Nesta década também houve um interesse de diversos escritores pela perspectiva política de esquerda, dentre eles destacam-se nomes, como: “Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz [...] Dionélio Machado, Oswald de Andrade”, e igualmente aqueles que simpatizavam, a exemplo de “Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade” (CANDIDO, 1989, p.188). Retomando o questionamento de Ceccarello sobre a possibilidade de falar de regionalismo nos dias de hoje, ela destaca duas vestes diferentes, para não dizer opostas relacionadas com esse tema. Uma delas é a de que pesquisadores consideram que o regionalismo teve sua data específica e que teve seu auge na década de 30 sem desdobramentos posteriores. O outro grupo de estudiosos acredita que o gênero se modifica e apesar disso “pode persistir enquanto persistirem os traços de realidade que apontem para as diferenças regionais”. A pesquisadora destaca que o regionalismo brasileiro, apesar das diferenças sócio-históricas, manifestou e ainda continua a dizer muito sobre o processo de subdesenvolvimento do nosso país. “O regionalismo, sob muitos aspectos, valorizou áreas remotas, cujos grupos sociais e suas condições de vida foram marcados pelo subdesenvolvimento” (CECCARELLO, 2010).

Sobre o questionamento de Schollhammer referente a *Um novo regionalismo?* Ele traz como exemplo desse tipo de conteúdo novamente o escritor Luiz Ruffato, uma vez que o escritor mineiro traz para o centro de suas narrativas os conflitos existentes dos indivíduos que constantemente estão entre a realidade do meio urbano e rural e que se fazem significativamente presentes no decorrer de

suas narrativas. É nesse sentido que o crítico dialoga com as considerações que faz Antonio Candido no seu texto *A nova narrativa* (1989), uma vez que:

Nos nossos dias aparecem outros traços para dar certa fisionomia comum, como, por exemplo, a urbanização acelerada e desumana, devida a um processo industrial com características parecidas, motivando a transformação das populações rurais em massas miseráveis e marginalizadas (CANDIDO, p. 201).

Outro escritor destacado no subcapítulo sobre o *Novo regionalismo* é Milton Hatoum. Isso porque o escritor amazonense que reside em São Paulo fez despertar a atenção de leitores e especialistas da área através da publicação do romance *Relato de um certo oriente* (1989). Nesta ficção, há certa dose de “regionalismo sem exageros folclóricos e o interesse culturalista na diversidade brasileira que, nas últimas décadas, substituiu a temática nacional” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 87). Ao buscarmos referências sobre o que se tem produzido, ou seja, pesquisado sobre os romances de Maria Valéria Rezende nos últimos anos nos deparamos com artigos que datam dos anos de 2014, 2016, 2017 e 2018. Outra observação importante e que confirma mais uma vez nossa afirmação feita no decorrer do capítulo sobre as mulheres trabalhadoras presente nesta pesquisa é o fato de que não apenas nas últimas décadas, mas nos últimos cinco anos tem sido as pesquisadoras mulheres a grande maioria a produzir artigos sobre os romances da escritora Maria Valéria Rezende de modo a reiterar a afirmação segundo a qual as mulheres são as principais preocupadas em pesquisar temáticas relacionadas ao trabalho feminino.

No artigo *A representação da velhice em Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende* (2018), de autoria de Ana Lúcia de Souza Neves e Bruno Santos Melo, ela e ele se preocupam em levantar a questão da literatura brasileira contemporânea a fim de compreender sobre quais temáticas estão desenvolvendo os escritores nacionais atuais. Destacam que o ambiente da produção literária contemporânea é bastante democrático “no âmbito do social, do político e do cultural” (NEVES; MELO, 2018, p. 125), pois abre oportunidades para que se façam ouvir as vozes de grupos minoritários visto que estes são constantemente silenciados. Neves e Melo destacam que a literatura brasileira contemporânea se desenvolve tanto no âmbito das narrativas de cunho fortemente social quando naquelas caracterizadas pelas subjetividades mais particulares. Soma-se assim a estes conteúdos formas fragmentárias e descentralizadas, que conforme visto anteriormente acaba por se refletir também na forma, através da escrita. Tem-se desta maneira uma literatura atual que faz “a denúncia das condições desumanizadas vividas pelas pessoas nos dias atuais” (NEVES; MELO, 2018, p. 126). E, novamente aparece neste artigo a observação relacionada com a presença dos pólos rural e urbano, o centro e a periferia, destacados tanto por Schollhammer quanto por Cândido:

Outra característica do romance contemporâneo é a presença do espaço urbano subdividido em dois grandes polos: o centro e a periferia. As grandes metrópoles apresentam singularidades que as delinham e particularizam, ao passo que a influência de realidades e vivências distintas nestes ambientes espelham nas obras a heterogeneidade e as disparidades

do próprio projeto social, que, majoritariamente fragmentado, persiste em uma busca por si mesmo (NEVES; MELO, 2018, p. 126).

É notável que a autora e o autor deste artigo trazem para o centro da reflexão esta temática do centro e da periferia, pois os desenvolvimentos relacionados com uma das personagens principais Alice se dará justamente no centro e na periferia de Porto Alegre. Alguns questionamentos norteiam este artigo que tem como principal objetivo compreender quais são os espaços sociais destinados às pessoas idosas na nossa sociedade. Perguntas, como: “Quais são os espaços oferecidos a estes?”, “Até que ponto sua autonomia é exercida?”, “Quais elementos e/ou comportamentos tornam ou classificam um sujeito enquanto velho?” (NEVES; MELO, 2018, p. 132). No decorrer deste texto são feitas argumentações com o objetivo de demonstrar que socialmente Alice que é representada no romance como a “velha” mãe de Norinha na verdade é constantemente bombardeada com expressões de chantagem e culpabilidade fazendo-a sentir-se coagida e realizar as vontades da filha independente das suas próprias. Seu papel social parece estar sentenciado ao de ser avó. Mesmo sendo independente pessoal e financeiramente, a imagem que a filha faz da mãe é de uma mulher incapacitada e sem direitos próprios. É proposto igualmente a afirmação segundo a qual Alice é uma personagem representativa “aspecto ressaltado na literatura Rezendeana, que retrata a realidade difícil vivenciada pelas mulheres, principalmente, pobres” (NEVES; MELO, 2018, p. 134).

Outro texto que tem como objeto de análise o romance *Quarenta Dias* (2014), de Maria Valéria Rezende denominado *Quarenta dias em território selvagem: a crítica feminista e a literatura de Maria Valéria Rezende* (2017) a pesquisadora Renata Cristina Sant’Ana discorre sobre aspectos que são muito semelhantes aos apontados por Neves e Melo. No entanto, a perspectiva deste estudo se centra na concepção de gênero e “volta-se para a análise centrada na reconfiguração do lugar sociocultural reservado à mulher velha na sociedade e na literatura brasileira contemporânea” (SANT’ANA, 2017, p. 3). Considerando a questão do poder no espaço familiar, Norinha seria a representação da vontade e da imposição dos valores e anseios patriarcais que caracterizariam sua mãe como uma cuidadora de netos. Tendo como base de estudo esta mesma narrativa de Rezende as estudiosas Beatriz Vieira de Resende e Nismária Alves David comporam um estudo denominado *A cidade e a escrita do corpo em Quarenta Dias* (2016). A centralidade do olhar se direciona para a análise levando em consideração a relação do corpo da personagem Alice e sua relação direta com a cidade, uma vez que o ambiente urbano afeta a corporeidade e a cidade pode ser percebida como um corpo “como lugar da dor, do individualismo, da violência e da morte” (VIEIRA; DAVID, 2016, p. 12). Quando Alice é confinada a permanecer sozinha no apartamento da filha, para libertar-se ela decide perambular pelas ruas em uma invisibilidade total, ou seja, ela “dispõe seu corpo para a metamorfose: a estranheza da aparência, a degradação do cheiro, o anonimato” (VIEIRA; DAVID, 2016, p. 20). Isso faz com que Alice sinta o corpo da cidade com toda a liberdade de movimento, de violências, de perigos, de indignância que esta traz, mas ao mesmo tempo faz com que ela sinta seu

próprio corpo liberto das amarras sociais que lhe são impostas. Vieira e David apontam que a escritora Maria Valéria Rezende “denuncia as condições de vida do meio urbano, a cidade dividida entre ricos e pobres [...] aborda migração de nordestinos para a capital gaúcha, toca a questão do mundo do trabalho” (VIEIRA; DAVID, 2016, p.15, 16).

Em outro texto designado *A mulher possível do sertão de Outros Cantos* (2018), de Maria Valéria Rezende de autoria de Juliana Silveira Paiva e Andrea Cristina Martins Pereira, trazem para reflexão a importância do papel das escritoras no cenário da literatura brasileira dos últimos anos. Elas consideram que a ficcionista Clarice Lispector e suas obras constituem “‘divisor de águas’ a partir do qual as mulheres conquistaram espaço significativo na cena literária nacional” (PAIVA; PEREIRA, 2018, p. 216). As autoras valorizam e registram importância ao papel desempenhado pela escritora Maria Valéria Rezende no cenário da literatura brasileira atual uma vez que corroboram com as afirmações de Neves e Melo ao destacarem que a ficcionista traz contribuição significativa justamente porque escreve sobre:

Pobres e marginalizados – invisíveis do ponto de vista geográfico, social e econômico. Nesse contexto, ela dá vez e voz às mulheres, para quem a marginalização pode vir também na forma de encerramento a papéis sociais previamente definidos, já traçados por outrem e alheios à própria vontade (PAIVA; PEREIRA, 2018, p. 216).

O fio condutor do texto *A mulher possível do sertão de Outros Cantos* (2017) se centra na estreita relação que se constrói entre as personagens Maria e Fátima. Esta última representa papel importante e emblemático, pois é através de sua pessoa e das suas muitas ações que são desconstruídos diversos paradigmas existentes principalmente no nordeste brasileiro em que se faz predominar uma cultura fortemente patriarcal. Uma das primeiras desconstruções ocorre quando Fátima é a única mulher a desenvolver os trabalhos pesados relacionados com o tingimento dos fios em par de igualdade com os homens. O segundo ponto é que ela sozinha se encarrega de sustentar a si e aos filhos igualmente independentemente de quaisquer apoio ou auxílio do marido Tião visto que este migra para as metrópoles urbanas em busca de conquistar o tão sonhado tear. E, por fim, cabe destacar que a personagem Maria adentra no universo de Olho D’Água com seus muitos conhecimentos teóricos e experiências de vida e de viagem, no entanto, é a partir do acolhimento e do companheirismo diário de Fátima que a professora e militante cresce pessoalmente e adquire aprendizados inesperados não apenas em relação à labuta diária de sua amiga próxima, mas também de todos os habitantes Olhodaguenses. O texto intitulado *‘Um lugar fora de lugar’: mulher e o sertão em Maria Valéria Rezende* (2018), escrito pela professora Juliana Santini dialoga bastante com o texto de Paiva e Pereira nas considerações gerais que são tecidas sobre as personagens Maria e Fátima, apesar disso o foco deste texto “diz respeito a personagens femininas que se deslocam – ou não – pelo sertão e a representação da mulher neste contexto” (SANTINI, 2018, p. 268). Maria é a representação da mulher que se movimenta constantemente entre diversos países como “Argélia e México” (SANTINI, 2018,

p. 273). Em contrapartida, Fátima permanece sempre no mesmo lugar à espera do esposo o que acaba por ocorrer com outra personagem desta mesma ficção, denominada Maria do Socorro. Uma consideração importante sobre a relação entre literatura brasileira contemporânea e os espaços interioranos é esboçado por Santini quando ela expõe que:

Não se pode falar em ‘sertão’ na ficção brasileira contemporânea sem que, em uma espécie de palimpsesto, os significados reiterados ou desconstruídos nos sucessivos projetos estéticos e ideológicos que deram azo à representação das regiões interiores no amplo conjunto da literatura brasileira apareçam como marcas rasuradas por um novo processo de escrita (SANTINI, 2018, p. 270).

Um novo processo de escrita que se configura tanto em forma quanto em conteúdo, que estão imbricados e dependem um do outro para estabelecer sentido. O que parece ser cada vez mais claro é que estas novas gerações de escritores e escritoras contemporâneas a exemplo da própria Rezende estão trazendo para o centro de suas ficções a representação de mulheres nordestinas, a exemplo de Maria, Fátima e Alice, que desenvolvem no percurso de suas andanças diversos movimentos em prol de si mesmas num processo contínuo que independe da figura masculina. Outro estudo teve como um dos seus objetos de análise a narrativa *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende. Trata-se de *Os novos realismos nas vozes narrativas de Outros Cantos, de Maria Valéria Rezende, e A hora da estrela, de Clarice Lispector* (2017), de Frédéric Grieco e Pedro Carlos Louzada Fonseca. Trata-se de um trabalho comparativo entre as duas narrativas objetivando verificar as semelhanças e diferenças cujo foco se centra nas personagens principais de cada obra: Maria e Macabéa. Dentre as semelhanças se destaca “pelo fato dos narradores, Maria, em primeira pessoa, e Rogrigo S. M. em terceira pessoa, serem conscientes e críticos [...] dos profundos problemas de desigualdades sociais que constituem e assolam a realidade brasileira” (GRIECO; FONSECA, 2017, p. 130). As diferenças aparecem quando de um lado se percebe que Maria é uma jovem mulher bastante crítica e tem como um dos seus objetivos principais mudar através de seu trabalho como professora do Mobral não apenas a realidade educacional, mas política da população de Olho d’Água. Em contrapartida, os autores apontam que Macabéa não possui essa mesma consciência crítica sobre seu meio socioeconômico. Por lhe faltar conhecimento sobre si própria: seus anseios, sonhos, gostos e desgostos sua pessoa acabava por ser também “profundamente anônima e insignificante para os outros” (GRIECO; FONSECA, 2017, p. 127).

Por fim, merece destaque um texto elaborado por Fernanda Aquino Sylvestre, denominado: *Resgatando identidades por meio da solidariedade e da literatura: Uma análise das personagens Rosário e Irene em O vôo da guará vermelha, de Maria Valéria Rezende* (2014). Tendo como foco de atenção o pedreiro Rosário e a prostituta aidética Irene, a estudiosa centra sua atenção em demonstrar o poder humanizador da literatura e como esta modifica a vida destas duas pessoas, que se encontram em situação de miserabilidade pessoal e social, para melhor. As invisibilidades de



ambos aparecem a partir do momento que se descobre que além de ele não possuir nome também não tem a instrução necessária para realizar a leitura dos vários livros que estão em seu baú. Ela, doente, se enclausura o dia todo em um quarto esperando o dia de sua morte já que tampouco possui condições financeiras para realizar um tratamento de saúde.

Ao mesmo tempo que carregada de poesia, a leitura que realiza Fernanda Aquino Sylvestre em relação as cores que emergem nesta narrativa possuem um tom significativo e triste “os capítulos da obra são nomeados com cores (cinzento e encarnado, verde e negro, roxo e branco, acre e ouro), que representam o estado das personagens ou os acontecimentos do capítulo” (SYLVESTRE, 2014, p. 131). É perceptível que também neste romance Maria Valéria Rezende utiliza da sua ficção para demonstrar as realidades vividas pelos sujeitos que se encontram na margem da sociedade “Rosálio é descrito como um faminto no sentido literal e também metafórico. Possui a ‘alma’ faminta, além de passar fome, ganhar pouco e ser explorado” (SYLVESTRE, 2014, p. 131). Apesar dele viver em situação de extremo pauperismo, é o rapaz quem ajuda Irene. As trocas entre ambos se estendem para além das questões materiais, pois é através da prostituta que sonhava desde criança em ser professora, que o pedreiro adquire o conhecimento necessário para ler seus livros.

#### 4.2 TEMPO E ESPAÇO EM *VASTO MUNDO* (2001)

Referente ao espaço em que esta narrativa se desenvolve podemos incluí-la em diversas geografias de acordo com os dezoito capítulos apresentados e interligados, situando-se na maioria dos casos na vila construída ficcionalmente pela romancista, denominada “Farinhada”. Farinhada é uma designação escolhida a dedo pela autora uma vez que nos dá fortes indícios daquilo que podemos esperar no decorrer do desenvolvimento de cada um dos capítulos, que separados uns dos outros pelos títulos e pela aparente autonomia – semelhando-se a contos – também estão imbricados na sua composição ficcional, pois os personagens se entrelaçam e volta e meia se encontram uns com os outros de modo a compor um quebra-cabeças que montado compõe o romance como um todo.

Farinhada é uma região afastada de tudo e de todos, cujos habitantes costumam mais sair do que chegar. Se deslocam para os centros urbanos em busca de melhores perspectivas de vida para si e suas famílias, mesmo que com o tempo acabem por retornar para suas terras e para os seus. Ao buscarmos o conceito de farinhada nos deparamos com aquilo que a professora do município de Fortaleza e pedagoga Ana Barbosa nos apresenta no blog intitulado “Ciência Social Ceará” não apenas o significado de farinhada, mas também todo processo pelo qual é composto o processo de criação e desenvolvimento da farinha:

Farinhada? O que é? Farinhada é a transformação da mandioca (raiz) em farinha branca ou amarela. Como se executa uma farinhada? Para se fazer a farinha é necessário ter um plantio de mandioca (maniva) que são plantadas em um roçado e após um ano começa o processo de

colheita. Etapas da farinha: 1. Colheita: Dois ou três homens arrancam a maniva no chão. 2. Carregamento: É o transporte da mandioca do roçado até a ‘casa de farinha’. 3. Casa de farinha: É o local onde se realiza a farinha. 4. Raspação: É o ato de se raspar a mandioca, ou seja, tirar a casca preta da mandioca. 5. Trituração: Depois da mandioca raspada, ela é carregada até o triturador até ficar uma massa. O triturador pertence a casa da farinha. 6. Espremeção: Neste momento a massa da mandioca é expremida para retirada da goma. 7. Emprensagem: É o ato de emprensar alguma coisa. Neste caso, tira-se a massa do tanque, já expremida e coloca-se na ‘prensa’ para continuar a tirar a ‘mandiopeira’, (líquido venenoso da mandioca, ácido cianídrico) da massa. 8. Peneirar: Quando se tira a massa da prensa começa o ato de peneirar, que consiste em deixar a massa sem ‘cruelas’ (restos da mandioca deixadas pelas serras do motor triturador), para deixar a farinha bem fina. 9. Torrar a massa/goma: É quando começa o ato final da farinha. Coloca-se a massa peneirada no forno quente e com um rodo começa mexer a massa por volta de 3 a 4 horas sucessivamente. Então a massa que foi ao forno crua, fica bem sequinha torrada. (CIÊNCIA SOCIAL CEARÁ, 2017).

Merece destaque o fato de que apesar das trabalhadoras dos romances que serão analisados não trabalharem diretamente com a atividade da farinha, a escolha deste nome para o espaço geográfico de *Vasto Mundo* (2001) não se deu ao acaso por Rezende. O ritual da feitura da farinha assim como o nome da cidadezinha em que ocorrerão os acontecimentos deste romance nos dizem muito a respeito de seus habitantes – tanto homens quanto mulheres. Trata-se de sujeitos humildes, sem sobrenomes e que desempenham suas atividades laborais em funções que demandam mais do esforço físico do que mental. Não possuem grande nível de escolaridade, pois este não é pré-requisito para o trabalho que desenvolvem. Não é em vão que, os sujeitos que ocupam os cargos formais e de poder que denotam *status* social e econômico são vistos com certa veneração e medo sendo considerados por isso os “doutores” da região.

Farinhada também estabelece diálogo com o romance *Outros cantos* (2016) de Rezende, pois talvez seja nesta ficção onde mais apareça o alimento farinha como base para a alimentação das pessoas mais pobres e situadas na base da pirâmide social. A “mistura”, ou seja, um pedaço de caça, um ovo ou o que houver de proteína (se houver) no dia da refeição é apenas um adendo, um acréscimo, um luxo, uma pequena pintura no prato, pois não compõe nem boa parte tampouco garantia de alimento diário. A palavra “Farinhada” também é título da canção pertencente à música popular brasileira do pernambucano Luiz Gonzaga:

#### Farinhada

Tava na peneira eu tava peneirando  
 Eu tava num namoro eu tava namorando.  
 Na farinha lá da Serra do Teixeira

Namorei uma cabôca nunca vi tão feiticeira  
 A mininada descascava macaxeira  
 Zé Migué no caititu e eu e ela na peneira.  
 Tava na peineira eu tava peneirando  
 Eu tava num namoro eu tava namorando.  
 O vento dava sacudia a cabilêra  
 Levantava a saia dela no balanço da peneira  
 Fechei os óio e o vento foi soprando  
 Quando deu um ridimuinho sem querer tava espiando.  
 Tava na peneira eu tava peneirando  
 Eu tava num namoro eu tava namorando.  
 De madrugada nós fiquemos ali sozinho  
 O pai dela soube disso deu de perna no caminho  
 Chegando lá até riu da brincadeira  
 Nós estava namorando eu e ela, na peneira...  
 (FARINHADA, 2017)

Através desta letra, melodia e voz Luiz Gonzaga presta homenagem não apenas ao processo de feitura do alimento, mas igualmente às vivências cotidianas daqueles que desempenham esta atividade manifestada através da descrição do namoro que ocorre concomitante à atividade laboral. Trata-se de uma bela e poética cena diária ao mesmo tempo em que esconde atrás de si a realidade de um trabalho árduo, pesado e desvalorizado socialmente.

#### 4.2.1 Resumo de *Olhares*

Mocinha é uma jovem garota inicialmente com cara de sonsa e olhar vago. Certa tarde, enquanto presencia um comício na praça percebe que um rapaz pisca para si. Roberto Carlos é seu nome. Ela se sente extasiada pelo gesto, uma vez que em sua casa e em seu meio ninguém lhe dava a mínima atenção que fosse. Se, a princípio, ela dá todo seu salário para a avó, a partir do momento que passa a ser percebida socialmente começa a gastar parte de seu saldo mensal consigo própria. E é nesse processo que em determinado dia ela compra para si um par de sandálias, em um outro batom e em um terceiro um vestido. A princípio Mocinha não conseguiu soltar os cabelos, pois lhe faltou coragem. Quando tentou passar o barom e olhar-se em seu pequeno espelho assustou-se de modo ficar bastante tempo indecisa e agitada. A jovem passou também a passear mais com as amigas na praça e nesse ínterim era observada não apenas por outras moças, mas também rapazes.

Na segunda-feira sem pensar passou batom antes de ir para a padaria. Na terça-feira encurtou a cintura da saia. Na quarta soltou os cabelos. Na quinta, arrumou um serviço extra que lhe pagavam um saldo a mais e na sexta-feira foi o bazar e comprou um par de brincos dourados. Passou-se mais uma semana de intensas mudanças. Trabalhou à noite. Naquela semana deu menos dinheiro para a avó. Foi comprando uma blusinha, saia, xampu, fivela para o cabelo e esmalte para as unhas. Sua amiga disse que ela estava mudada, até parecendo gente. Ela não ligou, apenas sorriu em silêncio. Quando Mocinha ficou sabendo que Roberto Carlos estava com problemas no olho e por isso piscava tanto, a joem não sentiu a desilusão da dor porque ela não veio. Como trabalhava como balconista de panificadora, tirou o avental, a touca, sacudiu a cabeleira e saiu se requebrando pela praça.

#### **4.2.2 Resumo de *O tempo em que dona Eulália foi feliz***

O marido de dona Eulália acorda no meio da noite com um caroço no meio das costas que a princípio doi, mas depois abre como chaga e depois começa a soltar terríveis odores. Estas feridas começam a se espalhar pelo corpo todo do fazendeiro Assis Tenório, que indiferente a todos, grita e faz alarde. Apesar de passar por vários médicos não obtêm êxito no processo de cura uma vez que ninguém consegue encontrar a origem desses males. A princípio, Assis Tenório enviava as ordens sobre os comendos da administração da fazenda por telefone. Porém passados os dias e agravando mais sua situação não conseguiu mais fazê-lo. Foi então que seus capangas começaram a ficar mais sorridentes, pois deixam com o tempo de estar sob a supervisão e o poder de mando do fazendeiro. Com isso, deixam de causar medo nas pessoas e passam a socializar tranquilamente com os habitantes de Farinhada.

No entanto, apesar de todas essas transformações, o efeito maior da ausência de Assis Tenório se dá com a esposa dona Eulália. Isso ocorre a princípio porque a mulher se vê livre das violências físicas e psicológicas do marido. No decorrer dos dias ela se percebe dona de extamente tudo ao seu redor sem ter ninguém para lhe dizer o que fazer ou proibir. Foi aos poucos então que desabrochou em dona Eulália uma vontade de fazer o que lhe passasse pela cabeça. Foi então que aos poucos, tomando para si uma coragem de decisão e pulso para administração jamais conhecidos ela passou a atuar socialmente junto à melhoria da vida daqueles que dependiam de si e da população de Farinhada como um todo. Reconstruíram escolas e capelas arruinadas, abriu-se curso de corte e costura, distribuíram-se óculos e fizeram produtivas as terras que até então estavam improdutivas. Finalmente, depois de tantas modificações para melhor não apenas no meio social em que dona Eulália vivia, mas em seu próprio ser é um buda quem descobre as origens da enfermidade de Assis Tenório dizendo-lhe que as origens de seus males não se davam por terem lhe feito mal, mas pelo mal que ele sempre fez. Tratava-se da ruindade que não cabia mais em si e estava saindo de seu corpo.

#### 4.3 TEMPO E ESPAÇO EM *OUTROS CANTOS* (2016)

Se Farinhada compõe em maior medida o espaço geográfico em que se situam os personagens do romance *Vasto mundo* (2001), com o espaço ficcional de *Outros cantos* (2016) não se dá de forma tão diferente. *Olho d'água* se chama o espaço ficcional criado por Rezende. Ao irmos em busca de maiores informações sobre esta geografia, descobrimos que ela existe na realidade de nosso país de modo que se trata de um município do estado da Paraíba que se situa na região nordeste do país:

Gentílico: Olho-daguense. Localização e Acesso: O município de Olho d'Água está localizado na região Oeste da Paraíba, imitando-se ao Sul com Juru, Água Branca e Imaculada, a Oeste Piancó, a Sudoeste Santana dos Garrotes, a Norte Emas, a Nordeste Catingueira e a Leste Mãe D'Água. Aspectos fisiográficos: Em termos climatológicos acha-se inserido no denominado "Polígono das Secas", constituindo um tipo semiárido quente e seco, segundo a classificação de Köppen (1956). As temperaturas são elevadas durante o dia, amenizando à noite, com variações anuais dentro de um intervalo 23 a 30° C, com ocasionais picos mais elevados, principalmente durante a estação seca. No geral, caracteriza-se pela presença de apenas 02 estações: a seca que constitui o verão, cujo clímax é de Setembro a Dezembro e a chuvosa denominada pelo sertanejo de inverno. [...] População estimada 2015\*: 6.646 População 2010: 6.931. Área da unidade territorial (Km) 596, 129. Densidade demográfica (hab/km):11,63 (OLHO D'ÁGUA, 2017).

A descrição acima acerca dos aspectos geográficos e climáticos desta cidadezinha situada no interior do nordeste brasileiro dialoga diretamente com as informações que nos apresenta Maria Valéria Rezende em seu romance *Outros cantos* (2016). Nesta ficção é possível percebermos claramente os dois períodos do ano marcados pela extrema seca ou pela possível, mas não garantida abundância da chuva. Rezende faz com que emergimos tão profundamente nestas questões que a ansiedade do povo e sua crença na vinda das águas dos céus não aparece apenas como uma questão de fé. Trata-se mais do que isso. É questão de vida. A chuva que faz com que o povo não apenas continue vivendo, mas é através da chuva que se faz brotar dos solos mais áridos do sertão o tom verde esperança presentes nas almas deste povo e das folhas que começam a surgir como a metáfora de dias melhores, em possibilidades de plantio e colheita durante o decorrer do ano o que significa um cotidiano mais farto, pois mais nutritivos nos estômagos que tanto anseiam por uma dieta mais completa em nutrientes e variedades no comer. Referente ao tempo em que ocorrem as narrativas, podemos situá-las entre o período de 1964 a 1985 – período em que o Brasil viveu a época da ditadura militar. As datas que nos levaram até este período não estão explícitas em nenhum destes dois romances por uma estratégia da escritora. Desenvolveremos no decorrer das análises as pistas e os rastros que nos levaram a deduzir por tais datas e conseqüentemente situar os romances no tempo em que ocorreram.

### 4.3.1 Resumo de *Outros cantos*

No dia exato em que completava trinta anos, Maria tinha sede por marcar o mundo com sua existência e com suas ações. Via nesta idade o momento exato para atravessar o portal que separa a juventude da idade adulta. Mesmo sabendo dos riscos que corre, se trata de um marco, pois para si parte de sua vida á havia sido vivida. É por isso que na data das suas três décadas decide viajar para um povoado distante e árido denominado Olho d'Água. É nesta geografia de terras arenosas e claras que maria se depara com o canto dos aboiadores e o cumprimentar de meninos esqueléticos e seminus na sua inocência. Imersa totalmente neste meio geográfico Maria passa a perceber através de sua própria experiência quão pesado e árduo é o trabalho desenvolvido pelos homens e mulheres que vivem nesta região. Trata-se do trabalho artesanal na sua essência, pois envolve desde o processo de tingir o algodão cru até a confecção ritmada dos teares. E é exatamente na rotina da fervura dos fios é que Maria conhece Fátima, mulher trabalhadora que mostra paulatinamente tanto sua força física quanto psicológica. É Fátima uma das mulheres que desempenha exatamente os mesmos trabalhos físicos que os homens, além de somar para si a dupla jornada de trabalho que compõe os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos.

A convivência de Maria com Fátima faz aquela perceber que além do trabalho artesanal, há vários rituais cotidianos que fazem do próprio viver – que nesta região é árduo e sofrido – uma arte do cotidiano que acarreta transformações gigantescas. Essas ações se expressam no ato de todas as manhãs fazer reviver as brasas para o fogo que aquecerá a comida, ir buscar água no poço e trazê-la em um pote na cabeça assim como moer o milho e transformá-lo em farinha para o kuskus. À experiência prática da vida seriam somados seus outros objetivos com aquele povoado: alfabetizar jovens e adultos e fazê-los despertar para a consciência crítica. Todos os instrumentos de que estes trabalhadores e trabalhadoras precisam para realizar o trabalho da tecelagem tinha um dono: O Homem. Sem nome. Sem características físicas. Sem personalidade. O Homem é invisível. Os trabalhadores devem pagar a ele inclusive a água que consomem. Tiram este pagamento dos centavos que recebem dele pelas funções que desenvolvem junto das tinas e teares. O marido de Fátima, Tião, analfabeto decide ir em busca do sonhado tear, enquanto ela e os filhos o esperam incansáveis na esperança de dias melhores. Nesta jornada, a professora também se depara com os vaqueiros e tudo o que os caracteriza, como seus cheiros, modos de saudar, vestes e nomes. Dese que chega ao povoado sua lida também é esperar, aguardar o decorrer dos meses para saber o local onde irá trabalhar e receber os tão esperados materiais didáticos prometidos pelo vereador.

A novena para a festa de Nossa Senhora do Ó traz consigo muita música, cânticos, orações e alegria para os habitantes olhodaguenses. Maria experiencia cada detalhe desta grande comemoração

manifesta através das procissões até a capela de Nossa Senhora e a confecção das flores que enfeitam a igreja realizadas pelas próprias artesãs com o reaproveitamento do papel que envolve fardos de fio e os restos de pigmentação sobrados no fundo das banheiras. Fundem-se nestes dias de festas o conciliar das comemorações com a obrigação da labuta diária uma vez que os trabalhadores e trabalhadoras sabem que se faz imperativo conquistar diariamente seus sustentos e os da família restando para a semana anterior ao natal o descanso quase total uma vez que neste período não chega nenhum caminhão carregado de fios.

Assim como o marido de Fátima também outros moradores de Olho d'Água optam por tentar a vida em grandes centros urbanos. Este é o caso de Alzira que escolhe trabalhar como diarista no Rio de Janeiro a viver a rotina de vida e de trabalho existentes em seu lugar de origem. Mesmo vivendo privações como caminhar ida e volta para o trabalho como objetivo de economizar dinheiro na passagem de ônibus, ao menos consegue concretizar o sonho de comprar um barraco no morro. No entanto, devido a problemas com seu filho Candinho, Alzira toma a decisão de voltar para a sua terra e construir novos sonhos. Junta o que sobra de seus bens pessoais e de sua moradia com o objetivo de adquirir seu próprio lar. Luizinho assim como Alzira também ajuda a compor uma das muitas histórias pelos habitantes de Olho d'Água. Aquele assim como esta também sai rumo ao Rio de Janeiro em busca de melhores perspectivas de vida. Sem ter estudos, acaba trabalhando nas funções que se lhe apresenta, como: ajudante de feira, descarregador de caminhão, Papai Noel, entre outros. No seu cotidiano, alimentar-se de dois pratos de refeição em um dia denota privilégio. Por isso, na troca de favores não exita em ajudar um feirante a desarmar uma barraca em troca de restos de comida, e para frequentar o barbeiro e o cabeleireiro toda semana significa verdadeiro luxo. No entanto, movido pelo medo de perder sua essência e decência perante as dificuldades socioeconômicas que cada vez mais se agravam, Luizinho decide voltar para Olho d'Água e lá permanecer.

Manoel semelhante a Luizinho migra para São Paulo. Este centro urbano habita em um barracão da obra onde trabalha como servente contratado, ou seja, sem carteira assinada. O estopim para seu retorno a Olho d'Água é presenciar a morte de seu melhor amigo Carlos Henrique, conhecido por todos como parafuso. Manuel sente forte indignação ao ver a reportagem da televisão e do jornal apontando seu amigo como marginal ao salvar a vida de uma mulher em uma forte enxurrada. Manuel que conhecia bem seu amigo sabia que o rapaz morria de medo da morte e não era bandido, apesar de todos dizerem que fisicamente se parecia com um. Desolado e decepcionado, Manuel considera São Paulo um lugar perigoso e por isso decide voltar para a sua terra com a esperança de dias melhores para si e para os seus. Após o curto período das festividades natalinas a vida voltava ao normal. Os mesmos afazeres diários talvez não tivessem um peso tão carregado de monotonia para aquele povo porque não conheciam outra vida e outras realidades. As incertezas se intensificavam na medida em que a professora se percebia sem notícias de nada nem ninguém. Certo

dia, Maria foi surpreendida com um choro de criança que veio de sua parede-meia. Para sua surpresa, no casebre onde acreditava morar apenas uma casa de idosos em idade avançada também havia uma jovem que acabava de dar luz a um filho. Maria, que até então havia visto dona Amélia auxiliar as outras mulheres artesãs com as atividades laborais que suportava seu velho corpo surpreendeu-se com a força e destreza nos gestos da parteira ao envolver o bebê em panos limpos, ao curar seu umbigo e ao fazer com que a mãe não ficasse com nenhum vestígio da placenta em seu corpo. Maria do Socorro é o nome da mãe recém-parida.

Os meses se passam e não há nenhum sinal do vereador. A professora se torna abatida e triste. Decide, porém, por si só dar início ao ensinamento das pequenas letras. Este processo acontece tendo como materiais uma varinha e a areia. A primeira servindo como giz e a segunda como quadro. No decorrer da caminhada Maria percebe que os trabalhadores estão bastante cansados em decorrência de um dia todo de trabalho. Logo após a celebração da páscoa Maria finalmente recebe a visita do vereador. Diferente do que esperava a professora, este traz em uma camionete mesas e cadeiras feitas sucatas. O espaço físico para o aprendizado é um arranjo improvisado dentro de um galpão que serve de feira. A iluminação, resultado do ruído de um motor que acende a lâmpada elétrica. Além dos papéis burocráticos, Maria recebe também reduzida quantidade de cadernos, lápis e material didático. Torna-se portadora de seu primeiro salário e volta a sentir-se entusiasmada perante a oportunidade de lecionar, pois para si sua função como professora não se reduz apenas à transmissão de conhecimentos, mas no ato de despertar consciências críticas, adormecidas perante tamanhas injustiças.

#### 4.4 RECORTES DA PESQUISA

Conforme anteriormente citado, serão utilizados para objeto de estudo no decorrer desta tese dois romances. Trata-se de *Vasto mundo* (2001) e *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende. Dos quais, pretendemos pensar a questão do empoderamento feminino através do trabalho a partir da análise de quatro personagens mulheres trabalhadoras. As personagens que serão analisadas estão presentes nos romances da seguinte forma: Mocinha (Balconista de panificadora) e Eulália (Fazendeira) pertencentes ao romance *Vasto mundo* (2001) e Maria (Professora) fazendo parte de *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende. A escolha por estas quatro personagens não se deu ao acaso. A partir da leitura de textos que tratam sobre a questão do conceito e da sistematização de empoderamento, percebemos que, segundo a socióloga Sardenberg no artigo *Conceituando empoderamento na perspectiva feminista*, “para se ‘empoderar’ alguém ter que ser antes ‘desempoderado’” (SARDENBERG, 2006, p. 3). A partir deste e de outros artigos referentes ao tema, assim como a partir de leituras atentas e minuciosas dos romances *Vasto Mundo* (2001) e *Outros Cantos* (2016) de Maria Valéria Rezende, optamos por manter como foco de estudo nestas três



personagens mulheres trabalhadoras. Isto, porque percebemos que apesar das suas origens sociais, econômicas e os trabalhos desenvolvidos por cada uma delas serem diferentes uns dos outros, há um processo de empoderamento que ao mesmo tempo em que se desenvolve de forma particular e individual (visto que suas identidades são diferentes umas das outras) também ocorre em âmbito comum, pois muitos componentes do empoderamento acabam se repetindo entre mais de uma personagem. É o processo do empoderamento através das atividades laborais que desenvolvem estas diferentes trabalhadoras que as une e as torna coesas, e, portanto, passíveis de serem analisadas individualmente sem perderem, com isso, sua unidade.

Em um primeiro momento pode parecer reduzido o número de personagens a ser analisado. No entanto, a partir do momento em que teremos que pesquisar o tipo de trabalho desenvolvido por cada uma destas personagens (Balconista de panificadora, fazendeira, freira e professora), bem como as especificidades de suas atividades laborais a partir do que nos oferecem os romances em questão - para a partir disso pensarmos como se desenvolve a questão do empoderamento feminino dessas trabalhadoras - acreditamos que há “solos bastante férteis” para cada uma das análises, assim como um grande volume de leituras que serão utilizadas no processo da pesquisa e na medida que forem sendo solicitados pelo texto.

## CAPÍTULO 5

### 5.1 MOCINHA: O AUTOCUIDADO É TRANSFORMADOR E EMPODERADOR

De acordo com o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2009), a palavra “mocinha” significa “Moça muito jovem; moçoila” (AURÉLIO, 2009, p. 1344). Enquanto que o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) aponta a palavra “moça” como sendo:

1 pessoa jovem, do sexo feminino; jovem 2 menina que entra na puberdade e que já menstrua 3 mulher madura, mas não velha 4 mulher virgem; donzela 5 palavra que com freq. se dirige a uma vendedora de loja, recepcionista ou qualquer funcionária de banco, repartição etc. (HOUAISS, 2009, p. 1302).

Temos, portanto, um ser humano do sexo feminino, com tenra idade e que é caracterizada pela pequenez, ou seja, pelo que é minúsculo, jovem e delicado. Não se trata de uma moça, tampouco “moçona” que significa “moça robusta e esbelta; mocetona” (HOUAISS, 2009, p. 1303), mas pura e simplesmente, uma mocinha. Moça pequenininha. Seres humanos, animais, plantas e objetos possuem nomes. Mas, a personagem Mocinha presente no romance *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende, não. O fato de não possuir nomeação a coloca em um estado de inexistência social e de direito perante as instituições sociais, os cidadãos e à sociedade de maneira geral de tal maneira, que se lhe ocorresse um acidente mortal ou se lhe tirassem a vida, sem ter nome, registro, ou qualquer outro tipo de documentação que atestasse sua existência, Mocinha seria considerada uma indigente. Ser humano não existido. Não gente. Se não tem nome, tampouco possui sobrenome. Esta falta duplicada é um sinal que marca claramente sua posição social e sua origem econômica, pois esta jovem é apenas mais uma no meio de tantas outras e outros. Ela figura mais um número a ser somado no atacado dos milhões de trabalhadores e trabalhadoras anônimos existentes no mundo, conforme nos mostram as imagens presentes no conto *O homem da multidão*, de Edgar Allan Poe e o romance *Todos os nomes* (1997), de José Saramago. Mocinha pertence à categoria dos pobres. Está situada na base da pirâmide social que classifica os sujeitos, de baixo para cima, em posição vertical, categorizando-os e selecionando-os darwinianamente conforme forem se elevando também seus modos de vida, acúmulo de bens, *status*, prestígio e capitais diversos adquiridos ao longo de suas existências (ou repentinamente por meio de ganho na loteria ou testamento), como “capital social”, “capital econômico” e “capital cultural” (BOURDIEU, 2008, p. 107), conforme nos aponta o sociólogo francês Pierre Bourdieu em um dos seus clássicos da sociologia, denominado *A distinção: crítica social do julgamento* (2008).

Graciliano Ramos no romance *Vidas Secas* (1993) também nos faz refletir acerca dos nordestinos Sinha Vitória e Fabiano, pois o casal possui dois filhos, mas estes não têm nomes. Trata-se, simplesmente de designá-los, como: “menino mais novo” e “menino mais velho”. Escritos os *-m*

iniciais com letra minúscula, esta estratégia do escritor alagoano nos comunica que não basta narrar os desmazelos referentes à realidade da seca e da miséria vivida pelo casal e pelos seus rebentos. É necessário mais. Trata-se também de marcar suas insignificâncias no mundo também pela estratégia da escrita, pela grafia. Forma esta encontrada pelo autor deste romance para justamente atestar e reiterar a pequenez não apenas física e psicológica de cada uma destas crianças, mas também lembrá-los de onde nasceram e as incertezas de suas vidas tanto em relação ao presente como futuro. Em contrapartida, a partir do momento em que o cão da família não apenas possui nome, mas o dito nome é grifado com letra inicial maiúscula - *B* de cachorra “Baleia” fica latente o objetivo do autor em nos demonstrar a superioridade do animal em relação aos seres humanos. Esta mesma estratégia de nomear um animal com letra maiúscula foi realizada por Graciliano Ramos em outro de seus romances, denominado *São Bernardo* (1984), visto que o cão presente nesta narrativa é designado como “Tubarão” (RAMOS, 1984, p. 29).

“Baleia” e “Tubarão” não são apenas dois animais gigantes em tamanho e também em representação simbólica. Se formos observar as entrelinhas observamos mais uma das minúcias do escritor alagoano. Graciliano Ramos não apenas nomeia dois pequenos cães com os nomes de dois animais gigantes, como os escolhe a dedo. Podendo selecionar tantos outros bichos na natureza, como: elefante, girafa, leão, tigre, etc. ele escolhe justamente a baleia e o tubarão. Ao trazer os nomes “Baleia” e “Tubarão”, os animais não apenas são agigantados pelas letras iniciais maiúsculas de seus primeiros nomes, como também pelo tamanho físico que originalmente possuem, além de serem eles os gigantes dos mares – local da imensidão da água – em contraposição ao ambiente da seca nordestina em que os pingos de chuva são tão escassos quanto às possibilidades reais de existência digna dos sujeitos. No artigo denominado *A humanização da cachorra Baleia vs. A animalização de Fabiano: uma análise descritiva da tradução do livro Vidas secas para o cinema* (2010), o professor assistente do Departamento de Letras da Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN) traz para o centro de seu artigo a questão da animalização do ser humano e a humanização do animal referindo-se principalmente ao personagem Fabiano e a cachorra Baleia:

O livro e filme *Vidas Secas* são marcados por uma combinação e confusão entre seres humanos e animais. As personagens humanas se apresentam de uma maneira rude, bruta e áspera, vítimas dessa atmosfera caracterizada pela seca, que absorve a humanidade desses indivíduos [...] o não-saber de Fabiano, manifestado principalmente na dificuldade de falar, também é elemento animalizador. A obra escrita está repleta de referências a essas dificuldades de fala [...] A cachorra Baleia, diferentemente de seus donos, assume, de certa forma, o papel de um humano no enredo [...] A cachorra também é o mimo da família, a única que recebe o carinho de todos. É, sem dúvidas, tratada como um membro da família (DARANDINA, 2010, pág. 6, 7, 9, 10).

É importante enfatizar que a sem nome “Mocinha” não estreia como personagem na literatura brasileira apenas recentemente, através de sua presença no romance *Vasto mundo* (2001), de Maria

Valéria Rezende. Ela figura nas páginas das ficções nacionais antes mesmo da década de 30. Isto porque, além de Graciliano Ramos, outra escritora cearense preocupada com a realidade da seca, da fome e dos desmazelos dos retirantes também se debruçou em compor uma personagem com igual singularidade e que também atendia por “Mocinha”. Trata-se de Rachel de Queiroz e seu romance *O quinze* (1930). Este reaparecer da personagem “Mocinha” aproximadamente oitenta anos depois de sua presença no romance de Raquel de Queiroz nos diz muito. Este fato nos faz lembrar que a construção de personagens femininas significativas na literatura do nosso país não é fato tão recente como possa parecer à primeira vista uma vez que já figurava na literatura de autoria feminina brasileira há quase um século atrás. Importante levar em consideração, é que a partir dos anos dois mil até o presente, vem ocorrendo um aumento massivo das redes sociais, pesquisas e eventos nas universidades, assim como uma maior articulação e envolvimento das próprias mulheres com a questão do gênero. Isso tudo, além do período histórico em que estamos vivendo (com maior liberdade das mulheres de ir e vir e ter sua independência financeira para poder decidir o destino de suas próprias vidas) faz ferver em muitas escritoras da atualidade, o desenvolver de escritas que discorram sobre seus próprios modos de vida e de trabalho. Em uma palavra, essas narrativas se apresentam como um falar de si nos seus mais variados aspectos seja em relação à questão do trabalho, violência, sexualidade, memória, infância, racismo, dominação masculina, homofobia, xenofobia, migração, entre outros.

Muito provavelmente Maria Valéria Rezende tenha tido contato com *O quinze* (1930) no decorrer de seu trajeto como leitora e professora que trabalhou durante muitos anos de sua vida com a educação de alunos jovens e adultos, conforme nos mostram as informações contidas nas contracapas de seus romances *Vasto mundo* (2015) e *Outros cantos* (2016): “Dedicou-se sempre à educação popular, primeiro na periferia de São Paulo e, a partir de 1972, no Nordeste, vivendo em Pernambuco e depois na Paraíba, no meio rural até 1986 e, desde então, em João Pessoa, onde está até hoje”. De maneira que afirmar que a probabilidade de Rezende ter tido contato com os romances de Queiroz não se dá de forma fortuita, pois além de “Mocinha”, também outra personagem feminina aparece em *Vasto mundo* (2001) com o mesmo nome daquele composto pela escritora cearense, denominada Zefa. Em *O quinze* (1930), Zefa raramente emerge na narrativa. Trata-se de uma jovem com quem Vicente conversa sempre que surgem as oportunidades “Sim, senhor! Vivia de prostrar com as caboclas e até falavam muito dele com a Zefa do Zé Bernardo!” (QUEIROZ, 1930, p. 62). Enquanto que a Zefa presente em *Vasto mundo* (2001) é uma “professora do sítio Ventania” (REZENDE, 2015, p. 86) cuja principal função é ler e escrever as cartas de homens e mulheres que a procuram e de lhes transmitir os conteúdos das correspondências da melhor maneira possível. Cabe exclusivamente a ela, retornar-lhes sempre notícias agradáveis mesmo que para isso precise atenuar determinados acontecimentos ou mesmo alterá-los radicalmente. A atenção da escritora para esta

personagem não é pouca, visto que lhe rendeu um capítulo inteiro, denominado “Boas notícias” (2001).

O que nos parece, é que ao mesmo tempo em que Rezende buscou manter certas características da “Mocinha” apresentada por Queiroz, manifestadas primeiramente por pinceladas opacas, pálidas e monocromáticas semelhante à vegetação árida do meio em que vivia, em contrapartida, no que se refere aos aspectos físicos e psicológicos a autora de *Vasto mundo* (2001) teve como ímpeto propiciar à sua personagem, à sua “Mocinha” um desenvolver-se de forma diferente. Para isso, deu-lhe outras possibilidades de escolhas. Diferentes oportunidades de ver a si própria de forma múltipla ao mesmo tempo que singular e única. Fez com que se situasse no mundo, fazendo-a sentir-se também parte dele ao perceber-se e ao se fazer perceber pelos sujeitos ao seu redor. É no capítulo denominado “Olhares” que entrarão em cena os personagens principais: Mocinha e Roberto Carlos. A estratégia da autora ao dar esse título para o capítulo não é ingênua ou casual. Isso porque no decorrer de todo o desenvolver dos fatos que envolvem os dois jovens haverá repetidamente a menção a tudo o que se refere aos olhos e ao universo ocular como um todo. Na primeira página é possível diagnosticarmos expressões, como: “*vista zanzando*”, “*avistar todo dia*”, “quando teve a impressão de *ver* um cara diferente”, “Segurou a *vista*”, “*olhou de novo*”, “*piscando* um olho”, “uma *piscada*, duas” (REZENDE, 2001, p.49).

Além de outras referências semelhantes que se distribuem ao longo deste mesmo capítulo, como: “*Olhou à volta*”, “ninguém *olhando*”, “*olho pregado*”, “*olho parado*”, “*Piscou para mim*”, “*olhar vago*”, “Mocinha *viu* de novo o rapaz”, “o *viu* entrando na casa”, “cruzar seu *olhar* com o dele”, “*piscadas*”, “*piscar*” (REZENDE, 2000, p. 50, 51, 53, 56). De maneira que, além de Mocinha figura também o autor da piscadela, Roberto Carlos. A distinção entre o rapaz e a moça se desenvolve em vários aspectos. Ele pertence ao meio urbano, ela ao interior. Ele trabalha em algum escalão da política “veio com os políticos para o comício” (REZENDE, 2015, p. 50), enquanto que ela desenvolve suas atividades laborais como balconista de panificadora. Ele é dotado de condições materiais, ela não. E, novamente retornamos à perna coxa de Eugênia – para fazermos referência ao capítulo “A sorte dos pobres” presente no livro *Um mestre na periferia do capitalismo* (2000), de Roberto Schwarz em que o crítico toma como base o capítulo “A flor da moita” presente no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1997), de Machado de Assis - ele possui um nome, ela não.

As diferenças simbólicas se acentuam ainda mais pelo fato do nome do jovem não ser qualquer um, mas tratar-se de Roberto Carlos, o mesmo nome do cantor brasileiro que estava explodindo nas paradas musicais no contexto histórico temporal em que se desenvolve este romance de Rezende. Esta informação acerca da nomeação do moço faz destrinchar algumas questões importantes presentes no desenvolver da narrativa. A primeira delas é a que nos permite desvendar a partir desta passagem “Adoro o seu xará, Roberto Carlos, veja que coincidência. Até choro quando escuto *Essa*

*nossa canção... Amada amante, então, fico toda arrepiada...*” (REZENDE, 2001, p.55). Isto porque, a partir deste trecho é possível situar o romance no tempo, uma vez que no decorrer de toda a leitura desta ficção de Rezende não há nenhuma outra pista sobre a época em que esta narrativa se desenvolve. *Nossa canção* é uma música que foi gravada no ano de 1966 (RÁDIO CULTURA BRASIL, 2018). Como atualmente o cantor brasileiro Roberto Carlos possui 77 anos, pois nasceu em 16 de abril de 1941, podemos supor, a partir do montar deste quebra-cabeças, que o músico tinha 25 anos quando lançou a música. Disso, apreendemos que o romance *Vasto Mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende se situa temporalmente em fins dos anos sessenta no Brasil. O que equivale dizer que é o período em que o país estava vivendo o período histórico da ditadura militar que se estendeu desde meados de 1964 até 1985. Soma-se a isso, o fato do cantor brasileiro Roberto Carlos ser nesta época bastante jovem, famoso e conseqüentemente atrair a atenção das jovens da época como é o caso de Mocinha. Esta analogia ou cruzamento do nome do personagem é inteligentemente utilizado pela escritora, pois se torna o estopim inicial para justificar o interesse da moça pelo rapaz uma vez que não se trata de qualquer moço, mas “Roberto Carlos”. Um Roberto Carlos que piscou para Mocinha na primeira vez em que a viu e que despertou na garota sensações e percepções nunca antes sentidas. A piscadela do jovem para a garota é o ponto de partida, mote, estopim. É a justificativa que faltava para que se iniciassem os movimentos da moça em prol dela mesma, imersa que estava sempre no mesmo marasmo, na mesma rotina, no mesmo ir e vir, enfim na mesma monótona vida.

Mocinha está situada em um espaço geográfico e social caracterizado pela vila e pelas escassas oportunidades de tudo o que este meio não pode oferecer aos seus habitantes em termos de entretenimento, lazer e oportunidades de acesso a outras formas de conhecimentos institucionais e não institucionais, como: universidades, teatros, cinemas, escolas de dança, centros de idioma, bibliotecas públicas e particulares, museus, intercâmbios, viagens, idas a restaurantes, parque de diversões e aquáticos, cafés, mercados públicos, etc. Em decorrência disso e de seus poucos recursos, ela vive como pode e dentro de suas possibilidades reais de existência. A piscada involuntária de Roberto Carlos ofereceu à Mocinha a sensação de ser percebida, notada e desejada por alguém. Se não fosse o piscar de olho dele, seria o elogio de uma amiga ou uma atenção mais detida e carinhosa da avó. Fato é que o piscar do olho em si, como ação, significa muito pouco nesse contexto como um todo. O que ganha peso simbólico e significativo são as conseqüências desta ação sobre a existência da jovem.

O piscar de olho é um pano de fundo. Um gesto. Um movimento sutil. Um ponto de partida que permanecerá estático, não consumado. O que corresponde na prática a um não-idílio, pois este não chega a se realizar. E, se a piscadela ocorreu da forma que aconteceu, poderia muito bem ter sido de qualquer outra maneira e com outra pessoa, visto que tanto no seu seio familiar quanto nas relações sociais mais próximas, Mocinha não era notada por ninguém. A jovem era invisível. Anônima em seu próprio lar. Imperceptível na sua própria residência e por aqueles que viviam ao seu redor. Começam a notá-la apenas a partir do início de seus

primeiros movimentos em prol de mudanças: “Em casa estavam até reparando na existência dela” (REZENDE, 2001, p. 51).

Apesar das origens familiares e o próprio nascimento da jovem não terem lhe oferecido as vantagens econômicas e sociais que um berço abastado propicia às mulheres e aos homens situados em posição elevada, Mocinha não se caracteriza pelo tipo de mulher que se acomoda. Apesar de bastante jovem, vai à luta e dedica seus dias a trabalhar atrás de um balcão de panificadora. Trata-se de um tipo de trabalho que se caracteriza pela informalidade e exige baixo grau de instrução escolar. Trata-se de um emprego digno, honrado e que possui uma significância muito grande para a própria moça trabalhadora e para a vida daqueles que vivem consigo. Isto ocorre porque serve como base para custear os gastos domésticos de sua família, restando para si muito pouco do montante mensal recebido todo fim de mês, conforme é possível perceber na passagem do romance “os trocados que ficavam depois de dar todo o salário à avó” (REZENDE, 2001, p.55). Apesar de todas as intempéries que a vida lança na vida dos sujeitos e também na vida de Mocinha, em maior ou menor grau, a jovem se desdobra, faz o que gosta e o que não gosta nas suas atividades laborais “Não aguentava mais esperar essa mulher que nunca mais que fecha essa padaria! ” (REZENDE, 2001, p. 53).

A partir das características da personagem Mocinha que nos debruçamos em pesquisar referências bibliográficas no campo da literatura que tivessem como centro personagens infanto-juvenis e juvenis a fim de podéssemos realizar aproximações no que se refere aos modos de vida e de trabalho destas personagens. E é justamente em relação à atividade laboral caracterizada pelo trabalho de balcão de panificadora que não podemos deixar de fazer referência à igualmente jovem personagem, Sadie Dan, presente no capítulo “Atrás do balcão” que ajuda a compor o segundo volume do clássico romance infanto-juvenil, denominado *Polianna Moça* (2003), de Eleanor H. Porter. Esta intertextualidade se estabelece, pois em uma passagem do romance de Porter aparece de modo explícito como muitas vezes um trabalho que denota ser muito simples, fácil de ser realizado e inclusive aparentemente prazeroso na sua execução pode esconder atrás de si dificuldades incontáveis e entraves diversos. A passagem na sequência ocorre quando Polianna vai com a tia Mrs. Carrew até uma grande loja e neste local encontra uma colega com a qual havia travado diálogo pouco tempo antes:

Mrs. Carew levou-a a compras numa grande loja, e enquanto escolhia umas rendas, Pollyanna pôs-se a analisar o rosto das caixeiras. Súbito, deu um grito de alegria. – Quando crescer acho que serei caixeira, só pelo divertimento de ver o que me compram e falar com os fregueses. – Divertimento! – Murmurou com ironia a caixeira. – Você não conhece nada, menina. Um dólar minha senhora – a moça interrompeu-se de novo para atender outra freguesa que escolhera um laço de veludo cor de havana. – Ora graças! – Exclamou a freguesa impertinentemente. – Tive de perguntar duas vezes. A caixeira mordeu o lábio. – Eu não ouvi, minha senhora. – Não tenho desculpa. Sua obrigação é ouvir. Para isso é paga, não acha? E esse aqui? – Cinquenta centavos – E este azul? – Um dólar. – Deixe de impertinência,

Miss! Se se põe a falar tão secamente, dou parte à gerência. Quero ver aquela cesta de laços de cor rosa. A caixeira ia abrindo os lábios para responder, mas reteve-se e, obedientemente, colocou defrente da freguesa a cesta pedida; seus olhos, porém, fulguravam e suas mãos tremeram ao largar a cesta. A freguesa pediu o preço de quatro ou cinco, e depois largou-os com um breve e ríspido ‘Não me interessam’. – Então? – Perguntou a caixeira à menina logo que a freguesa se afastou. – Que acha do meu serviço agora? Devo ficar alegre? Pollyanna riu-se um tanto nervosa. – Estava zangada, não? Em todo caso, a senhora pode ficar contente de ‘todas’ não serem assim (PORTER, 2003, p. 92, 93).

Nesta passagem o que salta aos olhos é a forma como a jovem trabalhadora é tratada pela cliente. O descaso da compradora e a humilhação que causa na sua interlocutora se faz presente não apenas no conteúdo de suas palavras de ameaça, humilhação e inferiorização, mas também na maneira e como diz o que diz. Trata-se daquilo que Pierre Bourdieu denominou em *A dominação masculina* (2014) de “violência simbólica”, ou seja, aquela caracterizada pela agressão que atinge de forma mais intensa o ser psicológico do outro.

Trata-se de um uso e abuso de posição e poder. Seja por parte do cliente que possui a condição econômica para compra ou até mesmo pela figura do patrão ou patroa que exerce posição de superioridade em relação ao funcionário que vende sua mão de obra através do trabalho que desenvolve. Ser um sujeito consumidor observador e crítico que ideologicamente vai contra as ações que diminuem os outros sujeitos - sejam eles homens ou mulheres trabalhadores, independente da classe socioeconômica, faixa etária ou cargos que possuem - nos dá uma percepção clara do que é possível de ser presenciado nos comércios de uma maneira geral quando se trata de ações que agredam a integridade física ou moral dos indivíduos que estão nesses espaços desenvolvendo suas atividades laborais. De maneira que, além dessas questões, assim como Sadie Dean, Mocinha, também busca lidar da melhor maneira possível com os contratemplos decorrentes de seu ambiente de trabalho. E, semelhante à balconista de panificadora Sadie Dean, ela, sempre que pode ter seu próprio tempo livre busca gastá-lo da melhor maneira possível. Aproveita na companhia das amigas. Passeia com elas pela praça, vai à missa e usufrui das poucas possibilidades de descanso e de lazer que o seu meio propicia e possibilita. “Arriscou-se até a dar umas voltas com as outras moças no meio da praça, à noitinha, enfrentando os olhares da rapaziada parada na calçada” (REZENDE, 2001, p. 53). A primeira faceta do empoderamento que se dá com Mocinha é aquela que Nelly Stromquist apresenta no seu artigo *La búsqueda del empoderamiento: en qué puede contribuir el campo de la educación* (1997) referente ao Componente Psicológico. De acordo com a autora, este tipo de empoderamento inclui o desenvolvimento de sentimentos que as mulheres podem colocar em prática a nível pessoal e social para melhorar sua condição, assim como a ênfase na crença de que podem ter êxito em seus esforços por mudança. Também abrange a autoconfiança e a autoestima. No entanto, Stromquist destaca que o elemento psicológico precisa ser reforçado com recursos econômicos, pois um trabalho fora de casa incrementa uma independência econômica e geral para as mulheres que o executam.



Inicialmente vista por todos como “cara de sonsa e olhar vago” (REZENDE, 2016, p.51) a partir do momento em que Mocinha passa a lançar um olhar diferente sobre si própria, inicia-se na jovem um processo interno que a faz se movimentar rumo ao aumento de sua autoestima e autoconfiança cotidianamente minadas por comentários destrutivos que afetam diretamente sua identidade por parte daqueles que fazem parte de sua vida “Queria só ver a cara daquela maldosa e escandalosa da Luzinete, que vivia dizendo que o nome dela era Mocinha porque estava condenada a ser só moça a vida toda” (REZENDE, 2001, p. 51).

O processo do desenvolvimento do empoderamento da jovem trabalhadora da panificadora começa a se realizar a partir de alguns movimentos simples, porém profundos e significativos, pois advêm de dentro e se fazem notar também fora de si. O primeiro deles é referente à jovem ir a Itapagi (município mais próximo a Farinhada) para buscar uma encomenda de fermento para a panificadora. Momento no qual a moça aproveita para realizar algumas aquisições para si:

Foi-se levando toda a fortuna que havia juntado com os trocados que ficavam depois de dar quase todo o salário para a avó. Deu para pouca coisa: um par de sandálias de plástico azul, um batom e a entrada num vestido que disseram na loja que estava na moda, para pagar o resto a prestação. Sentia-se meio como quem vai a uma aventura proibida, agarrada ao pacotinho precioso” (REZENDE, 2001, p.52)

Ciente de que o que lhe sobrava era pouco para comprar os artigos pessoais de que seus novos anseios solicitavam, a jovem decide arrumar mais fontes de renda através da aquisição de trabalhos temporários:

Arranjou um serviço para distribuir camisetas do candidato de Assis Tenório e recolher os títulos dos eleitores beneficiados. Pagaram bem, bendita política! [...] Arranjou trabalho à noite na campanha de oposição e lhe pagaram ainda melhor que Assis Tenório. Naquela semana deu menos dinheiro à avó (REZENDE, 2001, p.54).

Foi decorrente da soma de seus trabalhos que Mocinha foi “Ao bazar Duas Irmãs e comprou um par de brincos dourados [...] Foi comprando mais uma coisinha, outra, uma blusa, uma saia, xampu e fivela para o cabelo, esmalte para as unhas. Passou a enfeitar-se cada dia, cada dia mais bonita” (REZENDE, 2001, p.54).

Os objetos adquiridos por Mocinha nos dão uma dimensão clara sobre alguns pontos importantes. O primeiro deles é que estes objetos pertencem à categoria do que muitos poderiam denominar de necessidades básicas, pois abrangem aquilo que é considerado fundamental na vida de muitas mulheres, pois engloba material de higiene corporal e vestimenta. No entanto, se lançarmos um olhar crítico sobre o fato de que nosso país possui regiões cuja pobreza e falta de recursos básicos e necessários aos indivíduos é imensa, então a perspectiva acima pode ser observada através de outro prisma. Isso equivale a dizer que uma jovem nordestina se empodera a partir do momento em que consegue adquirir através do seu próprio trabalho os objetos que suas novas necessidades pessoais anseiam e desejam, por mais simples e modestos que possam parecer à sociedade de uma maneira

geral. Isso ocorre porque o olhar se dá para a singularidade do ser, o meio em que ele vive e as conquistas que consegue alcançar através de seu próprio percurso.

Como geralmente as transformações mais profundas são aquelas decorrentes de processos que demandam doses de dor, desafios e superações próprias, com Mocinha não foi diferente. Não tendo quem lhe entendesse, ajudasse, ensinasse e instrísse na sua caminhada, ela teve que aprender sozinha. Assim, solitariamente pôs-se a se arrumar, se enfeitar, se metamorfosear. Realizou isso na solidão de seu casulo. Diante do espelho. Longe dos olhares familiares e sem a solicitação da opinião alheia. Para isso, entretanto, precisou fazer o uso da repetição. A velha repetição tão conhecida de todos, que se não aperfeiçoa nos primeiros atos, ao menos ensina que a persistência é locomotora potente quando se trata de trilhar percursos em prol dos objetivos que realmente se pretende alcançar:

No sábado, levantou-se muito antes dos outros e meteu-se no banheiro com as coisas que tinha comprado. Enfiou o vestido novo, calçou as sandálias, sentiu-se estranha. Experimentou soltar os cabelos, não teve coragem. Passou batom, olhou-se no espelinho, assustou-se, lavou depressa a boca com sabão. Ficou fechada um tempão, indecisa e agitada. Deixei de ser besta...Passou o batom outra vez, tirou, passou de novo e acabou saindo do banheiro assim mesmo, que já estava alguém batendo na porta (REZENDE, 2001, p.52).

A partir destas passagens podemos perceber que o empoderamento de Mocinha se deu também, naquilo que Nelly Stromquist em seu artigo *La búsqueda del empoderamiento: em qué puede contribuir el campo de la educación* (1997), denomina de Componente econômico. O empoderamento de Mocinha também se realiza na esfera financeira, pois é a partir dos empregos extras que adquire momentaneamente e concomitantemente com as atividades que executa na panificadora que lhe permite ter o saldo suficiente para comprar aquilo que sente vontade de comprar para si sem depender de solicitar estes recursos para absolutamente ninguém. De acordo com Stromquist o componente econômico requer que as mulheres tenham a capacidade de se comprometer com uma atividade produtiva que lhes oferecerá algum grau de autonomia financeira, sem se importar com quão pequeno pode ser o começo nem quão difícil possa ser alcançá-lo. De modo que foi necessário pouco tempo e boas doses diárias em prol de si mesma para que a antiga Mocinha se transformasse paulatinamente: “Segunda-feira, sem nem pensar, passou batom antes de sair para a padaria. A cada dia um novo passo a caminho da felicidade: terça-feira dobrou a cintura da saia para encurtá-la, quarta-feira soltou os cabelos” (REZENDE, 2001, p.53). Tão concentrada estava em si que não importava mais à jovem o que pensavam os demais a seu respeito. “Quando Luzinete comentou que ela estava mudada, até parecendo gente, ela nem se aborreceu, apenas sorriu misteriosa” (REZENDE, 2001, p.54). O mesmo se deu em relação à reação da sua patroa “Mas agora dona Piedade andava por demais desconfiada, vendo toda aquela transformação. ‘O que é que tu tens, ó menina, que andas tão despassarada?’ Nem ligava” (REZENDE, 2001, p. 55).

Quando algumas semanas adiante Mocinha fica sabendo por meio da conversa entre a mãe de Roberto Carlos e a dona da panificadora que as piscadas do rapaz nada mais eram do que um problema de olho, o processo de mudança pelo qual a jovem estava passando já havia feito com que suas reações passassem da esfera da timidez, baixa autoestima e dependência emocional para os níveis de assertividade, autoestima elevada e confiança em si própria:

Voltou ao balcão para servir a freguesa, atenta à conversa: ‘E então, minha senhora, seu filho já ficou bom do tal problema no olho?’ Esperou a resposta, desconfiada. ‘Ih, dona Piedade, deu um trabalho danado, mas o doutor de João Pessoa passou um remédio muito caro e diz que logo ele não sente mais nada e para de tanto piscar.’ Ficou esperando a explosão da dor de tamanha desilusão, mas ela não veio. Não sentiu nadinha além de um certo espanto. Afinal, ele não era mesmo grande coisa. É o que não falta nesse mundo é homem. Tirou o avental e a touca, sacudiu a cabeleira e saiu se requebrando pela praça (REZENDE, 2001, p. 56).

A passagem acima nos mostra o terceiro componente do empoderamento que se desenvolve em Mocinha. Trata-se do Componente cognitivo, que segundo Nelly Stromquist envolve a compreensão do ser e a necessidade de tomar decisões que possivelmente vão contra as expectativas culturais e sociais. A aquisição de um novo conhecimento é necessário para criar um entendimento diferente das relações de gênero, assim como para abolir crenças antigas que estruturam ideologias de gênero com grande força.

Todos estes gestos da personagem referentes a um olhar e cuidado atento em relação ao próprio corpo assim como a existência de adolescentes trabalhadoras não são inéditos na literatura brasileira, ou seja, não são inauguradas na nossa ficção através do romance *Vasto mundo* (2001), de Rezende tampouco com o capítulo desta mesma obra, denominada “Olhares”.

Isso porque na literatura nacional, existe uma representação bastante profunda de diversas mulheres, sejam elas adolescentes ou adultas, que agem sobre o próprio corpo físico e psicológico assim como sobre sua realidade de forma assertiva e significativa. Um primeiro exemplo a ser mencionado é o romance *Clarissa* (2005), de Érico Veríssimo. Nesta ficção, os cabelos, os esmaltes e o batom representam não apenas adereços, mas usos e movimentos que auxiliam no conjunto de uma linguagem complexa e profunda que fala em prol do corpo - o que equivale dizer que fala em prol das mudanças dessas jovens mulheres rumo a uma percepção diferentes de si e sobre si. Neste romance há como centro a personagem Clarissa. Com esta adolescente o foco se dá com a representação dos sapatos. São os tão esperados e prometidos sapatos de salto alto que marcam a transição da meninice para a idade adulta a qual está vivendo a adolescente. Estes acessórios servem para reiterar a importância dos calçados e a data em que são adquiridos não é fortuita, pois não se trata de um dia qualquer, mas a data dos quatorze anos da aniversariante “Mamãe já prometeu em carta: *Quando fizeres quatorze anos, eu te dou licença para botar sapato de salto alto [...]* De sapatos de salto alto, vestido de seda, será ...líssima. Belíssima” (VERÍSSIMO, 2005, p. 30).

Escrito na década de 30, esta ficção marca subjetivamente a idade em que as adolescentes da época começavam seus primeiros namoros que não se distanciavam muito dos noivados, casamentos e maternidades. Clarissa pode ser considerada uma jovem privilegiada, pois permanece na pensão da tia afim de que possa concluir seus estudos como normalista. Como não precisa se preocupar com o peso das obrigações decorrentes de sustentar a si própria ou à família, as atividades dela se restringem à dedicação corriqueira e exclusiva aos seus estudos. Igualmente o diário *Minha vida de menina* (2016), de Helena Morley nos faz conhecer os costumes mais íntimos e diários experienciados por uma adolescente pobre que vive no interior de Minas Gerais e se situa temporalmente em meados do século XIX. Diferente de Clarissa que não precisa trabalhar para ganhar o próprio sustento, Helena se assemelha socioeconomicamente mais à figura de Mocinha. Isso porque ela vive imersa no meio rural e dedica parte de seu tempo na realização dos afazeres domésticos:

Nós ficamos lavando a roupa e botando para corar, enquanto mamãe faz o almoço de tutu de feijão com torresmos e arroz [...] Depois disso batemos as roupas na pedra, enxaguamos e botamos para secar. [...] Ralamos o coco, debulhamos os amendoins e nos pusemos a fazer os doces” (MORLEY, 2016, p. 63).

Apesar das dificuldades econômicas que se fazem imperativas e latentes, a jovem Helena dedica parte de seu tempo aos estudos uma vez que também é normalista. Apesar disso, tem plena consciência do peso que é para sua família o fato dela se dedicar às letras e aos números ao invés de empenhar-se integralmente em casa no auxílio materno, conforme destaca uma de suas falas: “Mas os nossos estudos atrapalham tanto a vida da mamãe, que eu morro de pena dela” (MORLEY, 2016, p. 19). Apesar da jovem Helena ter apenas treze anos de idade “Desde os sete anos eu sonhava fazer doze para ir ao baile. Agora estou com treze e apanhando para não ir” (MORLEY, 2016, p. 24), a adolescente possui uma responsabilidade e visão de mundo abrangente e profundos, nem sempre comuns para os indivíduos de sua idade e inclusive para tantos outros em idade adulta. Isso ocorre porque ela tem plena consciência da situação socioeconômica de sua família e visualiza nos seus estudos e futuro trabalho como professora uma possibilidade latente para mudar a realidade não apenas de sua vida, mas também de sua família:

Eu, tirando meu título de normalista, sei que tudo vai melhorar, pois irei até o fim do mundo dar minha escola. Já fiz meus planos, tão bem assentadinhos, que até poderemos guardar dinheiro. Mas, deixar meu pai nessa peleja, furando a terra à espera de diamantes que não aparecem, é que não deixarei (MORLEY, 2016, p. 69).

Referente aos cuidados do corpo, o vestido remendado de Helena, neste caso sinaliza para si um grande desgosto, praticamente uma vergonha, apesar da menina não demonstrar traços de petulância ou alienação. As botinhas novas, quando recebidas sinalizam a alegria daquela que sabe terá devolta o conforto dos pés, tão machucados e desgastados pelas longas caminhadas e pelo desconforto que causam os calçados bastante velhos e gastos pelo uso e pelo tempo:

Veio-me um vestido de cassa branco com pingos, uma anágua muito bonita de renda, uma camisa e umas calças bordadas. Um par de botinas de botões, três pares de meias e uma dúzia de lenços. O vestido é tão bonito que já estou vendo a minha sorte na primeira festa. É de babadinhos. Vou já levar tudo para mostrar a vovó só para ouvi-la dizer: “Que mãos de fada têm suas tias!” (MORLEY, 2016, p. 78).

É possível perceber que a questão material influencia fortemente a questão do olhar dessas diversas meninas-mulheres sobre o próprio corpo e sobre o trabalho que devem ou não desenvolver cotidianamente dependendo da posição em que se encontram. Isso porque se há meios para dispor daquilo que o corpo precisa ou almeja, o olhar sobre a própria corporeidade e sobre a vida de maneira geral se torna mais leve, gentil e feliz, pois denota uma autoestima realizada, um corpo minimamente cuidado e acarinhado. Em uma palavra, denota conforto, tranquilidade e segurança. Entretanto, não havendo os meios básicos e necessários para atribuir à própria corporeidade e à vida aquilo que eles necessitam na sua esfera mais elementar como para possuir um mínimo de dignidade humana, o não dispor do básico torna-se um enfado, um incômodo, uma vergonha, um desagrado, uma infelicidade. Por isso a importância do trabalho na vida das mulheres de uma maneira geral, independente da faixa etária em que se encontram. Isso porque é a atividade laboral que possibilita o acesso aos recursos que permitem a aquisição do básico e necessário para se ter uma vida digna, independente, plena e feliz.

Ainda uma outra jovem personagem não poderia ficar de fora desse grupo tão significativo de jovens mulheres que marcam fortemente as linhas da literatura nacional. Trata-se de Maria Moura, personagem criada por Rachel de Queiroz. No romance *Memorial de Maria Moura* (1992), há uma cena impactante referente ao momento em que a jovem dispõe de uma faca e faz uso desse objeto a fim de cortar seus cabelos:

Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Têm que me obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer de que sou mulher – pra isso mesmo estou usando essas calças de homem. Bati no peito: - Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter tempo nem para se arrepender. Não sei que é que tinha na minha voz, na minha cara, mas eles concordaram, sem parar para pensar. Aí eu me levantei do chão, pedi a faca de João Rufo, amolada feito uma navalha – puxei o meu cabelo que me descia pelas costas feito uma trança grossa, encostei o lado cego da faca na minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço. Dei um nó na trança aparada e entreguei a João Rufo, junto com a faca: - Guarde esse cabelo no alforje. Os homens olhavam espantados para os meus lindos cabelos. Parecia até que Maninho tinha os olhos cheios de água. E eu desafiei: - Agora se acabou a Sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês. (QUEIROZ, 1992, p. 83, 84).

Esta passagem marca um divisor de águas na vida de Maria Moura. O ato de cortar os próprios cabelos de forma bastante rude, corajosa e objetiva na presença dos homens que a observam, e que

serão seus futuros peões, aponta que ela não está apenas em par de igualdade em relação a eles, mas está a partir daquele extato momento em situação de liderança e mando. Esta cena é uma demonstração clara daquilo que Joice Berth nos aponta no livro *O que é empoderamento?* (2018) referente à força e expressividade existentes nos cabelos das mulheres bem como sua relação direta com o empoderamento feminino: “Mas os cabelos são apenas um primeiro elemento e de grande importância que responde sozinho [...] pelo orgulho necessário para adentrar no âmbito dos processos de *empoderamento*” (BERTH, 2018, p. 96). O trecho acima sinaliza também não ser o corpo da jovem Maria Moura sexo frágil, sensível e passivo como era percebido a maioria dos corpos das mulheres em meados do século XIX, época em que se ambienta esta ficção. Não são apenas os cabelos, mas também a opção da personagem por usar roupas masculinas ao invés de femininas que demonstra a opção de colocar em segundo, terceiro ou mesmo último plano o corpo como atrativo, como belo, como sinônimo de delicadeza e fragilidade. Em uma palavra, como adorno. Neste caso a graciosidade não tem espaço a ocupar. O corpo de Maria Moura é a metáfora do corpo físico prático, minimalista e repleto em atitudes assertivas. A atenção se concentra, por isso, em tudo aquilo que este corpo tem para oferecer em termos de posição, administração e inteligência. A demonstração da força interior reiterada na aparência exterior denota que a personalidade desta personagem criada por Queiroz é constituída pela ação, pelas atitudes e pelo impacto que causa tanto na esfera do local como no âmbito mais geral na sociedade e na época em que vive. Em linhas gerais consideramos que a personagem Mocinha empodera-se dentro de suas possibilidades. Já que não pode comprar calçados, roupas e acessórios distintos e possuidores de marcas igualmente distintas que por vezes revelam um falso *status* econômico e social por parte de quem os compra, ela adquire aquilo que lhe é possível e de forma não alienada, mas responsável e paulatina, uma vez que suas mudanças não se dão apenas no plano estético, mas ocorrem no cerne de sua personalidade e se fazem notar através de sua aparência.

Estas ações independentes da jovem só são possíveis de serem realizadas por ter ela um processo de autoconscientização e possuir seu próprio trabalho. Inicialmente dotada apenas do cargo de balconista de panificadora, a partir do momento que sente necessidade de ampliar seus recursos econômicos com o objetivo de suprir as demandas que começam a surgir em prol de si mesma, a jovem vai em busca de outras possibilidades de atividades laborais. Por isso trabalha temporariamente nos setores informais da política local. À independência econômica de Mocinha, manifesta pelos trabalhos que realiza e pelos saldos que recebe, somam-se a independência de suas ações. Trata-se, neste caso, de uma relação imbricada e indissociada. Isso porque, muito provavelmente se Mocinha obtivesse seus recursos econômicos através do ganho de algum familiar ou conhecido, ela teria que dar satisfações das mais diversas naturezas, seja em relação à escolha dos objetos adquiridos, preços, autorização para usá-los ou não, entre tantas outras questões. Isso equivale a reiterar mais uma vez que o empoderamento feminino através do trabalho não denota apenas a liberdade de trabalhar e

adquirir para si um salário no fim do mês. Trata-se de um empoderamento através da consciência do próprio trabalho como aquele que ao mesmo tempo que empodera no econômico empodera também na liberdade de ir e vir e fazer de sua própria vida o que acredita ser melhor. Isso significa liberdade para comprar o que se quer, quando quiser, do jeito que quer, para fazer uso ou não quando desejar. Mocinha também pode ser lida e interpretada como a representação da figura da mulher independente de sua época. Importante lembrar que em fins da década de 60 e início da década de 70, além da ditadura que vigorava no país, também se faziam presentes as manifestações rumo à liberdade dos indivíduos, mais especificamente à liberdade das mulheres de terem condições e acesso à educação formal, de possuírem seus próprios empregos e conseqüentemente terem sua própria renda sem precisarem depender financeiramente da figura de ninguém. Igualmente Mocinha marca a liberdade do corpo. Ela representa simbolicamente a busca de muitas mulheres de sua época que almejavam a liberdade de movimentos, de praticar atividades físicas e de fazer uso de roupas mais confortáveis sem levarem em consideração os tabus referentes à imposição de uma moral da vestimenta e dos costumes muito vigentes neste mesmo período e notáveis até os dias de hoje. Mas, para além de tudo isso, são nos meados da década de 60 e 70 que será criada uma das grandes revoluções que viriam a contribuir significativamente para o acontecimento de uma das liberdades almejadas pelas mulheres: A liberdade sexual. Trata-se da criação da pílula anticoncepcional. O medo da gravidez neste caso não é mais um empeditivo. Estava sendo construído um dos grandes avanços em prol da emancipação feminina.

Podemos concluir afirmando que Maria Valéria Rezende na criação da sua personagem Mocinha presente no capítulo “Olhares” constitutivo do romance *Vasto mundo* (2001), cria uma espécie de transformação, subversão ou inversão do que se tinha até então referente à figura “Mocinha”. Descatamos isso, tendo como base a afirmação de Michelle Perrot presente no artigo “Os silêncios do corpo da mulher” (2003), pertencente ao livro *O corpo feminino em debate* (2003), organizado por Maria Izilda S. de Matos e Rachel Soihet, uma vez que “A mocinha, essa personagem criada no século XIX ocidental, devia ser pura como um lírio, muda em seu desejo” (PERROT, 2003, p. 22). Os tempos são outros e as transformações da sociedade têm caminhado apesar dos passos lentos, rumo à independência cada vez maior das jovens Mocinhas que vão nascendo, crescendo e se transformando em mulheres cada vez mais confiantes em si mesmas. Estas novas gerações de mulheres buscam estratégias cada vez mais múltiplas para controlarem os rumos de suas próprias existências sem precisarem depender de absolutamente ninguém. Não deve causar estranhamento que as Mocinhas de fins do século XX e início do século XXI tenham perfis físicos e psicológicos bastante diferentes em relação às Mocinhas do século XIX e das gerações anteriores de mulheres, visto que se conscientizam cada vez mais e traçam metas a fim de alcançar seus objetivos de vida e de trabalho.

## 5.2 EULÁLIA: AUTOCONHECIMENTO E CURA NO PROCESSO DE EMPODERAMENTO

Um dos dezoito capítulos que compõem o romance *Vasto mundo* (2015), de Maria Valéria Rezende tem como título “O tempo em que dona Eulália foi feliz”. Este título por si só nos dá inúmeras pistas sobre o processo de empoderamento pelo qual passa a personagem principal Eulália. Merece atenção o “dona” uma vez que além deste pronome aparecer reiteradamente colado ao nome da personagem, através dele é possível tecermos diversas considerações. A primeira delas, diz respeito ao fato de que geralmente este pronome é utilizado muito corriqueira e cotidianamente no meio rural, ou seja, nas pequenas cidades interioranas em que predominam as vilas ou sítios. Trata-se de um modo respeitoso, educado e culturalmente comum nessas regiões para se dirigir a uma mulher. O equivalente para o tratamento masculino nas mesmas circunstâncias se dá pelo uso do pronome “Seu”. “Dona fulana”, “Seu cicrano”. Outra questão a ser destacada ainda referente a este pronome feminino de tratamento é que geralmente ele é atribuído a mulheres consideradas adultas, maduras, com certa idade e conseqüentemente com determinada bagagem de conhecimento e experiências de vida. Apesar de no capítulo “O tempo em que dona Eulália foi feliz” não aparecer em nenhum momento o registro ou a menção à idade da personagem, sabemos que ela possui anos suficientes para ter um filho que está na faixa etária de realizar um curso superior “Assisinho que vivia na Bahia fingindo que estudava medicina” (REZENDE, 2015, p. 71).

Apesar desta informação nos fornecer uma base, ela por si só não nos permite afirmar com propriedade qual é a idade cronológica exata da mãe do rapaz. Pode ser que seja uma mulher com trinta, quarenta, cinquenta anos ou mais. Destacamos isso, pois situado o romance em meados das décadas de 60 e 70, era bastante comum neste período as mulheres se casarem e terem seus filhos bastante jovens. Igualmente é possível realizar a leitura do pronome “dona” designado à Eulália como uma maneira de lhe dedicar distinção pela nomeação, uma vez que a personagem ocupa posição social e econômica elevada. Ela se situa no topo da pirâmide social, uma vez que é esposa do fazendeiro Assis Tenório, o que a coloca em condição de igualdade com seu cônjuge no que se refere aos aspectos socioeconômicos, visto que também é uma fazendeira. No decorrer da leitura deste capítulo e do romance como um todo não nos são fornecidas as origens socioeconômicas de Eulália tampouco do marido antes destes se casarem. É uma incógnita as origens do capital econômico possuído pelo casal. A nomeação de Eulália se dá apenas com seu primeiro nome, diferente do esposo que possui não apenas nome, mas também sobrenome. Estas informações podem sugerir um possível histórico no qual Eulália possa advir de origens sociais humildes ao mesmo tempo que pode denotar estratégia da escritora do romance em nos mostrar a invisibilidade das mulheres – através do apagamento parcial de suas identidades - mesmo que estas sejam possuidoras de bens econômicos e *status* social.



Mesmo Eulália não tendo sobrenome, o fato de ser casada com um fazendeiro e não apenas fazendeiro, mas fazendeiro-político a coloca em uma posição elevada perante a sociedade de maneira geral no sentido de que ela está muito longe de ocupar os postos sociais designados aos sujeitos despossuidores de capitais econômicos e desprestigiados social e economicamente. Eulália é também dona de uma fazenda, o que equivale dizer, igualmente detentora de uma infinidade de terras, plantações, gados e inclusive inúmeros funcionários à sua disposição e ao do marido vinte e quatro horas por dia. Não é em vão a escritora Maria Valéria Rezende se utilizar ironicamente e mais de uma vez no decorrer do capítulo a expressão “Casa-Grande” para designar a moradia do casal, ou seja, uma fazenda imensa geograficamente e dotada de praticamente tudo o que um ser humano possa precisar para satisfazer as suas necessidades mais elementares de sobrevivência. Ao utilizar a expressão “Casa-Grande” a autora está nos apontando metaforicamente que Assis Tenório além de ser fazendeiro, político e dono de incontáveis bens, exerce no seu meio geográfico e social um poder de mando constantes sobre todos aqueles que estão ao seu redor, muito semelhante ao que realizava na época da escravidão o “Senhor da Casa-Grande” (REZENDE, 2015, p. 76, 79) em relação aos escravos que possuía, conforme nos mostram as pesquisas realizadas pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre em dois de seus livros referentes à temática, denominados *Casa-Grande e senzala* (2006) e *Sobrados e Mucambos* (2004). Como no período de meados do século XIX se faziam presentes as Casas-Grandes e senzalas no nosso país e que de maneira geral seu funcionamento passou a ser findado no decorrer deste mesmo período, nos basta dizer que a escritora Maria Valéria Rezende faz uso dessa expressão de modo repetido para nos lembrar de que o Brasil de meados dos sessenta e setenta situados geograficamente nos rincões nordestinos - simbolizado pela época e espaços em que o romance se desenvolve bem como pela casa de dona Eulália e seu marido - ainda hoje guarda fortes e profundas reminiscências de um coronelismo e poder de comando situados nas mãos de poucos homens e que na prática parece não ter se findado de todo desde a escravidão até a época da ditadura militar brasileira da época dos 1965 até 1985.

O estopim para a transformação radical desta estrutura patriarcal, unilateral e verticalizada começa aos poucos se desenvolver a partir do momento em que Assis Tenório é acometido por uma enfermidade nunca antes vista:

O terreiro da fazenda cheio de curiosos, ouvindo as notícias e produzindo centenas de diagnósticos naturais e sobrenaturais, propondo tal variedade de tratamentos que poderia reformular por completo a medicina moderna [...] No lugar da dor instalou-se uma comichão infernal e foi preciso organizar os homens para coçar por turnos, pois o dono da comichão não alcançava o lugar bem no meio das costas [...] às seis da tarde pipocou outra bexiga, dessa vez bem no meio de uma canela, e a primeira pereba parou de comichar, abru-se como uma chaga e começou a feder. Dali para diante já ninguém pode contar o número de caroços e pústulas que se abriram pelo corpo inteiro de Assis Tenório, nas diversas fases em que se apresentavam: a dor, a comichão, a catanga... (REZENDE, 2015, p. 70).

Apesar de desprender inúmeros recursos com o objetivo de atingir a cura para seus males, Assis Tenório não obtém êxito. E, como as doenças não fazem distinção entre os sujeitos a partir do *status*, posição socioeconômica, capitais adquiridos, idade, raça, gênero, nacionalidade ou nascimento “de nada lhe adiantaram o prestígio e o poder de deputado federal” (REZENDE, 2015, p. 71), fazendeiro e capitalista, uma vez que definhava e decompunha-se vivo dia após dia através das incontáveis feridas que brotavam incessantemente do seu organismo se fazendo visíveis e desagradáveis aos olhos e aos olfatos daqueles que estavam ao seu redor. De modo que foi exatamente na época em que Assis Tenório se fez ausente de sua Casa-grande e de seu posto de senhor do mando - pois se encontrava refém e passivo na sua condição de doente que dependia de terceiros para buscar sua cura - é que dona Eulália teve a oportunidade de se perceber diferente ao estado de coisas em que até então havia vivido. Foi exatamente neste período que a fazendeira teve a oportunidade não apenas de se encontrar só em sua moradia, longe do marido e do filho, mas principalmente ter a grande chance de deparar-se só consigo mesma.

Um dos primeiros sintomas desse processo foi Eulália ver-se livre das violências físicas e psicológicas a que estava imersa cotidianamente quando se fazia presente a figura do esposo, conforme é possível verificamos no trecho a seguir:

Assis Tenório acordou às duas da madrugada com uma dor de ferroada no lombo, disse um palavrão dos grossos e deu uma cotovelada para despertar dona Eulália, que dormia encolhida bem no canto da cama para não incomodar. A mulher, antes de abrir os olhos, pediu desculpas, sem saber porquê, por via das dúvidas... (REZENDE, 2015, p. 69).

Sofrendo a junção imbricada de violência física e psicológica supostamente nenhum animal, quem dirá ser humano pode ser minimamente feliz. E é justamente nisso que reside o sentido mais profundo e complexo do título que dá nome ao capítulo que é palco de todos os acontecimentos em prol do processo de empoderamento pelo qual passa a personagem, o que equivale a dizer “O tempo em que dona Eulália foi feliz”. O tempo em que dona Eulália foi feliz foi exatamente o tempo em que ela esteve distante de Assis Tenório. Eulália pode experimentar o sabor da felicidade no processo em que se viu totalmente sozinha, sem a presença do marido em seu meio, em seu lar, em seu leito e diante de seus olhos. Isso significa dizer que dona Eulália se percebeu de repente com a falta, ausência da presença daquele que constantemente a subestimava, desvalorizava e ofendia com palavras, gestos e ações. Dona Eulália, no tempo em que esteve imersa na solidão de sua casa e distante dos seus, esteve também se desintoxicando mentalmente uma vez que seu esposo exercia mais a função de algoz e carrasco do que benfeitor e companheiro visto que no capítulo em questão não parecem quaisquer vestígios que sejam de demonstração de respeito, consideração e carinho do marido em relação à esposa. O hiato que se deu no lugar de todas essas violências físicas e psicológicas foi exatamente o espaço que se abriu para um fluir de novas formas de pensamento, de reflexão e de análises sobre si própria. No entanto, nos parece que essas questões não são tão simples como possam

parecer à primeira vista. Muitas mulheres, principalmente as das muitas gerações passadas não tinham uma educação familiar que as encorajasse rumo à realização de seus sonhos e objetivos tanto na juventude quanto na idade adulta. Decorrente de uma educação restrita e conservadora restava-lhes namorar, casar e ter filhos. Sendo, em boa parte dos casos o pretendente escolhido pelos familiares (mãe, pai ou responsáveis) e não pela jovem em questão, observando critérios como nome, *status* e posição socioeconômica elevada, pois estas mesmas questões denotavam uma segurança financeira e social - que até certo ponto o dinheiro e as posses conseguem garantir – muitas destas mulheres aceitavam passivamente a vontade de seus progenitores em relação aos seus futuros, geralmente sem questionar e sem conseguir visualizar outro tipo de modo de vida, de trabalho e de cultura para si e suas vidas.

Realizado o casamento muitas vezes sem um tempo razoável para o namoro ou mesmo noivado, motivados geralmente por uma moral muito rigorosa em relação aos costumes e preservação da “honra” da jovem, os pares acabavam se conhecendo, de fato, a partir do “sim” no altar e mais especificamente a partir da primeira noite de núpcias. A tudo isso, soma-se o poder social atribuído ao homem que era, diga-se de passagem, totalmente diferente do da mulher, uma vez que cabia a ele ser o progenitor financeiro do lar enquanto que à mulher casada cabia as funções relacionadas ao cuidado da casa, do esposo e do gerar filhos a fim de fazer crescer e desenvolver a linhagem e a geração. Isso nos dá uma dimensão bastante geral e abrangente do que cabia à mulher nessas circunstâncias. De maneira que, era função dessas mulheres obedecer ao esposo como a um pai, pois é o próprio ente paterno que entra com elas no dia do casamento e as entrega para os braços do futuro marido marcando assim a passagem da mulher de um braço masculino para outro do mesmo sexo. Como cuidadora predominante dos filhos, geralmente sobra muito pouco tempo para que a mulher casada e mãe pudesse dedicar um período para si própria e ao cuidado de suas necessidades mais particulares, sejam elas de natureza pessoal ou profissional. Isso para dizer que a situação vivida pela personagem Eulália é uma representação significativa e importante do que são os modos de vida e de trabalho de muitas mulheres que viveram no passado o que a representação ficcional de Rezende nos mostra no presente e que acreditamos ainda existir nos dias de hoje.

Ser mulher com posição socioeconômica elevada, não invalida a mulher burguesa de viver e sofrer na pele os desmazelos exercidos pelos seus companheiros e as consequências resultantes de sua posição. Parece-nos que até certo ponto pode dificultar ainda mais o desvencilhamento de situações abusivas, pois não estão acostumadas a viver de modo mais modesto e mesmo que tivessem não possuem qualquer tipo de preparação e qualificação profissional para poderem de forma autônoma e independente custear suas necessidades sem precisar depender de ninguém - a menos que sejam detentoras de seus próprios bens e passem a administrá-los adequadamente, com como é o caso de muitas viúvas. Para que dona Eulália pudesse saborear um tempo específico de felicidade ela teve

que passar por vários momentos que lhe trouxeram instabilidade, insegurança e muito medo. Temos uma noção da fragilidade e da baixa autoestima em que vivia imersa a personagem a partir das características que nos são apontadas por Maria Valéria Rezende no que se refere aos aspectos físicos “dona Eulália, magrinha daquele jeito, não tinha força nem coragem de coçar para valer” e psicológicos “dona Eulália com os olhos vermelhos de chorar, mais de medo que de tristeza” (REZENDE, 2015, p. 70).

O artigo denominado *Empoderamento feminino como rompimento do ciclo de violência doméstica* (2016), da cientista social Milene Oliveira e da cientista política Thaís Ferreira Rodrigues nos tras algumas informações significativas para pensarmos a questão da violência contra a mulher e a importância do processo de empoderamento feminino como processo para a libertação dessa situação.

Segundo as autoras, a violência contra a mulher é um processo histórico e ocorre principalmente pelos seus companheiros e maridos. As mudanças começaram a acontecer a partir da Constituição de 1988 segundo a qual não existe diferenças entre os sujeitos perante a lei. Se os agressores são aqueles que vivem no mesmo teto das vítimas não é de espantar que “para 70% da população, a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos no Brasil” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 90).

As pesquisadoras destacam que esse tipo de violência ocorre no percurso de todo um processo. Inicialmente há a questão da confiança da mulher em relação ao homem com quem vive, pois devido às questões positivas apresentadas por ele, ela acaba por criar vínculo e expectativas futuras em relação à família. De modo que raramente a violência contra a mulher ocorre nos primeiros contatos:

A violência inicial desorienta a mulher e ela tende a apresentar sintomas de depressão e ansiedade [...] A vítima passa a assumir o papel mental de seu agressor. É quando ela passa a pensar que ele está certo e ela está errada [...] Na medida em que essa mulher fica isolada, sem alguém que possa ajudá-la a entender o que é que está acontecendo nem garantir segurança de que precisa, ela passa a se adaptar a essa situação para manter um bom relacionamento com o agressor [...] A violência doméstica é uma das formas mais comuns de manifestação da violência e, no entanto, uma das mais invisíveis, sendo uma das violações dos direitos humanos mais praticadas e menos reconhecidas no mundo (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 94).

Sobre estas questões, merece destaque a afirmação feita por Joice Beth no livro *O que é empoderamento?* (2018) uma vez que a autora destaca para o fato de que “muitas vezes, estar imerso na realidade opressiva impede-lhe uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimido” (BERTH, 2018, p. 15). Opressão esta tão generalizada e profunda que até então fazia a personagem Eulália paralisar suas ações, visto que era constantemente podada e subestimada pelo esposo. Apesar de até então não estar morta fisicamente, havia uma morte psicológica gradual que rodeava dona Eulália, uma vez que até então não há qualquer manifestação de espontaneidade, alegria, satisfação, planos

futuros e autoestima. A falta de forças físicas, de coragem e a presença constante das lágrimas em seu rosto denotam sinais da própria morte se diluindo no decorrer do tempo. É a vida se desfazendo em gestos. É o olhar e a cabeça inclinados para o chão, destino do próprio sepulcro. De maneira que estando Assis Tenório longe de seu posto de mando não havia quem desse as ordens para os trabalhadores da fazenda e arredores fazerem seus encaminhamentos referentes às questões administrativas de terras, animais e pessoas. Passaram a solicitar as soluções para dona Eulália. A personagem enfrentou e viveu seu estranhamento como pode e à sua maneira. Tratava-se de um sentimento alheio perante uma condição nunca antes vivida:

Mas, a mudança mais espantosa foi a que se deu com dona Eulália. Pela primeira vez desde que se casara, longe das vistas do marido, estando ausente também Adroaldo, segunda pessoa dele, Eulália, viu-se, de repente, dona de tudo, sem ninguém que lhe dissesse o que fazer ou que lhe proibisse qualquer coisa. Não se deu conta da sua nova situação de imediato, pois o medo e a submissão, o nada ser e o nada poder, eram-lhe uma segunda natureza (REZENDE, 2015, p. 73).

No entanto, apesar das muitas dúvidas de Eulália os imperativos cotidianos se faziam cada vez mais presentes na rotina da fazenda. Apesar de ser também proprietária de tudo o que ela e o marido possuíam, até então cabia apenas ao cônjuge exercer o posto de voz e mando enquanto que ela estava reiteradamente ocupada com as funções que não demandavam visibilidade e reconhecimento perante as pessoas que viviam ao seu redor, a exemplo dos afazeres domésticos. De maneira que foi a partir do momento que Eulália teve a oportunidade de estar só e com um turbilhão de questões relacionadas à administração para resolver que ela se sentiu estranha. Percebeu como estava ao mesmo tempo que imersa, alheia a tudo isso o tempo todo, pois não havia espaço para si no desenvolvimento dos trabalhos que envolviam a administração e o poder:

Mandavam chamar dona Eulália. Aos primeiros pedidos que lhe fizeram, a mulher apavorou-se, empalideceu e encolheu-se ainda mais, sem compreender por que se dirigiam a ela com coisas assim que demandavam um poder que nunca lhe pertencera [...] Ao fim do seu primeiro dia de seu reinado, a mulher do fazendeiro sentia-se exausta e confusa porque seu coração tremia ao pensar no que acabara de fazer sem que pudesse decidir se era ainda de medo ou já de alegria, coisa difícil de reconhecer para quem fora triste tanto tempo. Teve de rezar muitos rosários aquela noite para afinal conseguir adormecer, quando o primeiro galo já cantava (REZENDE, 2015, p. 74, 75).

A partir do momento que possui a oportunidade de administrar sozinha os bens da família, não só executa essa função com maestria, mas a realiza de maneira muito melhor que o marido. Isso ocorre porque Eulália administra ao mesmo tempo com pulso firme e de maneira humanizada as questões ao seu redor. Diferente de Assis Tenório que era temido por todos, pois exalava medo, ameaças e autoritarismo de toda natureza sobre as pessoas do seu meio, dona Eulália busca sanar as necessidades dos mais fracos sempre com um olhar analítico ao mesmo tempo que carinhoso e repleto de cuidado. Não é em vão que se preocupa com a construção de creches, escolas e outros feitos que

na prática trazem para a comunidade que vive ao seu redor incontáveis benefícios materiais e bem-estar geral:

Em poucos dias, despertou na fazendeira uma coragem insuspeitada de fazer o que lhe passasse pela cabeça e pelo coração, uma vontade de tudo resolver, ajeitar, melhorar, um desparramo de imaginação que fazia brotar ideias e mais ideias de como dar um final feliz a cada caso que lhe aparecia. Mandou chamar Padre Franz [...] e com os conselhos dele estabeleceu um rol de melhorias para Farinhada e os sítios em redor, que mandou executar imediatamente. Reconstruíram-se escolinhas e capelas arruinadas, os jagunços feitos pacíficos pedreiros e carpinteiros, passou-se o trator pelas estradas da serra, abriu-se corte e costura distribuíram-se óculos de ver de perto e ver de longe, deram-se cabras de vacas prenhe para as mulheres grávidas, veio doutor, veio dentista, veio enfermeira da puericultura e finalmente, ó maravilha, Eulália mandou abrir as terras incultas da fazenda para quem quisesse botar roçado (REZENDE, 2015, p. 76).

Dona Eulália representa as muitas mulheres que ainda não tiveram a chance de demonstrar o quanto são capazes de administrar, governar, comandar de modo semelhante ou até muito melhor que boa parte dos homens. Esta invisibilidade ocorre, pois culturalmente ainda em muitos lugares e setores essas funções são delegadas quase que exclusivamente aos entes masculinos da família, sejam eles pais, irmãos ou maridos. Dona Eulália também pode ser lida como uma matriarca. Uma matriarca como muitas matriarcas existentes na atualidade e que existiram ao longo da história. Dona Eulália pode ser lida como a representação de tantas mulheres que exerceram seus poderes de administração e mando, mesmo que escondidas atrás das figuras e postos elevados que ocupavam seus esposos.

Morais e Rodrigues no artigo *Empoderamento feminino como rompimento do ciclo de violência doméstica* (2016), destacam que:

Compreende-se a violência contra a mulher como fruto das desigualdades entre homens e mulheres e que o combate a essa desigualdade requer mudanças nas relações de poder, na dinâmica das relações homem-mulher e ainda que, para alcançar a igualdade, é necessário que as mulheres também tenham acesso ao poder, sendo apontado o empoderamento como um caminho para essa igualdade e para o rompimento da situação de violência em que milhares de mulheres se encontram (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 98).

Dona Eulália se empodera psicologicamente a partir do momento que se sente feliz. É quando sente seu organismo finalmente se abrir e crescer para o mundo. Tal sentimento brilha de tal maneira em seu ser que todos a percebem reluzente, ativa, renovada. É necessário que o marido quase morra para que ela de fato viva de forma liberta e plena:

Despertou com o sol alto e um apetite que maravilhou Joaquina [...] Dia após dia, dona Eulália desintrestecia e vicejava. Joaquina, que trabalhava dentro da casa-grande, medindo-se com ela a toda hora, garantia que havia crescido para mais de dois dedos desde que seu patrão fora embora e que ela tomava conta de tudo. Dava tanto gosto vê-la assim que se tornou um costumeiro passeio de domingo caminhar de tardezinha até a sede da fazenda, só

para mirá-la de faces rosadas, de olhos brilhantes, de riso festivo e gestos largos, com seus dois dedos a mais de estatura (REZENDE, 2015, p. 75, 76).

A metáfora utilizada por Rezende no que se refere ao crescimento físico de Eulália é uma representação poética muito bela e de grande significado simbólico. Como é impossível um sujeito biologicamente crescer dois centímetros em poucos meses estando em idade adulta, essa passagem nos diz que houve um crescimento físico de Eulália referente à sua postura e gestos, pois esta deixou de se encolher, de se intimidar e de se fazer pequena perante os fatos, os desafios e a vida. Deixar de encolher-se significa crescimento. Crescimento de gestos, de ocupação de novos espaços e de atitude. Psicologicamente a fazendeira se desenvolveu e cresceu, uma vez que se viu capaz e dotada de competência para exercer as atividades laborais de caráter formal que até então jamais se vira em condições de realizar e que eram absolutamente alheios a si. O empoderamento de dona Eulália não se dá apenas em âmbito físico e psicológico fazendo-se transparecer e notar pelas pessoas que a observam e por sua liberdade de gestos e movimentos. Trata-se de um empoderamento que começa a se desenvolver a partir das novas demandas laborais que a fazendeira passa a realizar. É a partir do momento em que ela executa funções relacionadas ao trabalho que jamais se via em condições de realizar - pois administra, delega e ajusta - que passa a se sentir feliz e realizada com o processo que desenvolve e com os muitos resultados que alcança visto que estes não afetam apenas seu ser individual, mas causam benefícios e mudanças nas vidas de muitas pessoas ao seu redor.

No livro *O que é empoderamento?* (2018) Joice Berth afirma que “é uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação” (BERTH, 2018, p. 17). E é nesse sentido que se pode afirmar que o empoderamento de Eulália se dá não apenas no sentido cognitivo e psicológico a partir do momento em que passa a ter consciência das questões ao seu redor, mas se estende igualmente no que se refere ao empoderamento político. Isso porque, a partir da oportunidade e da consciência de sua nova situação e posto, a personagem Eulália exerce benfeitorias que abrangem a vida não apenas de outras mulheres em condições socioeconômicas baixas se comparadas a si, mas também sobre as famílias alheias, envolvendo filhos e esposos. Nessa perspectiva, uma leitura possível de ser feita também é a ironia no que se refere ao posto ocupado por Assis Tenório. Isso, porque Maria Valéria Rezende faz com que o cargo de deputado atribuído ao marido de Eulália na teoria, seja exercido na prática por Eulália. Apesar do poder de transformação de uma população estar no cargo que cabe a Assis Tenório desenvolver ele na verdade não o faz. Quem executa as funções inerentes ao cargo de um político, ou seja: preocupar-se com as questões de saúde, educação, moradia, saneamento básico, alimentação, entre outros aspectos gerais, acabam sendo executados majestosamente pelas mãos e mente de uma mulher.

Situado o romance no período histórico da ditadura militar, podemos igualmente realizar a interpretação segundo a qual Assis Tenório representa fortemente a opressão dos sujeitos, pois no

romance seus subordinados e dependentes não possuem nenhum tipo de voz ou chances de poder expressar suas opiniões e pensamentos. No tempo em que ele comanda predomina o terrorismo psicológico e um silenciamento geral. A metáfora da ditadura militar que foi vivida no Brasil aparece claramente quando os capangas de Assis Tenório invadem as casas das pessoas para conseguir pela força e opressão psicofísicas as pedras de gelo que serviriam para amenizar temporariamente as dores sentidas pelo fazendeiro:

Os raros donos de geladeiras do povoado foram acordados a golpes de coronha nas portas e janelas, deram com as caras medonhas dos capangas, destituídos de outra cara para mostrar e assustadores mesmo sem querer, e ninguém pensou em desistir do confisco de todas as pedrinhas de gelo que tinham em casa (REZENDE, 2015, p. 71).

Igualmente a representação de cada uma das chagas que brotam do corpo de Assis Tenório através de suas feridas podem ser lidas como cada uma das vidas que foram eliminadas no período da ditadura militar do Brasil através dos sumissos repentinos e inesperados de muitos sujeitos que viviam nesta época e que no decorrer das muitas décadas posteriores às suas mortes acabam emergindo ao conhecimento de todos, seja por meio de pesquisas realizadas, escavações descobertas, registros encontrados, etc. a exemplo do que presenciamos nos dias atuais através dos muitos meios de comunicação. Em contrapartida, dona Eulália é a representação da democracia, da liberdade de ir e vir e das expressões livres de qualquer tipo de censura, uma vez que a partir do momento em que ela esteve em posição de administração o fez não atendendo exclusivamente ao seu querer e poder pessoal de forma unilateral e egocêntrica, mas o executou de forma horizontal e abrangente.

Este conjunto de mudanças positivas se faz notar nos gestos e no tratamento das pessoas umas com as outras visto que se estabelece a liberdade plena e a paz:

Sem o patrão e sem Adroaldo para mandar fazer malvadezas, os capangas da fazenda foram-se tornando mansos como carneirinhos, aprendendo a sorrir, a contar casos engraçados, a olhar e falar como gente e a beber aguardente com limão junto com os simples agricultores de Farinhada, sentados descansadamente em volta de uma mesa do bar Delícia, conversando miolo de pote, sem maldade nenhuma. O povo de Farinhada não demorou em retribuir a mudança de modo dos cabras, convidando-os às suas casas, oferecendo-lhes coisas raras, doce de jaca com queijo de coalho, refresco de tamarindo, uma buchada especial e até o feijão de todo dia, apresentando as moças aos homens mais jovens, enfim, dando-lhes o trato que se dá a gente. E a capangada, feliz, descobrindo o gosto de andar pelas ruas no meio dos meninos sem provocar fugas apavoradas, de não fazer mais medo a ninguém, de receber sorrisos das moças, boa tarde das senhoras e, de qualquer matuto, tapas amigáveis nas costas. Foram mudando de cara, de roupas, de cheiro. Esgotou-se o estoque de perfume em Farinhada (REZENDE, 2015, p. 72, 73).

Este modo de agir é sentido pelos indivíduos que dependem direta e indiretamente da fazendeira. Assim, a personagem dona Eulália pode ser interpretada também como a figura feminina que segura a bandeira simbólica com os ideias da Revolução Francesa, visto que na prática de cada



uma de suas ações acaba manifestando os sentimentos de igualdade, liberdade e fraternidade entre os sujeitos.

### 5.3 MARIA: CONSCIENTIZAR É EMPODERAR MULHERES TRABALHADORAS

A menção à expressão “Outros cantos” ocorre em alguns momentos no decorrer da narrativa que constitui o romance de mesmo nome, da escritora paulista Maria Valéria Rezende. “Canto” ou “cantos” em determinadas passagens tem o significado de cantoria, no sentido dos boiadeiros através de suas vozes cantadas darem os encaminhamentos e direcionamentos necessários às suas boiadas e conseqüentemente ao trabalho que desenvolvem. Igualmente a palavra “canto” ou “cantos” tem significado popular, designando região, local ou geografia. É no percurso da leitura do romance como um todo que o leitor passa a tomar conhecimento dos vários sentidos que adquire a expressão “canto” ou “cantos” de acordo com o contexto específico em que as enunciações e os acontecimentos ocorrem juntamente com os personagens envolvidos no decorrer desta ficção. A primeira referência à palavra “canto” é feita quando a personagem Maria acaba de chegar ao seu destino. Em seguida, escuta uma voz e deduz que pelo ruído deva se tratar de som humano:

Ôôôôôôôôôô êêêêêêêêêê ôôôôôôôôôôôô. Pareceu que aquele canto fazia uma tinta encarnada surgir do chão, no horizonte, e elevar-se, encher o céu e chegar onde eu estava, até então sozinha e tornada em mineral, tingindo-me e tudo ao meu redor [...] O primeiro canto que ouvi naquele anoitecer vinha de tão longe, era difícil saber se me chegava pelos ares dali ou se memória e nostalgia me enganavam [...] À primeira voz percebida, ao cair do sol, respondeu outra e outra mais, chegando-me de todos os quadrantes, como se descessem do almocântara, em ondas sucessivas, cada vez mais fortes. De quem, esse canto? De quem, se vejo apenas uma estrada vazia, apagando-se à medida que escurece o vermelho do sol posto? De quem? De minha imaginação confusa pelo calor, pela secura, pela estranheza deste desterro? Então eu os vi, um a um, silhuetas negras recortadas contra o céu, bem à minha frente, ainda como figuras de folheto de cordel, eles, seus cavalos, suas reses, seu coro de aboios acompanhado pelo badalar dos cincerros, movendo-se majestosamente em suas rústicas panóplias, a beleza feita sombra e som. Ôôôôôôôôôô boi êêêêêêêêêê boooooooooi ôôôôôôôôôôôô (REZENDE, 2016, p. 12, 13, 14).

Esta passagem é composição de um misto de sentimentos traduzidos em susto, alívio e alegria visto que desde sua recente chegada à região de Olho d'Água Maria não havia tido contato com nenhum habitante da região. Nesta primeira passagem também fica bastante clara a intertextualidade que realiza a jovem mulher de trinta anos. Ela, ao mesmo tempo em que escuta as vozes dos homens trabalhadores executando suas atividades corriqueiramente, logo as identifica em relação aos seus portadores de modo a visualizá-los e colocá-los mentalmente em uma teia cujos diálogos ela estabelece com a sua biblioteca mental composta por suas variadas leituras ficcionais caracterizando assim as suas muitas literaturas de cordel e poemas. Os boiadores constituem-se como sujeitos que

não são apenas trabalhadores que vivem através da atividade laboral da lida com o gado e com os afazeres relacionados com a natureza e o seu constante desenvolvimento. Eles são partes constituintes destas paisagens áridas em que a vida das plantas, dos animais e dos seres humanos adquire sinônimo de luta diária e contínua pela sobrevivência. Estes trabalhadores constituem-se por vaqueiros que trazem desde o seus nascimentos a bagagem cultural e simbólica de seus locais de origem e de seus antepassados visto que carregam consigo uma identidade que ao mesmo tempo em que os caracteriza denuncia seus lugares de pertencimento. Neste romance de Rezende o peso da nomeação vem carregada de grande tradição religiosa visto que eles são constituídos pelos inúmeros “Cíceros, Severinos, Zés, Pedros, Tobias, Nicodemos, Josués, Arquimedes” (REZENDE, 2016, p. 43).

A chegada de Maria em uma região do nordeste brasileiro denominada ficcionalmente como Olho d’Água a faz, desde o primeiro momento, experienciar aos detalhes tudo de novo que a rodeia. Trata-se de um aguçar de sentidos: audição, visão, tato, olfato e paladar. Este local tão afastado de tudo e de todos logo nos primeiros dias de estadia seria designada por si como um “canto de mundo”. “Naquele antigo canto de mundo, sem fios e lâmpadas elétricas [...] havia histórias que se contavam e recontavam em prosa e verso, cantavam-se os acontecimentos do dia em redondilhas compostas de repente, métrica e rimas perfeitas” (REZENDE, 2016, p. 29). Maria. Este é o nome da jovem balzaquiana que desembarca em Olho d’Água sem conhecer absolutamente nada nem ninguém. Este gesto aparentemente simples carrega consigo sentidos profundos, visto que conota liberdade no ir e vir, independente das distâncias que se deva percorrer e os desafios que se supõe encontrar. Maria foi o nome da mãe de Cristo. Aquele mesmo Cristo que permaneceu longos períodos no deserto sem ter o que comer e beber muito semelhante ao que ocorre com os sujeitos que viveram e que ainda vivem nos muitos cantos presentes nos sertões nordestinos.

Na peça de teatro *Auto da compadecida* (2005), Ariano Suassuna, insere ficcionalmente a virgem Maria nesta obra para que ela possa, no momento do juízo final interceder pelos seus filhos pecadores tomando para si as dores das suas faltas cometidas e misericordicamente advogando em prol dos nordestinos Chicó e João Grilo afim de que estes sejam redimidos de seus deslizes e salvos no reino eterno. É esta mesma Maria-Compadecida quem argumenta inúmeras vezes em defesa destes pequenos justificando suas fraquezas e desmazelos tendo em vista que o fizeram não por maldade ou má intenção, mas tendo como objetivo aliviar suas fomes e sofrimentos decorrentes de suas condições existenciais precárias e subhumanas em que viviam. O cantor Milton Nascimento e o compositor Fernando Brant preocuparam-se em criar uma canção cuja letra é poesia. Esta música diz muito em relação às muitas Marias existentes no nosso país que lutam cotidianamente não apenas em prol dos seus sustentos diários, mas muitas vezes também dos seus companheiros e filhos. São Marias empregadas domésticas, garris, cozinheiras, caixas de supermercados, artesãs, parteiras, lavadeiras, camareiras – para citar apenas alguns exemplos. De maneira que a canção *Maria, Maria* na voz de

Milton Nascimento faz emergir na junção de letras e melodia homenagem às todas as Marias brasileiras:

Maria, Maria  
 É um dom, uma certa magia  
 Uma força que nos alerta  
 Uma mulher que merece  
 Viver e amar  
 Como outra qualquer  
 Do planeta

Maria, Maria  
 É o som, é a cor, é o suor  
 É a dose mais forte e lenta  
 De uma gente que ri  
 Quando deve chorar  
 E não vive, apenas aguenta  
 Mas é preciso ter força

É preciso ter raça  
 É preciso ter gana sempre  
 Quem traz no corpo a marca  
 Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria

De acordo com as estrofes, é possível perceber que o público das Marias às quais se direciona a canção “Maria, Maria” faz referência às trabalhadoras que se situam nas classes socioeconômicas menos favorecidas e que, portanto, sentem na própria pele o sofrimento diário de sua condição visto que é justamente esta parcela de mulheres que cotidianamente mais sofre com as múltiplas jornadas de trabalho diárias, desempenhando atividades laborais mal remuneradas por não terem tido oportunidades de qualificação e em situações que abrangem os trabalhos informais, ou seja, funções que se as pessoas pudessem escolher certamente não desenvolveriam. A escritora Maria Valéria Rezende tinha consciência do peso e significado do nome Maria, uma vez que não se trata de designação elitizada, abonada, superior em distinção e em *status*. Trata-se de dar uma nomeação feminina compatível com a realidade que descreve no seu romance *Outros cantos* (2016) e às muitas

mulheres-Marias que o compõem. Dado o contexto histórico em que esta ficção se passa e que é caracterizada pela ditadura militar, se faz possível imaginar o clima de tensão, medo e pavor que circulam na região em que vivem os poucos habitantes de Olho d'Água. Maria não é de fato o nome verdadeiro da personagem na ficção, mas apenas uma designação proposital dada pela escritora à personagem para que a professora e militante recém-chegada no povoado possa se diluir mais facilmente em meio a tantas Marias-nordestinas:

'Maria, Maria'. Demorei a reconhecer-me no nome chamado [...] Um bando de meninos me espreitava. Nos peitos, o teclado perfeito das costelas expostas; nas costas, saliências pontiagudas, duros cotos de asas cortadas antes mesmo que viessem a luz pela primeira vez. Nus vieram ao mundo e nele permaneciam, quase nus e inocentes, não por serem incapazes de fazer o mal, mas por serem ignorantes do mal que lhes podia ser feito. Riam à minha volta, com a alegria de quem descobre pela primeira vez o hipopótamo no zoológico [...] Quando assim me chamaram pela primeira vez e respondi 'Eu... Bom dia', cada um deles pôs-se a repetir 'Bom dia, Maria' e, rindo, encolhiam-se uns por detrás dos outros, assustados com seu próprio atrevimento [...] 'Maria, Maria, Maria', iam-me nomeando, eu me reconhecendo, 'Bom dia', somente Maria, um dos nomes que certamente me pertenciam, mas até então tinha ouvido apenas na chamada da escola ou na voz de minha mãe quando se enfadava, o nome que declarei ao chegar, nem sei mais a quem, para servir-me como senha, fazer-me uma entre todas as outras Marias do lugar onde eu devia esconder-me, tornar-me como um peixe dentro d'água (REZENDE, 2016, p. 14, 15, 16).

Há outras Marias no povoado de Olho d'Água. Marias como a tecelã Fátima que sozinha cuida do sustento de seus dois meninos "Biuzinho" e "Jonas" enquanto o marido "Tião" (REZENDE, 2016, p. 54, 55, 35) tenta amenizar as penúrias dos seus destinos indo trabalhar nas metrópoles urbanas. Fátima, a esposa e mãe dos garotos é exemplo vivo de que as diferenças físicas entre homens e mulheres não são empecilho na hora de labutar diariamente pelo sustento próprio e da família:

Ela, Fátima, ficou, seca, quem sabe se viúva. Por um tempo incontável. Mulher sem tear e sem homem, assumiu trabalho de macho, tingindo fio no lugar de um ou outro impedido por doença, luto, viagem ou devoção. Urdia teares de outras famílias, trançava varandas ao fim do dia. Por centavos, ou por um alguidar de milho, ou por seis paus de macaxeira, duas rolinhas, seus meninos caçando lenha no mato, sempre arranhados, os pés estrepados, por centavos. Mais pobre que todos, Fátima. O marido não lhe mandava nem tostão do que ganhava, era tudo para o tear, nem notícias, analfabeto (REZENDE, 2016, p. 36).

A luta pela vida se traduz na perseverança diária em prol da sobrevivência. Não havendo dinheiro vivo para pagar o alimento, permuta-se, trocam-se alimentos por trabalhos, por favores. A solidariedade também exerce a função da ajuda entre os membros existentes da pequena comunidade uma vez que o exercício do companheirismo e compaixão são constantemente presentes na passagem dos dias, dos meses, dos anos. Dentre as muitas Marias do povoado, Dona Amélia é mais uma delas. Parteira experiente que realiza em sua própria casa o parto da nora "Maria do Socorro". E, como a natureza ao mesmo tempo em que é sábia igualmente torna-se cruel com os sujeitos quando estes

adquirem o peso da longevidade sobre as suas costas, com a idosa “Dona Amélia” (REZENDE, 2016, p. 112, 117) a situação não é distinta. Esta mulher, sozinha se encarrega de cuidar do marido, igualmente idoso, acamado e doente assim como presta seus cuidados à nora:

Na única casinha perto o suficiente para eu ouvir tão claramente o que se passava lá dentro, de parede-meia com a minha, mas onde eu nunca tinha sido convidada para entrar, só morava um casal de velhos. Ele, definhando numa rede, já nada dizia, nem parecia mais morar naquele corpo, que só nos olhos muito fundos, por vezes dava um tênue sinal de vida como um fugido reflexo de céu no pouco de água restante em fundo de poço quase seco. Ela tampouco dizia nada ou quase nada porque seu fôlego mal dava para carregar o mínimo de água necessário para cuidar dele e de si e, em troca de alimento e da água que lhe davam, ainda segurar as pontas das varandas para as coutras trançarem e manter sua dignidade de mulher trabalhadeira. Muitas vezes corri para ajudar com o pote quando a via, encurvada, capengando, quase caindo. Outras vezes, nunca mais que uma vez ao dia, calhava-me vê-la, cambaleando pelo caminho, na difícil tarefa de equilibrar numa das mãos um pratinho envolto em um pano que quase nada parecia conter, na outra uma canequinha de folha de flandres tapada por um pires de cerâmica grosseira (REZENDE, 2016, p. 110, 111).

Dona Amélia também representa muito bem a existência vivida pelas muitas Marias descritas através da canção de Milton Nascimento. Parteira, mas também ajudante no processo artesanal que é a confecção das redes, esta senhora trabalhadora de avançada idade luta cotidianamente com as forças que tem e com as que já não mais possui a fim de que possa manter em pé sua dignidade e a da família. E, assim como Fátima, também recai sobre os seus ombros a dura tarefa diária de sustentar a si mesma e aos seus. Todas estas Marias, seus companheiros e filhos vivem uma realidade muito restrita em termos de acesso aos bens culturais, materiais e educacionais. No primeiro caso trata-se da falta de acesso a uma cultura socialmente legitimada e abrangente no que se refere à produção cultural mundialmente conhecida, tais como acesso a determinadas pinturas/museus, peças de teatro, variados tipos de composições musicais, concertos, danças, acesso a viagens nacionais e internacionais, restaurantes, cafés, livrarias, etc. Destacamos a ideia da falta de acesso a uma cultura socialmente legitimada por instituições sociais uma vez que entendido o conceito de cultura enquanto modos de vida e de trabalho vivenciados diariamente é indubitável que este pequeno povoado tenha sim seus costumes e cultura próprias. Isto fica muito claro no decorrer do romance através das festas de fim de ano em que a alegria, empolgação e a fé fazem renovar as energias rumo a continuação da vida:

Ai, a agitação daqueles dias! Alvoradas, rojões, trabalho, a sesta omitida em troca de ouvir a banda a tocar coisas profanas, ‘Acorda, Maria Bonita, acorda pra fazer café...’, ‘A ema gemeu no tronco do juremá... Dá-me um beijo, dá-me um beijo pra esse medo se acabar’, que o povo cantarolava baixinho para não desrespeitar a primazia dos pífanos, e a genial ‘Briga do cachorro com a onça’, que eu não me cansava de pedir de novo. Logo, mais trabalho, a luta não podia parar, mais cansaço, alegre porém, a janta exígua, apressada, a banda, o terço, os cânticos, as rezas de novena, e depois novas histórias arrancando suspiros e exclamações

assombradas, ‘Medo eu tive foi quando a gente, menino pequeno ainda, teve de tocar pro homem em pessoa, Lampião, ninguém menos, na vila de Tacaratu’, e música, muita música balançando os corpos e os ramos das algarobas. Muito pouco se dormiu naquelas nove noites! (REZENDE, 2016, p. 68).

A questão da precariedade econômica se faz notável nos mais variados aspectos da existência do povoado de Olho d’Água. As flores que enfeitam as festividades não podem ser compradas, “Tinham sido feitas por elas mesmas, ao longo do ano, com o papel que vinha enrolado os fardos de fio e os restos das anilinas que sobravam no fundo das banheiras de tingir” (REZENDE, 2016, p. 67). Para que o sofrimento se torne ainda maior e intenso devido a falta de recursos materiais, devem-se destacar ainda as privações alimentares de toda ordem:

O canto sob as algarobas era sinal de que já estavam os potes cheios, as cabras amarradas a algum esqueleto de arbusto, o fogo aceso sob os telheiros entre as casas e os currais, moído o milho e consumido o cuscuz da madrugada, o feijão a ferver nos caldeirões de barro enegrecido, ou sinal de que já se haviam esvaiado os pratos de sua parca mistura de feijão com farinha, talvez enriquecida por laivos de sabor de carne de um preá ou de uma rolinha, saídos do bisaco de algum vaqueiro (REZENDE, 2016, p. 21).

A questão da alimentação restrita de nutrientes foi estudada por Antônio Cândido através de sua pesquisa bibliográfica e etnográfica feita na região rural de São Paulo na década de 40 e 50. *Os parceiros do Rio Bonito* (1987), livro resultante deste estudo nos mostra como se dava a alimentação das famílias que viviam como parceiros nas terras que cultivavam. Apesar de diferente geografia em relação ao nordeste brasileiro, são comuns os aspectos das restrições alimentares vividas cotidianamente por esses sujeitos caipiras, sejam eles constituintes da região paulista ou nordestina. Como a alimentação diária é rica em carboidratos, as carnes significam o que se denomina popularmente como “mistura”, ou seja, algo que figura no prato, mas não pode ser comparada em quantidade com os outros alimentos por ser de porção bastante inferior, quando aparece na mesa destes trabalhadores. Antônio Cândido apontou que isso gera o que ele chama de “fome psicológica”, o que significa que sempre está presente nestes sujeitos a vontade de comer os alimentos que se fazem insuficientes no prato ou que não podem constar no dia a dia desses indivíduos resultando, por isso, uma vontade psicológica constante de consumir esses produtos uma vez que não pode ser satisfeita na prática ao alimentar o corpo físico.

Assim como a alimentação, as moradias dos habitantes de Olho d’Água também se fazem simples ao extremo de haver falta do que se pode denominar um mínimo de conforto. “Fiz uma longa sesta na minha própria rede, trazida da minha casa por Biuzinho para recuperar a sua, ocupada por mim durante a noite enquanto ele se contentava com uma esteira” (REZENDE, 2016, p. 77). Em termos de educação formal o cenário não é muito diferente. Como o conhecimento formal não constitui para esta população pré-requisito para a execução das suas atividades laborais que executam e levando em consideração que as letras presentes nos livros não constituem parte de seu universo

cultural, não é exagero afirmar com base nas informações que nos fornece o romance de Rezende, que considerável parte da população desta região não é alfabetizada. Tudo isso para demonstrar o meio geográfico, cultural e educacional desta comunidade, pois é partindo dessas informações que é possível alargar a compreensão sobre os motivos pelos quais esta parcela da população vive da maneira como vive e que justifica em grande medida a estadia da professora Maria nesta comunidade. Existe uma distribuição assimétrica de bens econômicos de tal modo desigual que nesta região impera um coronelismo não apenas de terras, mas também da água. “Fui compreendendo. Ali naquela beira de mundo, os únicos bens indispensáveis que só o dinheiro comprava eram a água e o tear” (REZENDE, 2016, p. 33). Os teares que eram os meios de trabalho de todos os homens e mulheres do povoado eram do *Dono*. *Dono* com letra inicial maiúscula, como se Deus, fosse. Trata-se do Detentor de tudo e da mão de obra de todos extendendo-se desde os mais jovens até os idosos:

*Dono*, do morro que continha a milagrosa mina d’água perene, dono mesmo, ‘de papel passado’, disseram, dono da vida e da morte daquele território [...] Só ele tivera meios para trazer a máquina, os blocos e o cimento, mandar cavar aquela cacimba estreita e funda onde não faltava a água salobra essencial para sua tinturaria, tivera recursos para comprar a nora e as correntes que baixavam e levantavam os alcatruzes, dinheiro e poder para pagar e acobertar os jagunços e as armas que o representavam. E cobrava caro. Cada pote d’água doce, cada lata de água salgada custava dinheiro. Era o Homem, o mesmo dono do caminhão e do fio, sem o qual os preciosos teares nada valiam. Mandava o algodão cru e as anilinas e levava as redes deixando apenas alguns centavos pelo trabalho, quantia ínfima que voltaria quase toda aos seus cofres em troca de potes e latas d’água. Era preciso a labuta de uma família inteira, a vida inteira, era preciso herança familiar de um tear próprio, só para pagar a ração mínima de líquido durante os longos meses de estio (REZENDE, 2016, p. 33).

Trata-se da vida de muitas pessoas dependendo de um único ser. Este povoado está preso a esta situação e quando decide desvencilhar-se das amarras é migrando para os grandes centros urbanos e igualmente desenvolvendo atividades laborais mal remuneradas e informais visto que não há preparo profissionalizante para que possam ocupar postos de trabalho mais bem pagos e com um mínimo de direitos trabalhistas. Muitos, distantes da família optam por retornar e viver perto dos seus, geralmente voltando em condições muito semelhantes às que foram, quando carregados de ainda mais angustias e sofrimentos decorrentes das experiências amargas. A situação da comunidade ficcional de Olho d’Água poderia ser totalmente diferente se houvesse um interesse por parte da política local em proporcionar aos indivíduos o mínimo necessário para que pudessem ter opções de outros modos de vida e trabalho. Isso aconteceria se houvesse investimentos do governo em saúde, educação, cultura, geração de empregos e lazer. Isso não ocorre no povoado ficcional criado por Rezende, pois não há interesse em que esta ordem de coisas se altere:

‘Maria, Maria! Onde é que você se escondeu? Corra que o vereador está há tempos procurando por você, já quase vai s’embora’. Corri com eles e cheguei esbaforida ao galpãozinho do mercado onde encontrei o homem com um maço de papéis e um envelope

nas mãos, a comandar o que arrastavam estantes velhas e capengas para separar um compartimento num canto do espaço jamais inteiramente preenchido, pela esqualida feirinha, outros homens que descarregavam de uma caminhonete umas tantas cadeiras e mesinhas, todas estropiadas, sucata de alguma velha escola, e mais um desconhecido que mexia numa caixa na parede. Aquilo seria minha escola, e tive a tentação de protestar ou desanimar e recusar-me, mas um ruído de motor me deteve e, milagre! acendeu-se uma lâmpada elétrica na minha agora luxuosa sala de aula. ‘Então, professora, vamos trabalhar, que o ano letivo já vai avançado, só falta sua turma!’ como se fosse eu a culpada pelo atraso [...] Foi-se embora o vereador, acenando pomposamente, de pé no estribo da caminhonete com ares de benfeitor (REZENDE, 2016, p. 138, 139).

Maria, a personagem principal deste romance é uma ativista política. Ela faz parte dos grupos de pessoas que foram contra a ditadura militar brasileira que ficcionalmente é representada por Rezende neste romance. Ciente dos perigos que corria, ela e seus companheiros permaneciam longos períodos sem se comunicar e quando o faziam era através de códigos, senhas, mensagens subliminares:

Já me preparava para enviar aos companheiros, logo que se apresentasse a ocasião, segundo os complicados caminhos e códigos que havíamos estabelecido, uma mensagem a dizer que tudo estava correndo conforme o esperado, aguardassem o sinal para o próximo passo, mas não se preocupassem se a espera fosse longa, na realidade as mudanças eram muito mais lentas que nos sonhos, mas a hora chegaria (REZENDE, 2016, p. 144).

A professora Maria não apenas ideologicamente era contra esse sistema como também tinha como objetivo utilizar seus conhecimentos de docente para mudar a consciência do povoado de Olho d’Água para que pudessem ampliar suas visões acerca de seu entorno social mais próximo e abrangente. Para isso utilizaria a perspectiva educacional da conscientização proposta por Paulo Freire, o que equivale a dizer que ensinaria seus alunos e alunas a partir dos conhecimentos presentes em seu cotidiano:

Atardei-me examinando o material recebido. Percebi logo, era uma visão do método criado por Paulo Freire para alfabetizar conscientizando o povo de sua realidade e de seu próprio saber e poder. O caderno de orientações do professor, porém, reduzia tudo à mera técnica de decompor uma palavra em sílabas, modificá-las em novas vogais, recompô-las em novas palavras. Eu, porém, sabia muito bem como proceder para tirar daquilo mais do que o simples beabá, ir muito mais longe, despertar, eu acreditava, a consciência e a força do povo para mudar aquele mundo de injustiças (REZENDE, 2016, p. 139).

O empoderamento da professora Maria se dá muito fortemente através do componente político. De acordo com Moraes Rodrigues, o empoderamento político:

É aquele baseado no processo de tomada de decisões que afetam o futuro dos indivíduos, na participação de decisões que afetam o futuro dos indivíduos, na participação das decisões que afetam o futuro dos indivíduos, na participação das decisões coletivas, no engajamento dos movimentos sociais, na participação ativa nas questões que afetam os grupos (MORAIS; RODRIGUES, 2016, p. 99).



Esse conceito de empoderamento político se aproxima bastante daquilo que Landerdahl *et all* no artigo *Processo de empoderamento feminino mediado pela qualificação para o trabalho na construção civil* (2013), denomina de empoderamento comunitário, que é caracterizado pela presença de:

Fatores situados em distintas esferas da vida social. Estão presentes microfatores integrados ao plano individual, a exemplo do desenvolvimento da autoconfiança e da autoestima; na mesoesfera social, encontramos estruturas de mediação nas quais os membros de um coletivo compartilham conhecimentos e ampliam sua consciência crítica (LANDERDAHL *ET ALL*, 2013, p. 310).

A partir do momento em que passa a viver na comunidade de Olho d'Água desde aproximadamente antes de dezembro até meados da páscoa Maria passa a desenvolver ainda mais seu senso crítico e visão aguçada em relação aos desmazelos que observa cotidianamente nos quais estão imersos muitas trabalhadoras e trabalhadores artesãos. Seus conhecimentos teóricos constantemente estão em diálogos diretos e indiretos com os acontecimentos práticos que diariamente observa ou presencia, de maneira que a teoria e a prática se tornam constantemente convergentes e isso gera transformações significativas em seu ser. Na literatura brasileira regionalista de meados da década de 30 no Brasil, o romance *São Bernardo* (1984), de Graciliano Ramos também traz como uma de suas personagens principais a professora Madalena. Ela, semelhante a Maria também possui visão bastante crítica sobre o meio em que vive e constantemente realiza movimentos em prol do benefício da vida daqueles que estão ao seu redor, seja eles alunos ou trabalhadores da fazenda São Bernardo mesmo que para tal precise entrar em conflito constante com seu marido, fazendeiro e capitalista Paulo Honório em decorrência das oposições de pensamentos entre ambos:

Desde então comecei a fazer nela algumas descobertas que me surpreenderam. Como se sabe, eu havia me contentado com o rosto e com algumas informações ligeiras [...] Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano [...] meteu-se no escritório, folheou os livros, examinou documentos, desarmou a máquina de escrever, que estava emperrada. E dois dias depois do casamento, ainda com um ar machucado, largou-se para o campo e rasgou a roupa nos garranchos de algodão. À hora do jantar encontrei-a no descaroador, conversando com o maquinista. – Ora muito bem. Isso é mulher. Mas aconselhei-a a não expor-se: - Esses caboclos são uns brutos. Quer trabalhar? Combino. Trabalhe com Maria das Dores. A gente da lavoura só comigo. – A ocupação de Maria das Dores não me agrada. E eu não vim aqui dormir. – São entusiasmos do princípio. – Outra coisa, continuou Madalena. A família de mestre Caetano está sofrendo privações [...] – Doente... – Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo (RAMOS, 1984, p. 95, 96).

Se por um lado o destino de Madalena é trágico, pois morre definhando de tanta tristeza ao lado de Paulo Honório, pois se anula pessoal e profissionalmente vivedo enclausurada em sua casa. Com a professora Conceição, presente no romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, as coisas

se dão de modo bastante diverso e se assemelham mais ao que vivencia a personagem Maria do romance de Rezende. Isso ocorre porque apesar de Conceição também possuir sentimentos e ações de solidariedade e ajuda em relação à aqueles que estão ao seu redor fazendo tudo o que pode para ajudá-los, é bastante notável que sua independência pessoal e liberdade de ir e vir possuem um significado tão profundo e intenso que ela não abre mão deles por relacionamento algum:

Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que lhe criara desde que morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá. Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo de Mãe Nácia. Chegava sempre cansada, emagrecida pelos dez meses de professorado [...] Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora comos dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona. Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão... – Essa menina tem umas ideias! Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse *umas ideias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca da avó. Chegara até a se arriscar em umas leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíram as piores das tais *ideias*, estranhas e absurdas à avó. Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para seu uso ideias e preconceitos próprios (QUEIROZ, 1930, p. 13, 14).

Igualmente ocorre com Maria, desde o primeiro dia da sua estadia na comunidade de Olho d'Água um empoderamento psicológico e cultural. Dispondo-se a apreender os trabalhos braçais realizados pela maioria das pessoas do povoado, Maria fortalece os músculos do corpo através do trabalho pesado que a personagem Fátima lhe ensina. Estas atividades laborais vão desde a confecção dos alimentos:

Aprendi antes do que esperava, a moer, a mó de Fátima, o milho comprado aos bocados com centavos poupados da água, a umedecer a massa ao ponto certo, a acomodá-la num pano de algodão sempre incrivelmente limpo, dar-lhe a forma do cuscuz, acomodá-lo perfeitamente na larga boca cônica abrindo-se acima do bojo redondo da cuscuzeira de barro, especialmente torneada para sua função, beleza de desenho e olaria, pô-lo a cozer no vapor da água fervendo no oco do bojo, manter o lume (REZENDE, 2016, p. 28).

Até o trabalho com as tintas para tingir os fios das redes:

Havia uma única mulher a remexer uma caldeira de tinta, entre os homens mudos. Socorreu-me com solidária coragem falou comigo, explicou-me cada coisa que eu via, pegou-me pela mão e me levou a ocupar seu posto enquanto ia olhar seu fogo, seu feijão, seus meninos [...] seríamos duas a receber no rosto o vapor ardente subindo da tina, a tingir o fio como um homem, os braços dela fortes como os deles, os meus, por certo mais jovens, incapazes de mover o peso das meadas no mesmo ritmo (REZENDE, 2016, p. 24)

Além do empoderamento econômico, pois a professora vive de forma independente através do saldo que recebe do próprio salário no fim do mês, mesmo que este seja inicialmente bastante escasso “pagamentozinho daqueles, nem metade do mínimo” (REZENDE, 2016, p. 140).

Tudo isso além de influir diretamente no seu processo de compreensão da realidade social também atinge diretamente sua personalidade. Maria torna-se mais forte enquanto pessoa, mas também enquanto profissional que passa a conciliar as letras dos livros com as atividades laborais consideradas socialmente mais simples ao mesmo tempo que complexas, visto que se fazem fáceis de serem executadas para quem está acostumado, mas são inteiramente estranhas e difíceis para quem nunca as faz:

Encontrei ofício e família naquele canto escondido. Podia ficar, preenchida de estranha euforia, e, subitamente livre de uma espécie de cegueira frente ao desconhecido, comecei a ver a cada um, cada coisa, cada movimento em sua unidade e sentido [...] Aprendia eu, a cada dia, muito mais e indispensáveis saberes para a teimosa vida nos mais hostis cantos de mundo do que as letras que eu viera trazer-lhes, úteis apenas em mínimas ilhas de privilégio desigualmente espalhadas no globo terrestre (REZENDE, 2016, p. 24, 28).

Ao saber que estão à sua procura, Maria para salvar sua vida acaba por sair de Olho D'Água. Em termos materiais leva tão pouco quando trouxe, porém no que se refere à experiência e à amplitude de suas visões sobre si própria e sobre o mundo, carrega consigo uma bagagem enorme e intensa uma vez que não é mais a jovem mulher de alguns meses atrás quando tinha acabado de chegar nessa comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que o objetivo era pesquisar a questão do trabalho e do empoderamento feminino tendo como objetos de estudos romances que fossem de autoria de escritoras brasileiras contemporâneas, o processo de busca e de leitura se desenvolveu. Foi nesse percurso que se deu a leitura e a releitura de diversos romances que tinham como personagens principais mulheres trabalhadoras bem como autoras que desenvolvessem suas teorias tendo como base a questão do trabalho da mulher. Nesse sentido foi de fundamental importância as contribuições teóricas de Ricardo Antunes e Suzana Albornoz, Michelle Perrot, Simone de Beauvoir, Joan Scott, Margareth Rago, Heleieth Saffioti assim como as referências da literatura brasileira de Patrícia Galvão (*Parque Industrial* (2006) e Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014)). Conceição Evaristo (*Ponciá Vicencio* (2003), *Becos da Memória* (2013)) e Maria Valéria Rezende (*Vasto mundo* (2001), *Outros cantos* (2016) além de *O voo da guará vermelha* (2014) e *Quarenta dias* (2014)), entre outras.

Foi possível perceber que há uma grande quantidade de pesquisadoras pertencentes a vários locais de fala a partir das profissões que desenvolvem (economista, socióloga, psicóloga, educadora) e que são oriundas de diversos países, tais como: Índia, Colômbia e Estados Unidos que estão preocupadas em refletir não apenas na teoria como na prática social em que atuam a questão do empoderamento feminino levando em consideração que um dos fios condutores principais desse processo é a conscientização e a ação das mulheres em prol da transformação através do empoderamento. Há um diálogo convergente entre essas estudiosas sobre o fato de que do trabalho remunerado que a mulher trabalhadora desenvolve por mais modesto que possa parecer em um primeiro momento é uma via de libertação de condições diversas de dependência.

É notável a presença marcante de estudiosas mulheres pesquisando não apenas a questão do empoderamento feminino e do trabalho que desenvolvem as mulheres trabalhadoras, mas também de teóricas se debruçando em pensar questões relacionadas às temáticas das mulheres de forma geral quando se toma como objeto de estudo os romances da escritora Maria Valéria Rezende. Não há como deixar de levar em consideração o processo histórico recente desse fato. Trata-se de pesquisas feitas há poucos anos, mas que estão sendo realizadas por mulheres investigadoras que estão igualmente tendo a oportunidade de ocupar os bancos das universidades que antes eram destinados quase que exclusivamente aos homens.

Desse modo isso nos mostra no presente o que Virgínia Woolf nos apontava no passado, ou seja, ter *Um teto todo seu* (2014) e determinada quantia mensal de remuneração financeira para custear as necessidades de que as mulheres necessitam para viver dignamente possibilita que muitas

delas tenham condições não apenas de desenvolverem as atividades da escrita ficcional a que se referia Woolf, mas igualmente agir em prol de suas próprias formações pessoais e profissionais.

Nas últimas décadas, a ampliação do número de universidades públicas e o acesso de pessoas situadas em condições socioeconômica desfavorecidas às cadeiras universitárias significou também a possibilidade de mulheres aumentarem seus níveis de instrução formal. Elas começaram a ocupar os postos dentro das instituições de nível superior atuando como professoras e pesquisadoras. As linhas de pesquisa e conseqüentemente o desenvolvimento de investigações que tivessem como temática central a questão da mulher nos seus mais variados aspectos passou a ser fomentada e desenvolvida nos últimos anos. Pesquisadoras e estudantes buscam conhecer e se aprofundar mais sobre os assuntos relacionados com as condições de gênero visto que situações de desigualdade aconteceram no passado e se fazem ainda presentes na sociedade em que vivemos. Parece que são movimentos recentes se formos pensar ao longo da história, mas que se multiplicam e se intensificam na medida em que o despertar das consciências também ocorrem.

Nesse sentido um dos eixos principais desta pesquisa que envolve a palavra empoderamento traz em si outra imbricada denominada poder “empoderamento [...] significa, grosso modo, ‘dar poder’” (BERTH, 2018, p. 11) não possui como intenção ou objetivo prejudicar o outro, humilhar, diminuir, mas dar poder de igualdade entre os sujeitos. É notável que a presença do poder na nossa sociedade não é recente e tampouco se deu e ainda se dá de forma única, mas de maneira plural e multifacetada. Michael Foucault nos seus vários livros (*Vigiar e punir: o nascimento da prisão* (2011), *Microfísica do poder* (2014), *História da sexualidade I: Vontade de saber* (2015), *História da sexualidade II: O uso dos prazeres* (2014), *História da sexualidade III: cuidado de si* (2014)) nos mostra como ao longo do tempo o poder se deu de forma unilateral e prática através, por exemplo, das punições em praças públicas, mas nos elucida igualmente como o poder se faz presente também de forma muito sutil e quase invisível na sociedade do presente.

Esse poder que parece ser concretamente invisível aos olhos ocorre através do assédio moral, sexual, “brincadeirinhas” de mau gosto e que de alguma maneira ferem o outro podem configurar abusos de poder e se caracterizam naquilo que Pierre Bourdieu caracterizou em seu livro *Dominação masculina* (2014) como “violência física” e “violência simbólica”. É um engano acreditar que o poder se dá apenas em determinadas esferas sociais ou em determinados grupos socioeconômicos. O poder está em toda parte e se faz presente o tempo todo.

Nesta pesquisa enfatizou-se a questão do empoderamento a partir do que propõe a pesquisadora Nelly Stromquist no que se refere aos componentes “cognitivos, psicológicos, políticos e econômicos” (STROMQUIST, 1997, p. 79), uma vez que estes conceitos foram utilizados como base para a análise de cada uma das personagens Mocinha, Eulália e Maria presentes nos romances *Vasto mundo* (2001) e *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende. No entanto, foi possível

perceber que a questão do empoderamento feminino não é tão simples como pode parecer à primeira vista, pois de acordo com o olhar que lhe lançamos e com as teorias que utilizamos ele pode ser observado sob muitas características diferentes dependendo da realidade social e psicológica da mulher que passa por esse processo que é gradual, muito particular e que demanda um aprofundamento enorme em relação ao autoconhecimento.

Assim, de acordo com uma diversidade grande de bibliografias estudadas sobre a questão do empoderamento, dentre as quais se destacam: *Los derechos de las mujeres son derechos humanos: La agenda internacional del empoderamiento* (1997), de Margareth Schuler, *O que é empoderamento* (2018), de Joice Berth, *Qué está mal con el empoderamiento?* (1997), de Stephanie Riger, *El marco conceptual de igualdad y empoderamiento de las mujeres* (1997), de Sara Logwe e R. Clarke, entre outras percebemos que a questão do empoderamento é bastante abrangente. Por exemplo, o empoderamento ocorre quando uma mulher adquire maior poder de decisões dentro de sua casa e na sua vida, a partir do momento em que desenvolve maior visibilidade dentro da comunidade onde vive, quando há a superação pessoal de opressões, no desenvolver de sua autoestima através do autocuidado, quando a mulher fortalece não apenas seu capital econômico, mas também o capital social visto que amplia e solidifica sua rede de relações e apoio. O empoderamento se desenvolve também no processo de aquisição da independência não apenas econômica, mas afetiva.

O empoderamento não escolhe classe socioeconômica ou idade. Não vê nível de escolaridade e *status*. Ele atravessa fronteiras, estados e países. Não observa etnias e culturas e seu tempo de desenvolvimento é também singular visto que cada pessoa possui suas especificidades e ritmos próprios. O empoderamento é uma metamorfose muito particular para cada mulher, pois é o processo decorrente da transformação paulatina e gradual de cada uma. Os acontecimentos da vida são únicos para cada ser assim como as experiências decorrentes do processo de viver. Assim também o empoderamento pode se desenvolver de uma maneira para uma mulher e de modo distinto para outra, uma vez que ele age de dentro para fora.

Os processos de empoderamento pelos quais passaram as personagens Mocinha, Eulália e Maria de *Vasto mundo* (2001) e *Outros cantos* (2016) são distintos. São diferentes porque também assim são suas realidades sociais, suas faixas etárias, suas experiências de vida e as situações pelas quais tiveram que passar até desenvolverem seus processos de empoderamento. Com a personagem Mocinha isso se deu muito cedo, pois também sua idade é tenra. Ter poucos anos e pertencer a uma camada social baixa não a impossibilitou de lutar pela vida e por sua existência desde muito jovem. Como nunca fora percebida por ninguém sequer pelos membros de sua própria família o que sempre ouviu foram palavras de pouco caso quando o silêncio não representava em seu meio ser ignorada e despercebida por todos aqueles que estavam ao seu redor. A partir do momento em que se sente percebida enquanto sujeito a ordem das coisas se alteram para si. Sente-se sujeito social e essa

percepção faz com que a moça passe a se empoderar na esfera de aquisição da autoestima, do autocuidado, nos movimentos que faz para adquirir mais um trabalho no ramo da política e quando se sente livre e dotada de confiança para se deslocar em espaços antes quase desconhecidos.

Com a personagem Eulália, o empoderamento também ocorre na esfera do autoconhecimento, mas está mais direcionado com a oportunidade que esta jovem senhora, de classe econômica elevada, encontra de permanecer só. É a solidão que possibilita Eulália refletir e perceber que estava até então tendo uma existência calcada na total submissão e nas muitas violências físicas e psicológicas que sofria de seu marido. Sem possuir voz e vez sua única ação tinha sido obedecer e nunca questionar o que quer que fosse, pois faltava a si consciência de sua própria situação e realidade. É a partir da ausência do esposo que ela passa a se empoderar através do trabalho porque passa a desenvolver atividades relacionadas à administração da própria fazenda que antes eram feitas exclusivamente pelo seu marido Paulo Honório. Administra com maestria e cuidado. E no passar dos dias cresce e desabrocha porque não está submetida ao medo e a humilhação. Vê, portanto, que outras formas de vida e de trabalho são possíveis. Trata-se por isso mesmo de um caminho sem volta rumo à liberdade do seu ser.

O empoderamento da mulher balzaquiana Maria ocorre de forma diferente em relação às personagens Maria e Eulália. Isso, porque a situação vivida por ela também é diferente das outras duas mulheres. Sendo professora e ativista política seu histórico de vida e de trabalho é permeado por muitas viagens, por leituras pertencentes a uma cultura letrada e isso faz com que ela tenha uma visão mais teórica e menos prática da realidade. No entanto, isso muda a partir do momento em que passa a conviver quase que diariamente com a tecelã Fátima, mulher de pouca instrução, mãe e trabalhadora braçal incansável que dedica seus dias a cuidar do seu próprio sustento e dos filhos visto que o marido migra para as grandes metrópoles em busca do tão sonhado tear.

O processo de empoderamento de Maria se dá muito significativamente pelos impactos culturais que passa a viver a partir do momento em que se muda para a comunidade de Olho D'Água. O processo de remexer a bacia com água fervente para tingir os fios que serão a base para as confecções das redes, acender o fogo, pegar água o poço, fazer cuscuz, além de sofrer na pele privações de toda ordem no que se refere à alimentação e a moradia a faz refletir constantemente, se questionar e mudar a visão sobre si própria a partir dos muitos contatos e estranhamentos que se dão a partir do choque cultural e vivência em relação aos demais habitantes olhodaguenses.

A conscientização sobre a própria condição em que vive a mulher trabalhadora seja de classe socioeconômica baixa ou elevada parece ser condição fundamental e primordial afim de que possa abrir seus olhos e ver a si mesma de modo diferente e conseqüentemente agir ativamente sobre si própria e sua realidade para modificar aspectos de sua existência pessoal e profissional. É nesse sentido que o trabalho ganha proporções tão significativas, pois o labor feminino remunerado

caminha no sentido direto da liberdade da mulher. Liberdade de ir e vir de forma independente, ou seja, liberdade de escolhas, de movimentos e de atuação sobre a sua própria vida e sobre a sociedade de uma maneira geral.

Os tempos atuais são bastante propícios ao desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres trabalhadoras visto que muitas conquistas já foram alcançadas no decorrer das últimas décadas do processo histórico. Adquirir o direito de exercer atividade remunerada fora do ambiente doméstico e ter espaço nos bancos universitários são dois exemplos importantes que nos dizem sobre a abertura de espaços ocupados atualmente pelas mulheres e que seriam impensados no passado, pois eram predominantemente masculinos. Tudo isso obviamente não se deu ao acaso e de forma fácil, pois demanda modificações na sociedade e na forma de pensamento das pessoas. E nessa perspectiva de continuidade de mudanças não apenas do presente, mas também em relação ao futuro que se faz importante a educação das crianças. Educar meninas e meninos para a importância do respeito, da igualdade de oportunidades e direitos denota plantar as sementes no presente para colhê-las no futuro através de doses mais generosas de compreensão, solidariedade, união e companheirismo entre as pessoas.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA.** In:

[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf) Acesso em: 12 fev. 2019.

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas.** Tradução Cristina Baum. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015. 64 p. Tradução de: We should all be feminists.

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. Provérbios. Capítulo 31.

Versículos 10 a 31. Disponível em: <<https://www.lds.org/scriptures/ot/prov/31.10-31?lang=por>>

Acesso em: 24 jul. 2017.

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho.** São Paulo: Brasiliense, 2008. 102p.

AS SUFRAGISTAS. Direção: Sarah Gavron. Produção: Alison Owen e Faye Ward. Intérpretes: Carey Mulligan; Helena Bonham Carter; Brendan Gleeson; Anne-Marie Duff; Bem Whishaw; Merul Streep. Roteiro: Abi Morgan. Reino Unido: Universal Pictures. 2015. 1 DVD (106 min.), son., color. Título original: Suffragette.

ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas.** Porto Alegre: L&PM, 1997. 216p.

AZEVEDO, A. **O cortiço.** 33. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998. 207p.

BATLIWALA, S. El significado del empoderamiento de las mujeres: Nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, M. (org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres.** Santafé de Bogotá: Editores Tercer Mundo, 1997. p. 186-211.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo.** Tradução Sérgio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 936 p. Traduzido de: Le deuxième sexe.

BENTO, C. A. O espaço na literatura e o espaço da literatura. **Caligrama, v.17, n.1, p.7-22, 2012.**

BERTH, J. **O que é empoderamento?** 1. Ed. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. 112p.

BÍBLIA PORTUGUÊS. Disponível em : <<http://bibliaportugues.com/matthew/19-24.htm>> Acesso em: 9 dez. 2017.

BORGES FILHO, O. Espaço e literatura: introdução à toponálise. **XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 2018.** Disponível em:

[http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS\\_FILHO.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf)

Acesso em: 6 out. 2019.

BOSI, A. **História Concisa da literatura brasileira.** 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 528p.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento.** Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP, 2008. 556p. Tradução de: La distinction. Critique sociale du jugement.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina:** A condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014. 176p. Tradução de: La domination masculine.

- CANDIDO, A. *A nova narrativa*. In: \_\_\_\_\_ **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A revolução de 30 e a nova cultura*. In: \_\_\_\_\_ **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CARMICHAEL, S.; HAMILTON, C. **Black Power: The politics of Liberation**. New York: Random House, 1967. 256p.
- CRENSHAW, K. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. In: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf> Acesso em: 05 mar 2019.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**, n. 110, p. 67-104, 2000.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 236p.
- BUTLER, J. *Vida precária, vida passível de luto*. In: \_\_\_\_\_. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** Tradução Sérgio T. de N. Lamarão e Arnaldo M. da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 288p. Tradução de: *Frames of war: When is life grievable?*
- CANDIDO, A. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: \_\_\_\_\_. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Paulo: Duas cidades, 1987. 284p.
- CECCARELLO, V. H. P. **O debate acerca do regionalismo nos dias atuais: O caso da obra de Milton Hatoum**. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24698.pdf> Acesso em: 4 jan. 2019.
- CIÊNCIA SOCIAL CEARÁ. Disponível em: <http://cienciasocialceara.blogspot.com.br/2012/07/farinhada-o-que-e.html> Acesso em: 4 dez. 2017.
- COSTA, A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Disponível em: <https://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2012/02/5-empoderamento-ana-alice.pdf> Acesso em: 16 ago. 2017.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**. v.10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. In: <https://we.riseup.net/assets/165852/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf> Acesso em: 5 mar 2019.

DICKENS, C. **Tiempos difíciles**. Disponível em:

<http://www.latertuliadelagranja.com/sites/default/files/Dickens%2C%20Charles%20-%20Tiempos%20dif%C3%ADciles.pdf>> Acesso em: 11 agosto 2017.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008. 384p. Tradução de: Die Lage der Arbeitenden Klasse in England.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003. 120p.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Prefácio de Simone Pereira Schmidt; posfácio de Maria Nazareth Soares Fonseca. Florianópolis. Ed. Mulheres, 2013. 200p.

\_\_\_\_\_ **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Cordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2011. 291p. Tradução de: Surveiller et punir: Naissance de la prison.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. 1 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a. 319p. Tradução de: Histoire de la sexualité, tome 2: L'usage des plaisirs.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade III: cuidado de si**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. 1 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b. 306p. Tradução de: Histoire de la sexualité, tome 3: Le souci de soi.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014c. 432p. Tradução de: Une microphysique du pouvoir

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. 2 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2015d. 176p. Tradução de: Histoire de la sexualité, tome 1: La volonté de savoir.

FREYRE, G. **Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. 15 ed. São Paulo: Global, 2004. 968p.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51 ed. Ver. São Paulo: Global, 2006. 719p.

GALVÃO, P. **Parque industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. 126p.

GINSBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução Maria Betânia Amoroso; José Paulo Paes; Hilário Franco Jr. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 256p.

GONZAGA, L. Farinhada. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/farinhada.html>

Acesso em: 04 dez. 2017.

GRIECO, F.; FONSECA, P. C. L. **Os novos realismos nas vozes narrativas de Outros Cantos, de Maria Valéria Rezende, e A hora da estrela, de Clarice Lispector.** Disponível em:

<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/5304/3>

141 Acesso em: 5 de jan. 2019.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **A classe operária tem dois sexos.** Estudos feministas. 1 semestre 94. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16291/14832>> Acesso em: 15 dez. 2017.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos Impérios: 1875-1914.** Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 546p. Tradução de: The age of empire, 1875-1914.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991.** Tradução Marcos Santarrita. 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 632p. Tradução de: The short twentieth century: 1914-1991.

HOBSBAWM, E. J. **A era do Capital: 1848-1875.** Tradução Luciano Costa Neto. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 549p. Tradução de: The age of capital 1848-1875.

HOBSBAWM, E. J. **A era das Revoluções: 1789-1848.** Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. 464p. Tradução de: The age of revolution. Europeu 1789-1848.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986p.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada.** 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. 176p.

JÚNIOR, A. **Teoria, crítica e história literária.** São Paulo: EDUSP, 1978. 287p.

KABEER, N. Empodramiento desde abajo: Qué podemos aprender de las organizaciones de base? In: LEÓN, M. (Org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres.** Santafé de Bogotá: Editores Tercer Mundo, 1997.

LANDERDAHL, Maria Celeste; VIEIRA, Letícia Becker; CORTES, Laura Ferreira; PADOIN, Stela Maris de Melo. **Processo de empoderamento feminino mediado pela qualificação para o trabalho na construção civil** Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452013000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200015). Acesso em: 16 de jan. 2019.

LEÓN, M. El empoderamiento em la teoría y práctica del feminismo. In: \_\_\_\_\_. **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santafé de Bogotá: Editores Tercer Mundo, 1997.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 87p.

LISPECTOR, C. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. 220p.

LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 136p.

LONGWE, S.; CLARKE, R. El marco conceptual de igualdad y empoderamiento de las mujeres. In: LEÓN, M. (Org.) **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santafé de Bogotá: Editores Tercer Mundo, 1997.

LUFT, L. **As parceiras**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980. 149p.

LUFT, L. **O ponto cego**. São Paulo: Mandarim, 1999. 153p.

MAIA, Ana Paula. **Carvão animal**. São Paulo: Editora Record, 2011.

\_\_\_\_\_ **De gados e homens**. São Paulo: Editora Record, 2013.

\_\_\_\_\_ **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**. Editora Record, 2009.

\_\_\_\_\_ **O trabalho sujo dos outros**. Editora Record, 2009.

MELO, H. P. de; CASTILHO, M. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? **Revista de Economia contemporânea**. v.13, n.1, p.135-158, 2009.

MOI, Pierre Rivière, Ayant Égorgé Ma Mère, Ma Sœur Et Mon Frère. Direção: René Allio. Produção: René Allio; Pascal B. S. Toubiana; Jean jourdheuil. Intérpretes: Claude Hébert; Jacqueline Milliére; Joseph Leportier. França: Polsim Produção. 1976. 1 DVD (125min). son., color.

MORAIS, M. O.; RODRIGUES, T. F. **Empoderamento feminino como rompimento do ciclo de violência doméstica**. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/ojs/RCH/article/view/1771> Acesso em: 16 de jan. 2019.

MORLEY, H. **Minha vida de menina**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016. 328p.

MULDWOLF, B. **La feme à la recherche de sa persone, La feme à la recherche d' elle même**. Paris-Genebra: La Palatine, 1965.

OLHO D'ÁGUA. Disponível em: <[http://olhodagua.pb.gov.br/a\\_cidade/historia](http://olhodagua.pb.gov.br/a_cidade/historia)> Acesso em: 4 de dez. 2017.

OUTHWAIDE, W.; BOTTOMORE, T. **DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 970p.

PAIVA, J. S.; PEREIRA; A. C. M. **A mulher possível do sertão de *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende.** Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10287>

Acesso em: 5 de jan. 2019.

PAUGAM, S. O homem socialmente desqualificado. In: BELFIORE- WANDERLEY, M.; BÓGUS, L.; YAZBEK, M. C. (Org.). **A desigualdade e a questão social.** 4 ed. São Paulo: EDUC, 2013.

PERFUME: A história de um assassino. Direção: Tom Tykwer. Produção: Andrew Birkin; Bernd Eichinger; Martin Moszkowicz. Intrépretes: Bem Wishaw; Dustin Hoffman; Alan Rickman; Rachel Hurd-wood; Jessica Schwarz; Karoline Herfurth; John Hurt. Alemanha, França, Espanha: Constantin films. 1DVD (147 min) 2006. son., color. Título original: Perfume: The Story of a Murderer.

PERPÉTUO, C. L. O conceito de interseccionalidade: Contribuições para a formação no ensino superior. **V Simpósio Internacional de Educação Sexual 2017.** Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3159.pdf> Acesso em: 6 out. 2019.

PERROT, M. Mulheres. In: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora UNESP 2003.

PISCITELLI, A. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.** Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/4295>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

POE, E. A. **O homem da multidão.** Contos. São Paulo: Cultrix, 1986.

POLESSO, N. B. **Regionalismo: A zona crepuscular da literatura.** Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2010v15n2p117/15956> Acesso em: 4 jan. 2019.

PORTER, H. H. **Pollyanna.** Tradução Paulo Silveira. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2005.

PORTER, H. H. **Pollyanna Moça.** Tradução de Monteiro Lobato. 33 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003. 202 p. Tradução de: Pollyanna grows up.

QUARTIM DE MORAES, M. L. Cidadania no feminino. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Org.). **História da cidadania.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

QUEIROZ, R. de. **Memorial de Maria Moura.** São Paulo: Siciliano, 1992. 482p.

QUEIROZ, R. de. **O quinze.** São Paulo: Círculo do livro, 1930.

RADIO CULTURA BRASIL. Disponível em: <<http://culturabrasil.cmais.com.br/playlists/roberto-canta>> Acesso em: 26 mar. 2018.

RAGO, M. Gênero e história. Disponível em:

<<http://www.cntgaliza.org/files/rago%20genero%20e%20historia%20web.pdf>> Acesso em: 12 fevereiro 2017.

RAMOS, G. **São Bernardo**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984. 113p.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 1993. 155p.

RAUPP RIOS, R.; SILVA, R. da. Discriminação múltipla e discriminação interseccional: aportes do feminismo negro e do direito da antidiscriminação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.16, p. 11-37, 2015.

RESENDE, B. V. de; DAVID, N. A. **A cidade e a escrita do corpo em Quarenta Dias**.

Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/13736> . Acesso em: 5 de jan. 2019.

REZENDE, M. V. **Outros cantos**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016. 152p.

REZENDE, M. V. **O voo da guará vermelha**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014a. 158p.

REZENDE, M. V. **Quarenta dias**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014b. 245p.

REZENDE, M. V. **Vasto mundo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015. 163p.

RIBEIRO, E. S. A humanização da cachorra Baleia vs. a animalização de Fabiano: uma análise descritiva da tradução do livro Vidas Secas para o cinema. **DARANDINA Revista Eletrônica**, v.1, n.2, p. 1-12, 2003.

RIGER, S. Qué está mal com el empoderamiento? In: LEÓN, M. (Org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santafé de Bogotá: Editores Tercer Mundo, 1997.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Bestbolso, 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528p.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. 120p.

SANT'ANA, R. C. **Quarenta dias em território selvagem: a crítica feminista e a literatura de Maria Valéria Rezende**. Disponível em:

[http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017\\_1522246573.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522246573.pdf) Acesso em: 5 jan. 2019.

SANTINI, J. **'Um lugar fora de lugar': mulher e o sertão em Maria Valéria Rezende**. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6671905> Acesso em: 5 de jan. de 2019.

SARAMAGO, J. **Memorial do convento**. 26ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 352p.

SARAMAGO, J. **Todos os nomes**. Lisboa: Caminho o campo da palavra, 1997.

SARDENBERG, C. M. B. **Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista, 2006**.

**Disponível em:**

<<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> Acesso em: 16 agos. 2017.



- SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SCHWARZ, R. A sorte dos pobres. In: \_\_\_\_\_. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SCHULER, M. Los derechos de las mujeres son derechos humanos: La agenda internacional del empoderamiento. In: LEÓN, M. (Org.) **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santafé de Bogotá: Editores Tercer Mundo, 1997.
- SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod\\_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf)> Acesso em: 06 jan. 2018.
- SILVA, A. P. **MICHAELIS**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 2267p.
- SILVA, B.; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986. 1421p.
- SILVEIRA, R. S.; NARDI, H. C. Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p.14-24, 2014.
- SYLVESTRE, F. A. **Resgatando identidades por meio da solidariedade e da literatura**: Uma análise das personagens Rosálio e Irene em O vôo da guará vermelha, de Maria Valéria Rezende. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/5490> .Acesso em: 5 de jan.2019.
- SOUZA, J. **A rale brasileira**: Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. 483p.
- SOUZA NEVES, A. L. M. de; MELO, B. S. A representação da velhice em Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1020> . Acesso em: 4 de jan. 2019.
- STROMQUIST, N. La búsqueda del empoderamiento: em qué puede contribuir el campo de la educación. In: LEÓN, M. (Org.) **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santafé de Bogotá: Editores Tercer Mundo, 1997.
- SUASSUNA, A. **Auto da Compadecida**. 35 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- SÜSKIND, P. **O perfume**: História de um assassino. Tradução Flavio R. Kothe. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 220p. Título original: Das Parfum, die Geschichte eines Mörders.
- TAPETE Vermelho. Direção: Luis Alberto Pereira. Produção: Luis Alberto Pereira; Rosa Nepomuceno. Intérpretes: Matheus Nachtergaele; Gorete Milagres; Paulo Betti; Rosi Campos. Brasil: Pandora Filmes, 2007. 1 DVD (102 min). son., color.

- TEMPOS Modernos. Direção: Charlie Chaplin. Produção: Charlie Chaplin. Intérpretes: Charlie Chaplin; Paulette Goddard; Henry Bergman; Stanley Sandford; Chester Conklin. Estados Unidos: Charlie Chaplin Film Corporation. 1936. 1 DVD (87 min), son., Preto & branco.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade volume 1.** Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011. 256p. Tradução de: The Making of the English Working Class.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: A maldição de Adão volume 2.** Tradução: Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 456p. Tradução de: The Making of the English Working Class.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: A força dos trabalhadores volume 3.** Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 624p. Tradução de: The Making of the English Working Class.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional.** Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 528p. Tradução de: Customs in Common: Studies in traditional popular culture.
- VANDENBOS, G. R. **DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA DA APA.** Porto Alegre: Artmed, 2010. 1042p.
- VASCONCELOS, A. R. R. B. **Espaço e literatura: Algumas reflexões teóricas.** 1993. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6316/4509> Acesso em: 6 out. 2019.
- VERISSIMO, É. **Clarissa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 216p.
- VIGNA, E. **O que deu para fazer em matéria de história de amor.** 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012. 208p.
- VIOLETTE. Direção: Martin Provost. Produção: Martin Provost; René de Ceccatty; Marc Abdelnour. Intérpretes: Emmanuelle Devos; Catherine Hiegel; Fabrizio Rongione; Frans Boyer. França, Belgica: Imovision. 1 DVD (132 min), 2013. Son., Color.
- WOLFF, C. S. Profissões, trabalhos: coisas de mulheres. **Revista Estudos feministas.** v.18, n. 2, p. 353-306, 2010.
- WOOLF, V. **Um teto todo seu.** Tradução Bia Nunes de Sousa; Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014. 192p. Tradução de: A Room of One's Own.



## ANEXO I

**Quadro 1:** Cruzamento entre classe social, trabalho e empoderamento das personagens Mocinha, Eulália e Maria presente nos romances *Vasto mundo* (2001) e *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende.

ROMANCE	PERSONAGEM	CLASSE SOCIAL	TRABALHO	EMPODERAMENTO
<i>Vasto mundo</i> (2001), de Maria Valéria Rezende	Mocinha (Balconista de Panificadora)	Baixa	Informal	<p>- Cognitivo: Mocinha é uma jovem mulher que vive em uma pequena cidadezinha e que desenvolve suas funções laborais como balconista de panificadora. Este trabalho exige pouca instrução formal e é caracterizado pela informalidade e pela ausência de status social. No entanto, apesar dessas questões Mocinha passa a ver a si própria, ou seja, seu corpo físico e psicológico de forma diferente a partir do momento em que se sente percebida socialmente, fato que nunca havia ocorrido em seu seio familiar visto que neste meio a jovem mal era percebida pelos seus parentes e inclusive amigos.</p> <p>- Econômico:</p> <p>A partir das mudanças sobre a sua própria percepção, que se dá através da sensação de ser percebida socialmente, Mocinha realiza diversos movimentos em prol de mudanças que alteram aspectos individuais e sociais em relação ao seu meio socioeconômico. Não estando mais satisfeita com o saldo que recebe como balconista de panificadora a jovem decide complementar sua renda mensal realizando trabalhos no período anterior às eleições políticas. Essa ação está diretamente relacionada com a aquisição de um saldo mensal mais elevado o que a possibilita ter acesso aos bens materiais que inicialmente seriam impossíveis sem um aporte econômico mais elevado, como: Um par de sandálias de plástico azul, um batom, um vestido, brincos dourados, uma blusa, uma saia, xampú, fivela para o cabelo, esmalte para as unhas.</p> <p>- Psicológico:</p>

				<p>Despertando o olhar para si mesma e para os outros, e realizando movimentos em prol de ganhos econômicos mais elevados dentro de sua possibilidade real de vida e de trabalho (que é fortemente caracterizada pelas restrições culturais-formais decorrentes do meio sociocultural de uma cidadezinha interiorana) que refletem na aquisição de objetos para si que antes seriam impossíveis, Mocinha passa gradualmente por um processo de mudança psicológica extremamente denso e dolorido até seu processo de libertação individual e social: Inicialmente, tenta soltar o cabelo, mas não consegue, vai em frente ao espelho para passar o batom para em seguida assustar-se e tirá-lo, usa o vestido novo e se sente estranha.</p> <p>O tempo passa, Mocinha persiste no seu processo de transformação diária até ver-se livre de todas as amarras sociais que até então a prendia e sufocava: seja através das críticas familiares, sociais, e inclusive seu antigo olhar sobre seu corpo físico e psicológico. A confiança, a atitude e assertividade passam a ser seus adornos de vida mais importantes, pois não surgem apenas de forma superficial e na esfera da aparência, mas brotam de forma profunda e significativa pois se desenvolvem na essência mais profunda de seu ser.</p>
<p><i>Vasto mundo</i> (2001), de Maria Valéria Rezende</p>	<p>Eulália (Fazendeira)</p>	<p>Alta</p>	<p>Formal/ Informal</p>	<p>- Cognitivo: A percepção cognitiva da personagem Eulália sobre si própria e sobre seu meio se iniciam a partir do momento em que ela, uma fazendeira que passava seus dias a desempenhar suas atividades laborais em torno do trabalho doméstico em seu lar, se percebe sozinha neste meio pois seu marido e fazendeiro Paulo Honório fica adoecido e precisa ser encaminhado para os tratamentos físicos das muitas feridas putrefatas que surgem no decorrer de todo o seu corpo. A jovem senhora se percebe completamente só e sem saber o que fazer perante os muitos comandos que precisa dar em relação à administração geral da fazenda e que era desenvolvido durante toda uma vida exclusivamente por seu marido. É também nesse processo cognitivo marcado pelo estranhamento de perceber-se completamente só em sua própria moradia, que a fazendeira passa a refletir sobre</p>

				<p>sua própria existência, sobre as funções que até então havia desempenhado durante toda e sua existência e sobre os novos direcionamentos que precisa dar.</p> <p>-Psicológico: Nesse processo, ocorre no interior da personagem Eulália várias sensações psicológicas distintas. Primeiro: sente-se completamente sozinha. Sente que não está mais do seu lado aquele esposo que a agredia de nos aspectos corporais e mentais, seja fazendo-a se sentir pequena de modo físico (pois, vivia de modo encolhido, reprimido, entristecido) e inclusive de modo psicológico (desvalorizando suas ações, subestimando-a, apequenando-a, gritando consigo). Em um segundo momento a fazendeira Eulália se percebe dona de exatamente tudo aquilo que seu olhar pode avistar. Sente-se completamente estranha nessa nova posição, pois jamais a tinha ocupado. Precisa de tempo para conscientizar-se de toda essa situação que é nova para si.</p> <p>-Político: O componente do empoderamento político de Eulália ocorre exatamente nessa sequência, pois a partir do momento que se vê em condições de administrar as questões da fazenda, o que implica desenvolver um cargo que implica ao mesmo tempo poder e comando, o faz de forma totalmente diferente daquela que desempenhava seu marido. Isso ocorre porque ao invés de reinar um patriarcalismo, o poder de mando verticalizado e o interesse unicamente nas questões econômicas próprias, a Eulália o faz de forma equilibrada, sensata, humanizada e levando em consideração as reais necessidades socioeconômicas daqueles sujeitos que dependem diretamente de si e de suas decisões. Imbuída do anseio e impulso por melhorias. Eulália manda reconstruir escolas para as crianças, passa-se trator pelas estradas de terra, abre-se corte e costura, distribui-se óculos de ver de perto e longe, doa-se cabras para que as mulheres grávidas possam tirar do animal o leite, aparecem médicos, dentistas e enfermeiras.</p> <p>Nesse processo percebe-se que a personagem Eulália administra e transforma inúmeras vidas para melhor, visto que administra suas ações levando em consideração a melhoria da existência dos sujeitos que dependem diretamente de si e que estão situados na base da pirâmide social.</p>
--	--	--	--	---

<p><i>Outros cantos</i> (2016), de Maria Valéria Rezende</p>	<p>Maria (Professora)</p>	<p>Baixa</p>	<p>Formal/ Informal</p>	<p>- Cognitivo: A personagem Maria, mulher de trinta anos possui uma percepção maior sobre a sua nova realidade ao chegar no pequeno e pobre povoado de Olho D'Água. Imersa no período histórico da ditadura militar brasileira e sendo professora e militante política um dos primeiros impactos desta intelectual é reconhecer-se no nome criado para si: Maria. Senha adquirida para não ter sua verdadeira identidade exposta e para "camuflar-se" mais facilmente em meio à tantas Marias nordestinas presentes no pequeno vilarejo nordestino olhodaguense.</p> <p>- Psicológico: O processo de empoderamento psicológico da personagem Maria se dá de forma gradual e contínua. Diferente das personagens Mocinha e Eulália em que se fazem mais visíveis na aparência física dessas mulheres, com Maria isso se dá muito marcadamente na questão cultural, pois desde o momento em que ela desembarca em Olho D'Água até o dia em que precisa sair dessa comunidade por motivos de perseguição política, a jovem professora que tem o intuito de modificar a forma de pensar daquelas pessoas da comunidade rumo a um despertar para a consciência política e crítica sobre o seu meio mais pessoal até social, a jovem modifica sua visão sobre aquela comunidade e sobre ela própria de modo intenso pois está totalmente imersa. De modo que é muito a partir da presença da tecelã e amiga Fátima que Maria aprende o valor da escassez do alimento e da água para aquelas pessoas, compreende o valor simbólico da chuva, pois a mesma denota vida, passa a perceber que muito do que faz aquela população manter-se firme perante as muitas dificuldades é a fé, etc.</p> <p>- Político: A questão política é muito forte nesse processo de formação e modificação de pensamentos e atitudes da jovem personagem e professora Maria. Seu intuito político principal é levar a educação formal para muitos adultos e crianças que por inúmeros fatores são destituídos disso que consideram privilégios das letras. Ao conviver com esses sujeitos ela percebe como a política institucional mais próxima da população de Olho D'Água na verdade não está minimamente preocupada com as condições de instrução daquelas pessoas. Isso pode ser percebido através do baixíssimo salário para a ela para ensinar, ao descaso no prazo de início das aulas visto que as atividades se iniciam depois de meses de atraso, além do descaso total com as condições</p>
--	---------------------------	--------------	-----------------------------	---

				<p>materiais em que esta educação ocorre pois chegam móveis totalmente sucateados e o local de ensino se caracteriza por um galpão abandonado.</p> <p>Maria sai de Olho D'Água totalmente modificada. Seu empoderamento se dá no sentido pessoal, através do aprendizado de muitas atividades até então desconhecidas, como: carregar água na cabeça, moer milho para fazer sua farinha, acender o fogo, mexer tinas com fios de rede por muito tempo, entre outras atividades laborais até então totalmente desconhecidas para si. Em âmbito social, ela possui uma clareza ainda maior sobre os desmazelos passados pelas pessoas que habitam aquela comunidade e percebe que muito ainda precisa ser feito para que a justiça social seja uma expressão não apenas contida nas leis, mas faça parte da vida e da realidade da população nacional como um todo.</p>
--	--	--	--	---